



ETNOS

FACES DA DIVERSIDADE





ETNOS

FACES DA DIVERSIDADE



Ministério da Cidadania e GetNet apresentam

ETNOS

FACES DA DIVERSIDADE

CURADORIA DE **MARCELLO DANTAS**



Convidamos a todos para um passeio pela cultura de cinco continentes por meio da exposição **ETNOS – Faces da Diversidade**. A mostra apresenta 150 máscaras que expressam a multiplicidade da representação facial como instrumento de reconhecimento da identidade humana.

Ao considerar que as máscaras nos dão a possibilidade de falar uma linguagem universal que não depende de idiomas, a exposição nos convida a refletir sobre a existência de uma comunicação não verbal que se estabelece, primordialmente, por meio de símbolos. A sensação de mistério e encantamento proporcionados pela evidência de uma linguagem capaz de prescindir do discurso, desconstrói convicções e concepções prévias e nos estimula à formulação de perguntas para as quais podem existir várias e distintas respostas.

Um olhar atento e curioso para a multiplicidade de expressões que o ser humano se habilitou a produzir desde tempos ancestrais até a contemporaneidade foi o que nos conduziu para a construção desse projeto tão singular que agora trouxemos ao Farol Santander em São Paulo.

PATRICIA AUDI

Vice-Presidente de Comunicação, Marketing,
Relações Institucionais e Sustentabilidade
Santander

8

ETNOS - FACES DA DIVERSIDADE
MARCELLO DANTAS

12

MÁSCARAS - ANCESTRALIDADES EM CONSTRUÇÃO
MARIA CATARINA DUNCAN

24

EXPOSIÇÃO
EXHIBITION

99

TEXTOS EM INGLÊS
ENGLISH TEXTS

ETNOS

FACES DA DIVERSIDADE

MARCELLO DANTAS
CURADOR

***“Os mitos são sonhos públicos;
os sonhos são mitos privados”.***

Joseph Campbell

O que diferencia uma etnia de outra não são os corpos, não são os anseios de felicidade e nem o instinto de vida e de amor. O que diferencia uma etnia de outra são as visões de mundo, as culturas e, para capturá-las, há um atalho. Em praticamente todos os grupos étnicos, encontramos o uso de artefatos faciais: máscaras, adornos ou pinturas. Elas remetem a poder, transgressão, anonimato, sexualidade, sabedoria, guerra, humor, demônios, morte. A máscara carrega o símbolo de quem somos e do que queremos incorporar ao vesti-la. Os primeiros exemplares encontrados datam de mais de 9.000 anos atrás; elas são uma das manifestações criativas mais ancestrais do homem, e, curiosamente, se manifestaram em todo o mundo de forma autóctone, sem necessariamente serem influenciadas em cascata. As máscaras são a mais antiga evidência de nosso desejo de transcender e de nos conectarmos com uma dimensão mítica.

A ideia de **ETNOS** é reconhecer, por meio das máscaras, a diversidade cultural em que hoje convivemos no planeta e, ao mesmo tempo, identificar, dentro de tanta diferença, algo em comum em nossa essência humana – um mote tão desafiador quanto sutil. Uma inspiração é a abordagem do mitólogo Joseph Campbell, autor de *O poder do mito*¹ e *O herói*

de mil faces,² sobre o papel que tais instrumentos desempenham na vivência dos mitos (algo próximo do que são as imagens no inconsciente coletivo). Campbell nos revela que existe uma unidade mítica dentro da diversidade exterior, como se, por meio de distintas portas, pudéssemos chegar ao mesmo Olimpo mítico. O passaporte para alçar esses voos são as máscaras.

Com sua leitura no horizonte, apresentamos uma extensa coleção de exemplares em uso na atualidade: das máscaras ritualísticas africanas às do Teatro Nô japonês, dos artefatos do Carnaval de Veneza e da Colômbia a peças coreanas, chinesas e de culturas ameríndias. Justapondo essas trajetórias longínquas no tempo, há igualmente máscaras de fetiche, de contraventores contemporâneos, e várias oriundas da cultura pop, como do cinema e do *cosplay*. A premissa é que elas participem de rituais vivos na atualidade – no sentido mais amplo daquilo que hoje pode ser reconhecido como ritual. A diversidade existe dentro do tempo contemporâneo, que é simultâneo – na sucessão de tempo, ela não apresenta desafio algum.

Por vários motivos, a vida urbana moderna se destituiu de grande parte dos rituais que conectavam o indivíduo a seus grupos de origem. A apresentação



de uma criança à sociedade, a entrada na vida adulta, o casamento, a morte, o trabalho coletivo nas lavou-ras, os ciclos da natureza: nada, ou muito pouco, des-sas ocasiões para exercitar papéis simbólicos restou. Em oposição a essa carência de sentido, começaram a surgir novas ritualísticas nas últimas décadas, como diferentes formas de *role playing* e usos simbólicos na mídia de massas, tais como os super-heróis, o re-nascimento dos ritos de Carnaval e outras festas pa-gãs, além de muitas modalidades de comunhão de grupos à distância no mundo digital – por exemplo, o uso de máscaras nas redes sociais. As máscaras ri-tuais se perpetuam.

A máscara também tem o atributo fundamen-tal de ocultar a face de seu portador. Na era digital, a relação entre máscara e identidade ganha mais complexidade. Com o reconhecimento facial e a inte-ligência artificial, o rosto é lido como um conjunto de dados que diferencia cada indivíduo, um reconheci-mento permanente que suprime o anonimato e revê o sentido de privacidade. Por trás de cada um desses objetos reside o único espaço de privacidade que ain-da nos resta, o exíguo espaço que separa um rosto de uma máscara. Nesse contexto, o simples ato de se mascarar pode ser subversivo – símbolo de revol-ta e de não conformidade. O artefato torna-se uma arma, um recurso para quebrar um controle imposto, alheio ao consentimento pessoal. Em mais de 20 paí-ses da Europa, Américas e Oceania, o uso de máscaras em manifestações públicas já é ilegal. Para além do anonimato, a simbologia da máscara aciona medos profundos: um mascarado em um aeroporto hoje representa ameaça tão iminente quanto uma bom-ba. Ocupam nosso imaginário alguns atos brutais de nossa História recente, relacionados à figura de car-rascos, de membros de grupos extremistas como o Setembro Negro, da Ku Klux Klan, e Jihadi John, do

Estado Islâmico, e suas execuções televisionadas. A máscara empodera indivíduos, os liberta de even-tuais amarras e os conecta a ideais que podem levá-los a cometer atrocidades.

O mundo do cinema encontrou o das máscaras em 1898, apenas três anos depois da invenção dos irmãos Lumière, com a primeira imagem etnográfica em movimento – e nunca mais se separaram. Alfred Cort Haddon, autor do registro pioneiro, levou uma câmera ao Estreito de Torres, em Papua-Nova Guiné, e eternizou a performance de um aborígene portan-do uma máscara em um ritual. Esse filme é uma das pérolas da pesquisa dessa exposição. Esse símbolo tornou-se universal na cultura midiática e conformou uma nova linguagem partilhada, com manifestações produzidas e consumidas globalmente. O cinema e as máscaras se encontraram nesse momento e nunca mais se separaram. Surgiram heróis, super-heróis e vilões, preciosamente mascarados para caracterizar o mito que desejavam invocar. A história do cinema no século XX atualiza a narrativa das máscaras, mas-carados e do desmascarar.

As máscaras também encarnaram ritos da música pop, com artistas como Daft Punk, Björk, Kiss e Goril-laz, que encontraram nelas uma maneira de transitar entre o universo pop e a criação de códigos que sua música suscita, mas que suas faces não simulam.

Artistas visuais como Pascale Marthine Thayer, Miguel Moreira e Silva, Beau Dick e Pierre Huyghe tam-bém fizeram o uso da máscara como artifício criati-vo, invocando uma reinterpretação de mitos sob uma ótica atual, e entendendo a máscara como um agente que traduz, como poucos, a força que uma obra pode ter sobre quem é imantado por ela. O filme de Huyghe, *Untitled (Human Mask)*, mostra o poder transforma-dor que uma máscara de Teatro Nô japonês exerce sobre um macaco, que, ao utilizá-la, incorpora gestos

humanos e comportamentos que desafiam nosso en-tendimento do que é um símio.

Mas o que há em cada exemplar desse heterogê-neo conjunto reunido em **ETNOS** que seja capaz de interligar toda e qualquer cultura? As máscaras mos-traram um caminho para reconhecer a necessidade humana de experimentar outro estado de consciên-cia e de espírito, de exercer um poder validado por seu grupo. São um artifício que toda a humanidade encontrou, não importa a sua origem no planeta ou realidade cotidiana. Se, por um lado, elas permitem incorporar códigos reconhecidos pela sua cultura de origem, quanto mais nos tornamos diversos e misci-genados mais aprendemos a reagir a esses códigos. Essa reação nos certifica de que a diversidade se inte-riorizou em nós.

Passamos a entender que as máscaras são oni-presentes e que criam uma linguagem universal de si mesmas. Uma linguagem que não depende dos idio-mas e que permite que nos comuniquemos por sím-bolos que não haviam, até então, se universalizado. A beleza de uma linguagem não verbal como a das máscaras é que ela abre nossa cabeça para a formu-lação de perguntas para as quais não temos respos-tas. O artefato físico da máscara é a evidência dessa linguagem. O que existe na sutil conexão entre essas diversas manifestações culturais é algo que pertence somente à percepção humana. **ETNOS** quer mostrar conexões que permitem entendermos a nós mesmos dentro dessa nova paisagem em que a diversidade nos une mais do que a identidade. Em que o que não conhecemos nos empodera mais do que aquilo que nos é familiar. Em que as perguntas sem respostas nos levam a lugares muito mais interessantes do que o saber raso da indexação.

O ser humano não se basta, e essa busca por ou-tra dimensão é algo que sempre se manifestou, seja

onde for. Mas no presente essas buscas se conecta-ram. Nunca a diversidade foi algo tão visível para tan-tos, e nunca foi tão evidente o desafio e a oportuni-dade de se conviver num lugar tão repleto de signos.

NOTAS

- 1. CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas-Athena, 2014.
- 2. CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1989.



MÁSCARAS

ANCESTRALIDADES EM CONSTRUÇÃO*

MARIA CATARINA DUNCAN
CURADORA INDEPENDENTE

*Os espelhos estão cheios de gente.
Os invisíveis nos veem
Os esquecidos nos recordam
Quando nos vemos, os vemos
Quando nos vamos, se vão?*

GALEANO, Eduardo. Espelhos.
Porto Alegre: L&PM, 2008.

Cada máscara é uma, são muitas, são todas e nenhuma. Cada máscara contém uma intenção, um destino e um potencial que superam as limitações físicas da matéria para acessar esferas simbólicas de representação e conexão. A máscara se comunica por si só e também através de nós, possibilitando a criação de pontes de acesso entre mundos, entre subjetividades, entre gêneros, entre espécies. Não se limita a um personagem, um arquétipo ou um objeto artístico; dentro da cultura em que se insere, a máscara pode ser compreendida como instrumento de aprendizagem, de rememoração e conexão com a história, a cosmologia, os aspectos políticos e ancestrais de um determinado grupo. Estamos falando de sujeitos ativos e não de objetos passivos e, por isso, seguiremos nos referindo a cada máscara como instrumento, considerando sua individualidade e capacidade de se comunicar.

Ao encarar a falta de um olho vivo por trás dessas faces, caímos com facilidade na armadilha da objetificação; é preciso lembrar que aquilo que faz a coisa viva não são os olhos dentro dela, mas sim, fora. Essas figuras não têm idade, e podem ter seis meses ou seiscentos anos, pois nascem de novo a cada vez que alguém as vê. Ver não é o mesmo que olhar: para que possamos ver, será preciso passar por uma operação, pois há dentro de nós um corpo estranho,

uma bactéria parasita enraizada há centenas de anos chamada colonização. Como o próprio nome indica, essa colônia se infiltra em nosso pensamento, nossas maneiras de ver, ouvir, falar, pensar, tomar decisões, comer... Precisamos nos despir do pensamento colonial e desenraizá-lo; ele não vai deixar de ter existido, mas agora, com distanciamento, poderemos olhar com liberdade. Como quando estamos doentes e nos curamos, não deixamos de ter estado doentes – o passado não se apaga, mas deve cessar. A transformação de cura se dá pela identificação da doença e, quando estivermos curados, poderemos finalmente parar de confundir sujeitos com objetos e enxergar o outro como um.

A invasão de terras alheias é tão antiga quanto a história do ser humano; confrontos e encontros que podem se dar de diversas maneiras surgem de um impulso demasiadamente humano. Seja na Ásia, na África, na Europa ou nas Américas, uma das consequências diretas desses processos de troca ou de guerra é a destituição identitária dos povos oprimidos. Máscaras podem ser encontradas como fundamentos culturais, religiosos e políticos nas sociedades originárias e contemporâneas do mundo todo e, consequentemente, tiveram de ser retiradas, saqueadas e deslocadas dentro dos regimes colonizadores mais recentes. Essa prática

pode ser evidenciada nas coleções dos maiores museus etnográficos da Europa e dos Estados Unidos, que contêm máscaras sagradas de povos do mundo todo como objetos exóticos. Enquanto alguns as percebem como objetos curiosos, sujeitos são desprovidos de partes cruciais de sua essência. Precisamos olhar com cuidado, para não repetirmos os equívocos que destituem povos de suas próprias culturas, um processo de esvaziamento, desinteresse e aniquilação da memória. A concepção de conservação ocidental não é aplicável ao objetivo de uma máscara, feita para se comunicar; ela nunca está parada ou alheia àquilo que acontece à sua volta. Todos os exemplares presentes nesta exposição estão vivos, e esse encontro de forças ancestrais tão diversas se faz necessário agora. O mundo através da máscara não é estático: estamos diante de instrumentos ativos, que pertencem a uma longa tradição de mutação. *Etnos* é um radical que confere sentido a uma determinada situação. Temos muito o que (des)aprender.

Em sua utilidade de resistência, a máscara pode ser empregada como arma e desvio. A Careta de Acupe, no Recôncavo baiano, era utilizada por escravos para assustar os senhores dos engenhos e fazendas, permitindo fugas e alimentando o imaginário de que demônios sobrenaturais habitaram aquelas terras. A máscara de Guy Fawkes, também conhecida como máscara de V de *Vendeta*, foi utilizada como símbolo da Conspiração da Pólvora (movimento inglês do final do século XVIII), e é disseminada como um ícone anarquista pertencente a um cérebro global horizontalizado, sem líderes definidos e em constante resistência contra a opressão, usada em protestos e boicotes de desobediência civil em todo o mundo.

Máscaras são todas as outras faces que nos permitem ser e, para ser, é preciso permitir também que o outro seja. O encontro com a máscara ou com o mascarado é um encontro de alteridade, como disse Achille

Mbembe em seu livro *A crítica da razão negra*: “falar de um é, na realidade, evocar o outro”.¹ Ao falarmos da luz, evocamos a sombra, posto que nada pode ser se não houver alteridade. Em um contexto “pós-colonial”, o problema da identidade étnica tem de passar pela política. Vivemos em uma sociedade patológica, que diagnostica como estranho tudo aquilo que não pode ser compreendido pelo pensamento ocidental.

Para o povo Dogon, na atual região do Mali, as máscaras eram utilizadas como instrumentos de conexão ancestral entre matéria e espírito, origem e finalidade, em ritos para luta e suspensão do luto. Há uma linguagem específica de máscaras, chamada *Sigi-So*, ensinada a todos os homens do território Dogon durante a adolescência como rito iniciático. Para essa população, as máscaras atravessam mundos, e seguir com elas para além do rito é seguir para outro mundo e deixar a Terra. A ancestralidade é viva, implica as linhagens passadas, mas só pode existir no presente. Ancestralidades estão sendo produzidas constantemente e podem se materializar através e a partir do uso de máscaras.

A interioridade de toda uma sociedade é deformada diante dos olhos de outra e, para superarmos essas contradições, precisaremos de novas condições de convivência. Na disposição das máscaras dentro desta exposição, não existe um centro esclarecedor que determina a alteridade de tudo que o circunda: estamos falando de muitos centros, todos únicos, que continuam se multiplicando. Cada máscara corresponde à sua unidade, cada uma delimita sua diferença, mas todas correspondem a uma só natureza. Há diferenças, fato, e por isso será preciso conviver.

A partir de uma perspectiva não linear do tempo, na qual tudo se sobrepõe e intercala, outras dimensões habitam o agora, e talvez o futuro não seja tão distante do passado. Um indivíduo se transfigura em animal, super-herói ou ancestral, podendo, assim,

atravessar mundos e circular entre dimensões com o auxílio de cantos, palavras, rezas e ritos. Diante de cada uma, é possível vislumbrar subjetividades, geografias, corpos, cores e cheiros distintos, pertencentes a diversos tempos, que acontecem ainda hoje. Quais são as músicas entoadas para esses seres acordarem? Quais rostos e corpos os carregam? Quem os teme? Quem os adora? Quem os conquista? Que forças os movem? Que ficções os materializam?

Para imaginar, basta estar vivo. Independente do contexto, a força é inerente e emana dos corpos em contato com cada uma dessas máscaras. Representantes de suas culturas, elas se comunicam de um universo e de um tempo distantes, mas estranhamente familiares. Diante dessa força, o passado se faz presente, o futuro se assemelha ao passado e o tempo é suspenso para que uma nova conexão se instaure entre aqueles que já passaram, aqueles que aqui estão e aqueles que em breve virão.

No Brasil, a *Cazumba* expressa referências simbólicas originárias do povo Banto, da África ocidental, que foi escravizado ao longo de três séculos, e sua resistência se faz presente através de nossa cultura, língua e religião. *Cazumba* vem da palavra quimbundo *casumbi*, sendo aqui transformada em figura central para os ritos de bumba meu boi no Maranhão. *Cazumba* não é ser humano ou animal: está entre a magia e o lúdico. Fusão dos espíritos de ambos, cercado de magia e responsabilidades, esse espírito não pertence a ninguém, mas sem ele nada acontece.

Quase nenhuma das máscaras que conhecemos tem seu autor identificado, exceto aquelas que foram produzidas mais recentemente por pessoas que se reconhecem e intitulam artistas. O anonimato de seus criadores faz com que sejam reconhecidas apenas por sua terra natal. A identificação dos construtores e inventores de máscaras é mantida como um segredo,

guardado apenas pelo criador e pela criatura. A necessidade de impor uma assinatura a um objeto retira dele sua autonomia, e ele passa a pertencer a uma só pessoa, perdendo sua identidade própria de ser no mundo.

As variações de nomenclatura em torno de um objeto evidenciam diferentes concepções de mundo sobre o que pertence a quem, quem cria o quê. As máscaras não são criadas apenas por aqueles que as constroem, mas por toda uma comunidade: aquele que a veste, que a manipula, e aquele que a vê. Nesse sentido, somos todos criadores e testemunhas, fazendo nascer, o tempo todo, aquilo que observamos e compartilhamos. Novas configurações de pensamento e conhecimento se instauram e operam no imaginário comum.

Em quase todas as culturas e épocas, as máscaras são agentes participativos de nossa relação com o desconhecido. Feita de gesso, madeira, metal, tecido, plástico ou o que bem entender, suas funções ocupam um similar espaço social. Elas surgem de crenças e necessidades básicas para incorporar aspectos de adoração e culto e, assim, vislumbrar outras formas de vida. Como descrito pelo antropólogo Pedro Cesarino em uma entrevista concedida a Beatriz Labate, “é como se nossa sociedade, marcada pela hegemonia do sentido da visão, procurasse cada vez mais alteridades sensoriais em que ‘o não ver’ possa revelar ‘outras formas de ver’”.² Nesse trecho, Cesarino descreve o momento em uma peça em que o ator se deita na rede e coloca a máscara para entender, para poder ver mais precisamente, já que não está enxergando com os olhos apenas. Dessa forma, ele ativa seus sentidos para ver para além do corpo físico, pela alma. A sociedade ocidental promove uma cultura em que só se crê naquilo que se vê, dando um peso maior à visão do que a qualquer um dos outros sentidos. Precisamos aprender a ver de novo, pelos olhos de dentro.

Quando mascaramos algo, escondemos, criamos uma nova camada de entendimento: cobrir para des-cobrir. Trata-se do momento em que o ser humano decide personificar aquilo que ele não é para falar precisamente sobre aquilo que ele é. Máscaras atuam como instrumentos para construção de novas narrativas. Em ação, esses artefatos dançam e atualizam o mito e o conto, engajando as pessoas numa vivência de aprendizagem presencial.

Modelos culturais também podem ser postos em prática em uma aprendizagem coletiva por meio do uso da máscara: é o que ocorre, por exemplo, no teatro grego a partir do século V a.C. Atores utilizavam máscaras para criar narrativas que os protegiam como indivíduos e permitiam que sua expressão alcançasse a vastidão do público. Oriundas dos cultos a Dionísio, no teatro as máscaras entram em ação narrativa em performance e, com o auxílio de cantos, ativam a força de cada personagem. O ator era conhecido como aquele que possuía duas caras – termo de uso pejorativo hoje, mas que, em alguma instância, implica um poder de dissimulação. A palavra “hipócrita” deriva do termo grego *hyporites*, que significa ator.

O uso da máscara implica necessariamente um apagamento, mesmo que parcial, daquele que a veste. Essa função de velar e esconder permite também uma espécie de proteção, dada pelo anonimato. Ao prevenir o reconhecimento, pode-se garantir uma espécie de imunidade contra aquilo ou aqueles que o veriam como mau. No caso das máscaras de dragões chineses, sua função é de afastar maus espíritos.

A *balaclava*, por exemplo, de origem russa, foi fabricada para cobrir quase todo o rosto durante a guerra da Crimeia, em 1854. Ela foi adotada mundialmente por bombeiros, para se proteger do fogo, por praticantes de esquí, para se proteger do frio, e por esquadrões policiais e militares, a fim de não serem identificados.

Na Bolívia, meninos e meninas se escondem por trás dessas máscaras, que já se tornaram símbolo da cidade e ganharam diversas releituras: ali, a *balaclava* é utilizada por engraxates nas ruas de La Paz, conhecidos como “lustra botas”, os quais cobrem seus rostos a fim de proteger suas identidades e dignidade familiar, já que este é considerado um trabalho impuro.

A diferença cultural se torna problemática quando se produz um julgamento sobre as máscaras, com intuito de classificação, aprovação ou negação. O conflito de interpretações explicita os perigos de uma narrativa única. A máscara garante a proteção contra o julgamento alheio, além de garantir a possibilidade de ver o outro sem ser visto por ele.

O filósofo Jean-Paul Sartre utilizou a metáfora do poder de “ver sem ser visto” em 1948, ao ampliar as vozes de jovens poetas negros francófonos, como Aimé Césaire e Léopold Senghor: “O que você espera escutar, quando o barulho que silenciou as vozes de homens negros for retirado? [...]. Quando essas cabeças, que os nossos pais forçaram sobre o chão, se levantarem, você espera encontrar adoração em seus olhares? Nessa antologia, homens negros estão de pé, eles nos examinam; e quero que você sinta, como eu, a sensação de ser visto. Considerando que homens brancos têm aproveitado, por três mil anos, o privilégio de ver sem serem vistos”. Com essa metáfora em torno do poder do olhar como representação colonial, Sartre já enviava os sinais sobre a situação intolerável da colonização. Nesse texto, ele introduz a ideia de globalização, uma nova percepção sobre o planeta que habitamos: para que essa forma de ver possa existir, outras deverão entrar em colapso.

Máscaras integram sistemas sociais diversos e são aplicadas com variadas funções; seus significados dependem da fantasia, imaginação e desejo de seus condutores. A vida sem memória ou imaginação está

sozinha; juntos somos um, mais fortes e potentes em nossos cantos e entoações, entre festas e lutas, inícios e fins. Seus usos se assemelham, mas nunca são iguais: a diferença tem que ser reconhecida, aceita e transcendida. Nos dias de hoje, uma polarização da sociedade avança e nos interpela constantemente – o desejo de segregação nunca foi tão avassalador. Corremos o risco de perder de vista aquilo que temos em comum: a própria diferença. Por isso, é preciso lembrar que a uniformidade não é o estado natural das coisas: a diferença é, provavelmente, a estrutura mais profunda que nos torna humanos. Será preciso celebrar o dissenso, a incompreensão, a multiplicidade do tempo e a diversidade cultural. O mundo não pode ser compreendido a partir de uma única linguagem, uma única história, um único deus, um único mito. Somos multidão. A raça humana sempre se apegou a noções de fronteira, territorialização física ou mental; precisamos perceber os abismos e rachaduras que permitem a união, por onde é possível deixar entrar a luz. Nas palavras de Jota Mombaça, precisamos “abrir rachaduras na colonialidade” para explorar o que acontece quando pessoas se unem, aceitando as suas diferenças como pontos em comum. Caminhamos pelos caminhos da contradição.

Estamos aqui, juntos, compreendendo, através de nossos corpos, a emergência de outros saberes. Esta exposição propõe a ampliação de formas de construção de identidades livres e, para isso, é preciso desconstruir as identidades fixas, questionar autenticidades e des-generalizar tudo. Sujeitos universais não nos cabem mais: identidade é sempre um processo e, portanto, não pode ser rígida.

* Texto comissionado

NOTAS

- 1. MBEMBE, Achille. *A crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014, p. 79.
- 2. CESARINO, Pedro. Mito, Antropologia e Teatro: Entrevista com o antro-

pólogo Pedro Cesarino. *Ponto urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo, v. 7, p. 1-9, 2010.

3. SENGHOR, Léopold. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: PUF, 1976, p. 229.

4. MOMBAÇA, Jota. Episódios do Sul. Não Existe o Pós-Colonial. Disponível em: <www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16117914.htm />. Acesso em: 28 jul. 2018.

BIBLIOGRAFIA

BUENO, André P. *Cantos de máscaras no Nordeste brasileiro e na África Central e do Oeste: pistas para uma análise comparativa*. Revista MAE-USP 20, 2010.

BORGATTI, Jean M. *Likeness and beyond: Portraits from Africa and the World*: Centre for African Art, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. Cultrix, 1992.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Paz Terra, 2018.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: Pesquisas de antropologia política*. Cosac Naify, 2013.

DONATO, Hernâni. *Dicionário de Mitologia*. Cultrix, 1982.

ESPEJO, Elvira (ed.). *Máscaras: Los diversos rostros del alma*. MUSEF Editores, 2014.

GALEANO, Eduardo. *Espejos*. Siglo Veintiuno editores, 2008.

GALEANO, Eduardo. *Espelhos*. L&PM, 2008.

GRIAULE, Marcel. *Masques dogon*. Musée de L’Homme / Institut d’Ethnologie, 1963.

LABATE, Beatriz; CESARINO, Pedro. Mito, Antropologia e Teatro: Entrevista com o antropólogo Pedro Cesarino. *Ponto urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo, v. 7, p. 1-9, 2010.

MBEMBE, Achille. *A crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. Episódios do Sul. *Por que julgamos que a diferença seja um problema?* Goethe Institut, 2017. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20885952.html>/>. Acesso em: 28 jul. 2018.

MOMBAÇA, Jota. Episódios do Sul. Não Existe o Pós-Colonial, Goethe Institut, 2018. Disponível em: <www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16117914.htm/>. Acesso em: 28 jul. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. *Epistemologias do Sul*. Almedina, 2010.

SARTRE, Jean-Paul (1948). *Orphée Noir*. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française par Léopold Sédar Senghor*. Gallimard, 1976.









RODA-CAPUZ (APAPAATAI)

Ritos do povo Waurá
BRASIL

Nativos do Alto Xingu, no Mato Grosso, o povo Waurá presta reverência aos *apapaatai*, espíritos monstruosos capazes tanto de produzir doenças, quanto de fornecer a cura para elas. Quando uma pessoa adoece pela ação de um desses espíritos, é feito um rito com máscaras gigantescas, para transmitir ao enfermo a forte potência xamânica dos *apapaatai*, passível de ser capturada por objetos rituais. Uma vez restabelecido, o paciente se torna um *amunaw* (“dono do ritual”), obrigado a alimentar e cuidar dos *apapaatai* que o adoeceram. Uma parte considerável da produção agrícola dos Waurá se destina a oferendas a esses espíritos, que também podem assumir a forma de seres extra-humanos, como o fogo, ou de animais, como o sapo e o morcego. O paradoxo envolvido no seu modo de ação, que engloba doença e cura no mesmo princípio, remete ao conceito grego do *phármakon*, a um só tempo veneno e remédio.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro

SOBRENATURAL

MEDUSA

Figurino da cantora Björk
ISLÂNDIA

Formado em Grego Clássico pela Universidade de Oxford, o artista autodidata James Merry se inspirou na paixão pela Grécia para criar esta máscara para a cantora islandesa Björk. Mito milenar, até hoje adaptado em quadrinhos, filmes e *games*, a Medusa é a encarnação do feminino ameaçador, sob a forma de uma mulher monstruosa e fatal. Uma das versões do mito conta que ela era uma linda sacerdotisa do templo de Atena, que foi assediada por Posêidon e desrespeitou seu voto sagrado, ao se deitar com ele no templo. Furiosa, Atena decidiu amaldiçoá-la: transformou seus belos cabelos em serpentes e sua bela face num rosto tão terrível, que seria capaz de petrificar quem o encarasse. A única mortal entre as três Górgonas, Medusa teve a cabeça decepada pelo herói Perseu, que lutou contra ela olhando sua imagem no reflexo do escudo.

Acervo James Merry

PODER + SOBRENATURAL + MORTE



KANAGA

Ritos do povo Dogon
MALI

De acordo com a mitologia dogon, suas mais de 70 máscaras foram criadas pelos espíritos dos arbustos, presenteadas às formigas e depois roubadas por um pássaro, que as levou até uma mulher chamada Sadimbe. Com o poder que obteve dançando mascarada, Sadimbe aterrorizou os homens da aldeia, que se juntaram para retirar as máscaras (e o poder) dela. Até hoje, somente os homens podem vestir máscaras como a Kanaga, que representa um deus criador sob a forma de um pássaro mítico, de pernas e braços esticados numa dupla cruz, organizando o universo em zonas superiores e inferiores. Ela é usada em ritos fúnebres, para defender os vivos e ajudar os mortos a chegar ao mundo dos espíritos, e pode fazer parte de grandes festivais de renovação da agricultura e da fertilidade humana, celebrados a cada 60 anos. Vestindo saias vermelhas de fibra de hibisco, que remetem ao sangue menstrual, mascarados dançam tocando as pontas das máscaras no chão, simbolizando a concretude do encontro entre o natural e o sobrenatural.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

CRIAÇÃO + PODER + SOBRENATURAL + MORTE



JERO LUH

Ano-Novo balinês
INDONÉSIA

Jero Luh e seu marido Jero Gede representam os espíritos ancestrais dos habitantes de Bali e desempenham a função de protegê-los. Nos festejos de Ano-Novo, os balineses saem de aldeia em aldeia portando grandes máscaras do casal ancião, assim como nas procissões que antecedem as cerimônias de cremação. Esculpidas no estilo *Barong Landung*, conhecido pela confecção de peças míticas e enormes, as máscaras de Jero Luh e Jero Gede têm o poder de levar a cura e a fertilidade a quem precisa. Calma e elegante, Jero Luh, em particular, é reverenciada como a dama da compaixão e adorada por defender os fiéis das forças malignas que pretendem importuná-los.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

PODER + SOBRENATURAL

CARA GRANDE (YPÉ)

Festa Tawa do povo Tapirapé

BRASIL

Em 1947, uma das últimas aldeias do povo Tapirapé, da Amazônia, foi quase destruída num ataque kayapó. Aos sobreviventes só restou se render aos invasores e também aos Karajá, outro antigo rival. A máscara Ypé simboliza essa rendição, ao incluir referências dos dois povos agora aliados. Na Cara Grande, uma cruz vermelha ao redor dos olhos, feita de penugem de arara, retrata a pintura facial de urucum, típica dos Kayapó e dos Karajá. Já a arrumação de penas num cocar, em torno da cabeça, varia conforme o povo representado. Na festa conhecida como Tawa, mascarados encenam uma dança em que um Tapirapé resiste aos ataques dos inimigos e, depois, carrega um por um para a oca principal da aldeia. Mais do que uma fantasia de transmutar a derrota em vitória, a festa ritualiza uma incorporação das culturas inimigas. Incorporação simbolizada pela boca aberta, cheia de dentes feitos de espinhas de peixe, que remetem à agressividade entre os povos rivais, mas também à possibilidade de uma cultura se alimentar das outras.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro

HIBRIDISMO + PODER



RAVANA

Dança Chhau de Saraikela

ÍNDIA

Com dez cabeças e vinte braços, Ravana é o terrível rei dos demônios na mitologia hinduísta, dotado de grandes poderes, como o dom de produzir tempestades e terremotos. Capaz de assumir a figura que desejar, desde a forma humana até a forma de uma montanha, seu corpo original é coberto de cicatrizes: marcas das várias lutas que travou contra os deuses. Símbolo da própria essência do mal, conquistou seu trono por meios violentos, expulsando do reino de Lanka o meio-irmão Kubera, deus da riqueza. Ravana se engajou também numa série de batalhas épicas contra o herói Rama, sétimo avatar do deus Vishnu, que, ao final, conseguiu derrotá-lo. O embate entre Rama e Ravana é um dos temas principais da Dança Chhau, rito de máscaras tradicional de cidades indianas como Saraikela, que encena enredos sagrados hinduístas representando os conflitos e o triunfo do bem sobre o mal.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

TRANSGRESSÃO + PODER + SOBRENATURAL + HIBRIDISMO



GRAS-DKAR

Ano-Novo tibetano

TIBETE

No Tibete, a chegada do Ano-Novo é celebrada com uma série de festividades, que se estendem por vários dias. Uma delas, que acontece no segundo dia do ano, é chamada de Gras-Dkar: a performance de artistas folclóricos que perambulam pelas ruas da cidade, entretendo os moradores. Em geral, portam máscaras como a exposta aqui, que representa um bardo, tipo de poeta encarregado de transmitir histórias e lendas oralmente. Segundo a tradição, os mascarados passam de casa em casa improvisando cantos e danças, inspirados pela figura mítica do sacerdote Padmasambhava, que cumpriu um importante papel no século VIII, na difusão do budismo no Tibete. Observando e participando do Gras-Dkar, os tibetanos acreditam que estão atraindo bênçãos de boa sorte para todo o ano que se inicia.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

SABEDORIA



MAHAKOLA

Sanni Yakuma [Rito sagrado de exorcismo do povo cingalês]

SRI LANKA

Mahakola é o líder de um grupo de dezoito demônios, retratados no topo da cabeça de sua máscara sagrada, cada qual responsável por produzir um tipo de sintoma ou enfermidade: cólera, cegueira, pneumonia, furúnculos, pestes e outras doenças. Usada em cerimônias religiosas consideradas medicinais, a máscara de Mahakola faz parte de um rito de exorcismo. Chamado no idioma cingalês de Sanni Yakuma (sanniya: “enfermidade”; yakuma: “ritual demoníaco”), o rito costuma iniciar apresentando Mahakola cercado por cobras e pelos demônios, representados por suas próprias máscaras. Até que o exorcista entra em ação para aplacar os ânimos de um demônio específico, em nome de um determinado paciente e de sua família. Quando a cerimônia chega ao fim, a área é ritualisticamente limpa, para impedir que qualquer influência negativa permaneça no local.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

PODER + SOBRENATURAL



RAINHA DOS DEMÔNIOS

Teatro Lhamo [Estilo clássico de arte dramática tibetana, envolvendo música, teatro e dança]

TIBETE

O Teatro Lhamo tibetano é um tipo de arte dramática voltada para o entretenimento popular, mas seus fundamentos são profundamente enraizados em práticas religiosas budistas. Antes de qualquer peça, é encenado um prólogo com o intuito de purificar o espaço e sacralizar o tempo, transformados no espaço e no tempo das narrativas míticas. Só então podem ter início os enredos tradicionais, alguns incluindo personagens demoníacos, geralmente representados por máscaras da cor vermelha, que denota força. Um desses personagens, símbolo de furor e violência, é a Rainha dos Demônios, com nove cabeças distribuídas em três fileiras, cujos caninos indicam que são ogros, ou seres mitológicos malignos conhecidos como Rakshasa. Tanto durante quanto após a peça, a luta dos deuses contra os demônios é um elemento fundamental nas encenações. Antes de deixar o palco, os atores jogam no ar punhados de farinha e emitem gritos de louvor, celebrando o triunfo e a glória dos deuses.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

SOBRENATURAL



ZAKPEI GE

Ritos do povo Dan

COSTA DO MARFIM E LIBÉRIA

Entre a grande variedade de máscaras do povo Dan, algumas têm a função de promover o controle social, transmitindo regras de conduta. Na época de secas, entram em cena os Zakpei Ge, uma espécie de brigada de incêndio mascarada e amparada pela sabedoria de seus antepassados. Eles inspecionam o uso do fogo para cozinhar e fazem travessuras como derrubar panelas ou castigar cozinheiras descuidadas. Começam a inspeção por volta de meio-dia, para ter certeza de que não haverá nenhum foco de incêndio potencializado pelos perigosos ventos da tarde. A ornamentação branca na faixa dos olhos remete ao contato com o mundo ancestral, o que legitima a ação desses mascarados.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL + SABEDORIA



DIABO

Miguel Moreira e Silva [Artista contemporâneo]

PORTUGAL

A palavra “diabo” deriva do grego *diábolos*, que significa “aquele que desune, inspira ódio ou inveja”. Essa figura de discórdia está presente no relato bíblico sobre Lúcifer, o anjo mais belo do Céu, que se insurgiu contra Deus e foi expulso para o Inferno. Já a figura do diabo de modo mais geral, como a encarnação sobrenatural do mal, é recorrente em diferentes contextos culturais, com uma multiplicidade de formas e nomes: Satanás, Belzebu, Anticristo e muitos outros. Esta multiplicidade inspirou o artista Miguel Moreira e Silva a compor uma série de máscaras, todas intituladas *Diabo*. Marcado pela tradição milenar de confecção de máscaras em Trás-os-Montes, o distrito de Bragança, onde vive Moreira e Silva, festeja o final do carnaval com um cortejo de diabos na quarta-feira de cinzas, anunciando o início do período de privações da quaresma.

Acervo Miguel Moreira e Silva

SOBRENATURAL



VIDENTE

Ritos do povo Grebo
LIBÉRIA

As máscaras do povo Grebo são famosas pelo fato de que o pintor espanhol Pablo Picasso era proprietário de duas delas, que teriam inspirado seu trabalho, sobretudo na fase cubista. Algumas exibem mais de um par de olhos, representando figuras de videntes, capazes de enxergar além do mundo físico. A polaridade entre o que se vê e o que se esconde também marca a estrutura hierárquica do povo Grebo, chefiado por um líder que precisa permanecer em isolamento quase absoluto, na floresta. Com função protetora, este tipo de máscara se associa a ritos de preparação para a guerra, evocando poderes espirituais necessários para a vitória dos guerreiros.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL



GORILA (NGIL)

Ritos do povo Fang
GABÃO

Caçadores e agricultores por tradição, os Fang se tornaram célebres por seu conhecimento dos animais, ervas e outras plantas das florestas equatoriais. Essa proximidade com os seres vivos que os rodeiam se faz presente na metafísica do povo Fang. A reverência aos espíritos da floresta se materializa em máscaras como esta, que retrata um gorila (*Ngil*), mas com traços muito próximos aos humanos. Seu uso mais frequente está associado a ritos iniciáticos, apesar de também ter sido usada com uma função judiciária, na punição de feiticeiros. A cor branca, que domina grande parte da máscara, se associa à ancestralidade, esfera com o poder necessário para exercer a punição. Durante a colonização francesa, os Fang sofreram influências do cristianismo, assimiladas à sua cultura em sincretismo com outras crenças. É comum que algumas aldeias celebrem a Páscoa cristã, mas os festejos transcorrem em quatro dias de música e dança, e incluem a ingestão de bebidas psicodélicas.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL

AÑA

Arete Guasu / *Danza de los Añas* [Carnaval de povos
Guarani-Chané]
PARAGUAÍ

O *Arete Guasu* ("Festa Grande") é a ocasião em que povos Guarani-Chané, habitantes de diversas regiões entre Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil, celebram a abundância das colheitas ao final de um ano agrícola. Neste rito sagrado, é aberto um portal que inaugura um tempo mágico, conectando os vivos e os mortos. Estes últimos são simbolizados pelos *Añas*: espíritos ancestrais incorporados por mascarados que são acolhidos pela população em festa. Com uma longa barba branca, denotando a idade avançada, e plumas de pássaro no formato de um par de asas, remetendo ao voo leve que permite o deslocamento de um local ao outro, a máscara exposta representa uma das diferentes variedades de *Añas*. Apesar de terem sido associados ao diabo por missionários franciscanos durante a colonização espanhola, eles são celebrados por alguns povos em ritos que agregam elementos da fé cristã, dando mostras de uma miscigenação que tornou possível a sobrevivência de crenças pré-colombianas.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

SOBRENATURAL + MORTE + HIBRIDISMO



CAPORAL

Morenada
BOLÍVIA

Difundida em diferentes países latino-americanos, sobretudo na Bolívia, a *Morenada* é uma dança tradicional em que o negro é o personagem principal. Presentes na colonização espanhola na região do Caribe, mas não na região dos Andes, os escravos vindos da África eram estrangeiros vistos com estranhamento pelos povos andinos. Para alguns pesquisadores, a *Morenada* deriva de uma zombaria indígena em relação ao sistema de comércio de escravos africanos. A tradição engloba uma série de personagens mascarados, entre eles o Caporal, uma espécie de chefe ou capataz das tropas de morenos. Os grossos lábios e a língua para fora simbolizam o grande esforço dos escravos no trabalho e os olhos azuis representam a mestiçagem entre os povos.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

TRANSGRESSÃO + HIBRIDISMO





CARETA DE CAZUMBA

Bumba meu boi do Maranhão

BRASIL

O Boi-bumbá ou Bumba meu boi é uma tradição folclórica celebrada em diversos estados brasileiros. Ela gira em torno da história do escravo que matou o boi favorito do patrão, porque sua esposa grávida sentiu um desejo irresistível de comer a língua do animal. Apavorado pela ira do fazendeiro, o casal só encontrou alívio ao perceber que o boi, magicamente, havia ressuscitado, acontecimento celebrado nas Festas do Boi, em geral na época de São João. No Maranhão, a encenação original ganha personagens especiais e mascarados: os Caretas de Cazumba se destacam dos demais brincantes pela irreverência e pelas travessuras. Além de divertir o público, é função dos Caretas dar início à apresentação e ajudar o escravo Pai Francisco a matar o boi. Geralmente composta de traços animais e bestiais, “quanto mais feia, mais bonita a Careta é”, afirma Abel Teixeira, artesão celebrado pela confecção das máscaras, inclusive da peça exposta.

Acervo Museu Casa do Pontal, Rio de Janeiro

TRANSGRESSÃO + HIBRIDISMO



WAGGIS

Carnaval da Basileia

SUÍÇA

Situada na fronteira com a Alemanha e a França, não surpreende que a terceira maior cidade da Suíça inclua em seu carnaval a caricatura do estrangeiro. Os Waggis representam camponeses franceses que saíam da Alsácia, no século XIX, para vender seus produtos no mercado da Basileia. No próprio dialeto alsaciano, o nome Waggis remete a um personagem alegre e *bon vivant*, que trabalha de dia e se diverte de noite. O nariz grande, em destaque na máscara sorridente, simboliza a reputação ligada aos excessos (inclusive de álcool). Nas 72 horas de duração do carnaval na Basileia, os Waggis se portam como bufões e se autorizam a fazer travessuras normalmente inaceitáveis no resto do ano, como bombardear transeuntes com cascatas de confetes.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO

ÁGUIA

Alfred Robertson [Artista contemporâneo do povo

Kwakwaka'wakw, nativo da costa oeste canadense]

CANADÁ

Presente no cetro mágico de Zeus, no brasão imperial de Napoleão e no emblema do Partido Nazista de Hitler, a águia é um símbolo de poder que perpassa uma ampla variedade de culturas. Sua visão extraordinária, capaz de fitar diretamente o fogo solar, somada à habilidade de alçar altos voos, é associada a ideais sublimes e à condição de mensageira dos deuses. Entre os povos indígenas da costa pacífica norte-americana, a ave identifica os chefes mais respeitados e os clãs familiares mais proeminentes. Para os Kwakwaka'wakw, ela encarna um ser sobrenatural capaz de transitar entre o mundo terreno dos homens e o mundo mítico submarino.

Coleção particular

PODER + SOBRENATURAL



ESPÍRITO

Festa da Moça Nova, povo Ticuna

BRASIL

O povo Ticuna, que habita uma região fronteiriça do Amazonas com o Peru e a Colômbia, mantém um rito de passagem da infância à idade adulta conhecido como Festa da Moça Nova. Quando ocorre a primeira menstruação, a menina é mantida por três meses em isolamento, em contato apenas com a mãe e talvez uma tia. Neste período, ela está vulnerável às influências de espíritos malignos – representando um estado de “impureza”, que outras culturas também associam ao sangramento e à sexualidade feminina. Ao final, os pais convidam a comunidade para a festa de iniciação, oferecendo comes e bebes. Trombetas, flautas e tambores são preparados para a cerimônia, acompanhando a chegada dos espíritos malignos, incorporados por dançarinos mascarados. Eles tentam se apossar da menina, mas acabam expulsos. Também durante o rito, os cabelos da iniciada são arrancados fio por fio, para que no lugar da criança nasça a nova mulher.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro

SEXUALIDADE + SOBRENATURAL





CHIFRUDO

Cavalhada de Pirenópolis
BRASIL

Em diversas regiões do Brasil, durante a Festa do Divino Espírito Santo (50 dias depois da Páscoa), acontece a Cavalhada, um misto de danças e competições, que envolvem disputas entre dois exércitos de cavaleiros. Sua origem remonta aos torneios entre mouros e cristãos na Idade Média, na Europa. Mas em municípios brasileiros como Pirenópolis, Goiás, o evento acrescentou traços profanos aos religiosos. Foliões usando máscaras de animais, com destaque para a famosa máscara do Chifrudo, circulam a cavalo pelas ruas da cidade, fazendo algazarra e brincando de casa em casa. Figuras altivas, os mascarados podem se tornar autoritários ou mesmo invasivos, herança de um tempo de segregação social, quando somente os ricos podiam ter seus cavalos. Num jogo de inversão de papéis, não só o homem se faz de bicho, mas o plebeu se faz de cavaleiro, enquanto durar a diversão.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

TRANSGRESSÃO + PODER

MSQRD (MASQUERADE)

Aplicativo de filtros para selfies
ESTADOS UNIDOS

Que tal vestir a máscara virtual de um tigre ou de um macaco? Ou de personagens marcantes como Harry Potter? De heróis como o Homem de Ferro e vilões como o Coringa? Tudo isso é possível com o aplicativo gratuito MSQRD. Agora é sua vez. Venha brincar de se mascarar.

Coleção particular

CRIAÇÃO + PODER + HIBRIDISMO



TECÚN UMÁN

Dança da Conquista
GUATEMALA

A Dança da Conquista é uma das encenações folclóricas mais tradicionais na Guatemala. Encarnando personagens mascarados, dançarinos dramatizam a chegada do conquistador espanhol Pedro de Alvarado e a tentativa de resistência por parte do príncipe indígena Tecún Umán. A coroa de Tecún exibe um par de *quetzales*: um tipo especial de pássaro tropical, considerado um símbolo da própria Guatemala. Quando o príncipe perde a vida, a ave perde a liberdade. O peito vermelho em meio à penugem verde sugere que o *quetzal* foi ferido e, por isso, sangra. Mas há de chegar o dia, acreditam muitos, em que o povo maia retomará as terras guatemaltecas. Neste dia, o *quetzal* voará de novo, livre e soberano.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

HIBRIDISMO + PODER



LEÃO

Ano-Novo chinês
CHINA

Há muitos séculos, um monge chinês sonhou que havia uma série de atrocidades assolando seu povo. Quando acordou, assustado, questionou como poderia evitar tanto sofrimento. Teve, então, uma visão: uma besta sagrada descia do céu para proteger a Terra, expulsando dela todas as forças negativas. Esta lenda costuma ser narrada como a origem da Dança do Leão, símbolo de boa sorte, representado por uma grande máscara manipulada por dois dançarinos, que sincronizam movimentos acrobáticos de artes marciais para mexer as patas dianteiras e traseiras. Apesar de não ser nativo da China, o felino foi introduzido no território há mais de dois mil anos: líderes do Oriente Médio enviavam leões de presente aos imperadores chineses, a fim de conquistarem o direito de negociar com os comerciantes locais. Atualmente, a Dança do Leão é celebrada no Ano-Novo do calendário chinês, o registro cronológico mais antigo que existe, que contabiliza o tempo presente como o ano de 4716.

Acervo da Associação Gaúcha de Dança do Leão e Dança do Dragão, Porto Alegre

SOBRENATURAL





MÁSCARA DE BOBO DE CARVANAL

Bloco dos Bobos
BRASIL

Um antigo mito grego narra a história de seres primordiais que viviam reunidos dois a dois, cada par numa forma completa, até que foram separados por decisão dos deuses. Desde então, cada metade passou a buscar seu complemento, uma busca que costuma ser associada à origem do amor. Unindo os rostos de um homem e uma mulher numa forma única, a máscara exposta suscita uma associação com o mito grego, mas também com o ideal da convivência pacífica entre brancos e negros. Permitindo ao mascarado um jogo de encarnar ora um personagem, ora o seu oposto, a máscara foi confeccionada para o tradicional Bloco dos Bobos, que anima o carnaval do povoado pesqueiro de Tatuamunha, no município alagoano de Porto das Pedras. Grandes, coloridas e variadas, as máscaras dos Bobos são elaboradas com goma de tapioca, papel e tinta a óleo, e são exibidas por foliões em desfiles e brincadeiras entre o sábado de carnaval e a quarta-feira de cinzas.

Coleção Celso Brandão

HIBRIDISMO + TRANSGRESSÃO

GÊMEAS

Ritos do povo Guro
COSTA DO MARFIM

Marcados pela experiência visceral de se constituírem juntos num mesmo ventre, a figura dos gêmeos é uma referência marcante em diversas mitologias. Quando diferentes, inspiram mitos em torno de dualismos: o dia e a noite, o céu e a terra, ou a própria divisão subjetiva nos conflitos internos do homem. Quando idênticos, encarnação máxima do duplo, acumulam a simbologia do espelho: objeto ambivalente que olha e é olhado, assumindo ares persecutórios ao produzir estranheza no que é familiar. Retratando um par de gêmeas, a peça aqui exposta apresenta as cores típicas do Zaouli, um estilo frenético de dança do povo Guro que presta homenagem à beleza feminina. Adornadas por chifres ou outros elementos animais, as máscaras zaouli remetem a uma cosmovisão que celebra a proximidade entre o ser humano e a natureza selvagem.

Coleção particular

HIBRIDISMO



MURASURA

Krishnattam
ÍNDIA

O *Krishnattam* é uma arte sagrada, tradicional do estado indiano de Kerala, que mistura teatro, dança e máscaras numa apresentação sobre a história de Krishna, deus responsável pela manutenção do universo. Entre os vários personagens representados por mascarados estão os *asuras*, considerados antideuses ou propriamente demônios. Dois deles são Narakasura e seu assistente Murasura – este último morto por Krishna, o que conferiu ao deus o título de *Murāri* (assassino de Mura). Contam as escrituras que, no embate com Krishna, Murasura pulou para fora da água com três bocas abertas, como se estivesse prestes a engolir três mundos, e atacou o Garuda, águia mitológica montada por Krishna. Depois, o demônio cresceu até o céu, mas Krishna não se intimidou: despedaçou-o em sete partes, dando origem a sete filhos, que contra-atacaram o deus, em vingança. Ao final da batalha, Krishna conseguiu enviar os sete para o *Yamaloka*, o correlato do inferno na cosmologia hinduísta.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

TRANSGRESSÃO + SOBRENATURAL

O MÁSKARA

Cosplay [Do inglês *costume + play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
ESTADOS UNIDOS

Protagonista dos quadrinhos criados por Mike Richardson nos anos 1980, o Máskara é um dos maiores símbolos do poder transformador do gesto de se mascarar. Após achar ao acaso uma máscara misteriosa, o tímido Stanley Ipkiss decide experimentá-la. E se apavora ao perceber que, magicamente, ela parece aderir a seu rosto e alterar sua personalidade. Com o poder de suspender todas as suas inibições, a máscara o converte num homem autoconfiante e ousado, o que rende boas cenas de humor na adaptação para o cinema (dir.: Chuck Russell, EUA, 1994). Assim como o exemplar usado por Jim Carrey no filme, a réplica exposta se inspira na máscara de Loki, deus da trapaça e da travessura na mitologia *viking*, capaz de assumir a forma que quiser. Apesar de promover intrigas e confusões, Loki é respeitado por conquistar para os deuses alguns dos seus bens mais preciosos. É ele quem dá a Odin sua lança e quem ajuda Thor a recuperar seu martelo roubado pelos gigantes.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER + SOBRENATURAL



KPLEKPLE
Ritos dos povos Wan e Baulê
COSTA DO MARFIM

No início do século XX, o povo Baulê adotou uma cerimônia já mantida pelo povo Wan, conhecida como Dança Goli. Durante ritos comemorativos e agrícolas, ou no funeral de alguém respeitável e de alto escalão, a aldeia se envolve em festejos ao longo de um dia inteiro, muitas vezes animados pelo consumo de vinho de palma. Um dos tipos de máscara que faz parte da dança, a *Kplekple* representa um búfalo, com traços levemente humanos, como símbolo da busca por um equilíbrio entre o mundo dos homens e o mundo selvagem. Ela costuma ser usada por jovens travessos que, durante os festejos, perseguem mulheres ou crianças, agitados pelas canções entoadas. Os ritos goli também se realizam em situações de perigo, como modo de pedir proteção às forças sobrenaturais que zelam pela aldeia.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

HIBRIDISMO + TRANSGRESSÃO + PODER + SOBRENATURAL



CAMPONÊS (TLACOLORERO)
Dança dos Tlacoleros
MÉXICO

De origem pré-hispânica, a Dança dos Tlacoleros é uma das tradições mais importantes do folclore mexicano em estados como Oaxaca e Guerrero. Relacionada com o ciclo agrícola, a dança deve seu nome à palavra *tlacocol*, que na língua asteca descreve a ação de preparar a terra para a semeadura. O rito encena a história de camponeses (*tlacoloreros*) que têm sua colheita e seu gado atacados por um tigre, então se organizam para procurar, caçar e vender o animal. Simbolicamente, representa o esforço do homem para controlar as forças da natureza que ameaçam sua subsistência. Além dos grandes *sombreros*, imitando chapéus vestidos por trabalhadores rurais para se protegerem do sol, os foliões fantasiados de *tlacoloreros* usam chicotes, produzindo sons interpretados como trovoadas. Desse modo, clamam por uma boa estação chuvosa, para que as colheitas sejam proveitosas.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

PODER



OJIME
Adereço indumentário
JAPÃO

Ao olhar apressado, um *ojime* parece apenas uma espécie de miçanga. Mas a delicadeza envolvida em sua produção se aproxima à da arte do *netsuke*, miniaturas surgidas no século XVII para conjugar funcionalidade e beleza. Compondo a indumentária solene do quimono, cada *ojime* carrega uma singularidade, o que agrega um traço identitário a quem o veste. Este, em particular, faz referência às oscilações entre a alegria e o ódio, o que, no universo das artes marciais, remete à busca do lutador pelo equilíbrio, sem se deixar inebriar pela vitória ou abater pela derrota.

Coleção particular

HIBRIDISMO

CARA DE CERÂMICA (MARIWIN)
Ritos do povo Matis
BRASIL

Autodenominados de *Matses* (“seres humanos”), os Matis acabaram acatando o nome que os não indígenas, como os funcionários da Funai, deram a eles. Nativos do Amazonas, são reconhecidos pelo forte hábito de enfeitar a face com tatuagens, perfurações ornamentais e outros adornos. Eles contam às crianças histórias sobre os *mariwin*, espíritos ancestrais incorporados por mascarados, que usam chicotes de talo de palmeira para disciplinar os pequenos. Nos ritos que evocam a presença desses espíritos, os adultos levam meninos e meninas, a partir de dois ou três anos, para serem açoitadas. O objetivo não é maltratar, e sim torná-las mais vigorosas e capazes de suportar as dores das tatuagens, das perfurações, da vida. Para os Matis, bater faz crescer: nos períodos de entressafra, se há escassez de alimentos, eles vestem seus adornos cerimoniais e batem sobre as plantações, para estimular seu desenvolvimento.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro

SOBRENATURAL + PODER





PALHAÇO

Wayang Topeng [Teatro de máscaras tradicional javanês]
INDONÉSIA

Apesar de originário da ilha de Java, o teatro de máscaras *Wayang Topeng* também é bastante difundido na ilha de Bali, onde cada apresentação segue uma ordem de danças e encenações. Em geral, começa com a performance de dois Ministros, repleta de vigor e de traços humorísticos, seguida pela entrada do Velho Sábio, que demonstra dignidade, mas não deixa de ser enganado pela idade avançada. Em seguida, entra o Rei, e depois um inimigo que o ameaça, mas é logo derrotado pelo Guerreiro real. Chega então a vez de uma figura que se faz presente em diversas culturas, épocas e roupagens: um palhaço, ou melhor, quatro deles. Os dois primeiros têm as máscaras desprovidas de mandíbulas, para se fazerem entender pelo público enquanto entoam falas importantes para a trama. Os outros dois assumem um estilo mais caricato e bufão: arrancam risadas da plateia com seus tiques e movimentos burlescos, confirmando o potencial transgressor da comédia, apreciada em tantos países do mundo.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

TRANSGRESSÃO



MAMUTHONES

Carnaval de Mamoiada [Aldeia na província de Nuoro, interior da Sardenha]
ITÁLIA

As celebrações carnavalescas na aldeia de Mamoiada obedecem a uma tradição milenar, marcando o final do período do inverno e a esperança da renovação pela primavera. A maior atração da festa é o cortejo de Mamuthones e Issohadores, mascarados, que encenam memórias arcaicas e agropastoris da Sardenha. Vestindo um colete de lã de carneiro negra e um conjunto de sinos de bronze que pode pesar até 40 quilos, os Mamuthones usam máscaras de madeira escura com traços grotescos e pontiagudos. Um híbrido de homem e besta, o personagem parece simbolizar o destino de ambos ao perambular pelas montanhas e pastos da ilha. Ao mesmo tempo, representa a identidade de um povo subjugado por dominações subsequentes. Os Issohadores, com seus chapéus pretos e túnicas vermelhas, representam os estrangeiros dominadores, que enlaçam mulheres jovens da multidão durante o cortejo. Enquanto isso, os Mamuthones chacoalham seus sinos, pesados como o sofrimento de um prisioneiro.

Coleção particular

PODER + HIBRIDISMO



LEI GONG

Danças de exorcismo Nuo
CHINA

Lei Gong, o deus do trovão no folclore chinês, nasceu de um ovo quebrado por um trovão e se tornou imortal quando comeu dois damascos de uma árvore encantada. Transformado num monstro com asas e bico de pássaro, buscou a iluminação espiritual, até se converter na principal divindade associada às tempestades. Ao lado da esposa Dian Um, deusa do relâmpago, ele lidera seus cúmplices Yun Tong (que cria as nuvens), Yu Zi (que traz as chuvas) e Feng Bo (que agita os ventos). Munido de um martelo e um tambor, Lei Gong produz sons horripilantes para punir malfeitores que incorrem em crimes morais. Ele está entre as divindades invocadas nos rituais *Nuoxi*: cerimônias de exorcismo da tradição chinesa nuo, que envolvem danças e encenações com máscaras montadas com o intuito de afastar espíritos malignos.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

PODER + SOBRENATURAL + HIBRIDISMO



COELHO (DYOMMO)

Ritos do povo Dogon
MALI

Um mito dogon narra a história de um caçador e de seu cachorro, que capturou um coelho. Antes de matá-lo e devorá-lo, o homem esculpiu em madeira uma estátua da caça. Encenado em ritos de passagem, em que o jovem iniciado incorpora o coelho e dança até cair no chão, este mito ilustra a avidez do povo Dogon de representar o mundo inteiro à sua volta. À medida que novas mudanças transformam o seu mundo, eles agregam novas máscaras às danças. Estrangeiros, policiais e turistas já foram retratados, mas as máscaras ligadas a eventos, personagens e animais míticos continuam frequentes em ritos fúnebres ou cerimônias que marcam o fim de um período de luto. No exemplar aqui exposto, há traços humanos que se somam aos do animal, como a barba abaixo do queixo, remetendo a uma figura ancestral. Já os desenhos em ziguezague, na testa, remetem à fronteira entre o céu e a terra, ou entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

Coleção particular

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL + MORTE



YANGALEYA

Ritos do povo Djimini (Senufo)

COSTA DO MARFIM

Os Djimini são um subgrupo do povo Senufo, que por muitas gerações cultivaram o hábito de construir suas moradias ao redor do baobá, uma árvore gigantesca que pode viver mais de mil anos. Grande parte dos Djimini segue uma mistura religiosa de práticas cristãs e pagãs, que inclui crenças animistas, isto é, a aposta de que não só o baobá, mas também outros seres da natureza e do universo são dotados de espíritos. A mitologia djimini é repleta de animais sagrados, como o Yangaleya: um pássaro mítico da mesma espécie do calau, representado com traços humanos e chifres de búfalo ou touro selvagem. Cultuado como um animal primordial, o Yangaleya é considerado um símbolo de fertilidade e, ao mesmo tempo, um ajudante encarregado de orientar as almas dos mortos.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

HIBRIDISMO + SEXUALIDADE + SOBRENATURAL + MORTE



HIENA

Ritos do povo Bamana

MALI

Entre os Bamana, o N'tomo é uma sociedade iniciática de crianças ainda não circuncidadas, que precisam aprender a ficar caladas e sofrer em silêncio, antes de progredirem para outras associações, como a Kore. A cada sete anos, uma faixa de meninos púberes participa de um rito de passagem kore, em que precisam ser simbolicamente mortos, para deixarem o universo das mulheres e dos bebês. Após um período de reclusão no mato, em que são submetidos a desafios e provas, eles se transformam em homens adultos, tão fortes e habilidosos quanto os animais da floresta. Inspiradas nesses animais, existem diferentes classes de iniciados, cada qual com suas máscaras: macacos (*Sulaw*), leões (*Jaraw*) e hienas (*Surukuw*), sendo esta última exemplificada pela peça aqui exposta.

Coleção particular

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL + MORTE

KUKER

Ritos de inverno búlgaros

BULGÁRIA

Entre o ano-novo e a quaresma, muitas cidades búlgaras mantêm viva a tradição dos *kukeri*, uma herança das antigas festas dionisíacas na região da Trácia. Semelhante a Dionísio, associado aos excessos orgiásticos do vinho e dos carnavais, *Kuker* é uma divindade animalesca que personifica a fecundidade, retratada com longos cornos e um enorme falo, simbolizando o desejo de que a aridez do inverno dê lugar a uma primavera fértil. Para isso, os *kukeri* dançam mascarados pelas ruas, exibindo vestes confeccionadas com pelos e peles de animais, empenhados em afugentar os maus espíritos e garantir colheitas fartas.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + HIBRIDISMO



MACACO

Ritos do povo Baulê

COSTA DO MARFIM

Para o povo Baulê, o universo é habitado por forças sobrenaturais que podem influenciar as vidas das pessoas de maneiras positivas ou negativas. Muitas dessas forças exigem a criação de objetos tangíveis, para que possam ser localizadas no espaço e canalizadas em ritos coletivos. Dentre esses objetos, se incluem as numerosas máscaras e estatuetas que retratam o macaco, um animal sagrado e representado com traços semelhantes aos humanos. Para que um bom espírito habite a máscara ou estatueta, elas precisam ser esculpidas pelos artesãos com grande amor e beleza. Entre suas múltiplas funções, a máscara de macaco Baulê é usada em atividades divinatórias, para determinar as causas de possíveis infortúnios e para aplacar maus espíritos.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

SOBRENATURAL



GARUDA (CHUNG)

Dança Tsechu [Festival budista no décimo dia do calendário lunar butanês]

BUTÃO

Criatura recorrente em diversas mitologias asiáticas, Garuda é o rei dos pássaros, conhecido no Butão como *Chung* (águia) e considerado um dos quatro animais sagrados que trazem a felicidade, ao lado do *Tak* (tigre), do *Druk* (dragão) e do *Seng* (leopardo-das-neves). Seus chifres, apontando para o alto, simbolizam o fato de que *Chung* reina sobre os céus, observando e controlando o espaço aéreo com seus três olhos. Sua máscara é usada como ícone de coragem e poder, em danças religiosas do Festival Tsechu.

Coleção particular

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL



BOE

Carnaval de Ottana [Aldeia na província de Nuoro, interior da Sardenha]

ITÁLIA

Com longos chifres apontando para o céu, a máscara do Boe (“boi”) é típica do carnaval da pequena aldeia de Ottana, na ilha da Sardenha, e também dos festejos pelo Dia de Santo Antônio (17 de janeiro), quando grandes fogueiras são acesas pelas ruas. Cobertos por lã de carneiro branco e por um punhado de sinos de bronze barulhentos, os mascarados encarnam o espírito do animal e saem em cortejo se comportando como verdadeiros bovinos. Alguns chegam a se jogar no chão, implorando por bebidas e bombons. Cada boi interage com um *Merdule*, um pastor também mascarado que se ocupa de enlaçar e controlar o bicho rebelde, eventualmente batendo nele com seu cajado. A encenação representa o embate entre o instinto e a razão humana, ou o esforço do homem para dominar e domesticar as forças da natureza, ideia presente em diversos ritos culturais, como as touradas espanholas. Ao zombar da sua própria condição durante o carnaval, os trabalhadores rurais renovam as energias para investir em mais um ano de trabalho agropastoril.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



RAPOSA (KITSUNE)

Ritos xintoístas

JAPÃO

No universo do xintoísmo, um antigo sistema de crenças e ritos espirituais que permeia a cultura japonesa, a raposa (*kitsune*) pode se manifestar de duas formas: a forma *zenko* – reverenciada como a mensageira sagrada do deus Inari, espírito ligado à riqueza e à abundância, sobretudo da colheita do arroz – e a forma *yako* – representada na máscara exposta aqui, considerada astuta e sorrateira, sempre inclinada a enganar os homens por meio de dons sobrenaturais. Dons como a habilidade de assumir uma aparência humana (geralmente a de belas mulheres ou anciãos) ou a capacidade de invadir os sonhos de alguém, podendo, num extremo, levar uma pessoa à loucura. Quanto mais velha e sábia a raposa, mais poderosa ela é, e mais caudas ela tem, chegando a ter no máximo nove.

Acervo Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil,

São Paulo

SOBRENATURAL + TRANSGRESSÃO + SABEDORIA



TORITO

Carnaval de Barranquilha / Dança do Congo

COLÔMBIA

Em diferentes culturas, o touro é visto como a incorporação da fúria desenfreada da natureza, que o homem procura controlar, por meio da domesticação, ou derrotar, por meio de embates simbolizados pelas touradas em países como Espanha e Portugal, onde o que está em jogo é a demonstração da superioridade humana sobre os seres selvagens. No Carnaval de Barranquilha, a figura do Torito se reveste de traços pertencentes ao primeiro caso, do touro domesticado – e até mesmo simpático. Ele lidera a quadrilha de animais participantes da Dança do Congo, uma festa de rua que presta homenagem aos escravos africanos que trabalharam no Caribe colombiano. Desde o século XIX, a festividade recria tribos guerreiras congolesas, representadas por foliões de turbante, munidos com um facão de madeira, que improvisam passos de dança acompanhados por mulheres e pelos brincantes mascarados de animais.

Coleção particular

PODER





MARIMONDA

Carnaval de Barranquilha
COLÔMBIA

No folclore colombiano, a Marimonda é um ser mágico que defende as florestas, semelhante ao Curupira no Brasil, com a diferença de que se trata de uma bela mulher, que seduz os caçadores para castigá-los. Contam que seu espírito habita o corpo do macaco-aranha, animal zombeteiro e brincalhão, nativo das matas caribenhas. A máscara da Marimonda se inspira nos traços do primata, com o detalhe de que o rabo se desloca para o nariz, sugerindo uma associação com a sensualidade envolvida no mito. Confeccionada inicialmente a partir dos restos de uma almofada velha, a máscara demonstra o ímpeto de um povo, sem muitos recursos, de se entregar à brincadeira livre e eufórica durante o carnaval. Nos figurinos atuais, os foliões acrescentam gravatas, zombando da classe dirigente colombiana, que enriquece sem trabalhar.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE + SOBRENATURAL



HANUMAN

Hanuman Jayanti [Festival religioso hinduísta em homenagem ao Deus Macaco Hanuman]
TAILÂNDIA

Certo dia, os deuses Shiva e Parvati se transformaram em macacos e se entregaram a jogos amorosos na floresta. Como resultado, Parvati engravidou. Fiel a suas responsabilidades divinas, Shiva não podia ter filhos. Então, pediu ao deus do vento Vayu para levar o bebê do ventre de Parvati para o de Anjana, um espírito feminino com a forma de um macaco que orou para receber um filho. Assim nasceu o deus macaco Hanuman, um símbolo de astúcia, devoção e coragem nos tempos de dificuldade. Depois de uma juventude marcada por travessuras e confusões, Hanuman prova sua bravura e sua lealdade ao Senhor Rama, lutando em seu nome contra o demônio Ravana. Representada em amuletos de proteção ou em estátuas guardiãs dos templos da deusa Kali (uma das manifestações de sua mãe Parvati), a divindade do macaco branco é cultuada por fiéis em busca de forças para enfrentar os obstáculos da vida. Sua máscara é usada em danças religiosas, sobretudo durante o *Hanuman Jayanti*, nas quais o mascarado pode saltar fogueiras, como se vencesse um obstáculo.

Coleção particular

JUSTIÇA + SOBRENATURAL

ZEBRA

Carnaval de Barranquilha
COLÔMBIA

Figura e fundo se confundem no contraste de listras sobre o corpo da zebra, equino selvagem e dificilmente domesticável, dono de um coice tão forte que pode quebrar a mandíbula de um leão. No Carnaval de Barranquilha, a máscara da zebra remete à figura do estrangeiro: é um animal nativo da África, continente de onde vieram os escravos que trabalharam em colônias no Caribe, deixando sua influência na cultura e nos festejos colombianos. Carregado de grande força simbólica, a zebra também remete ao anonimato tantas vezes envolvido no ato de se mascarar: quando andam em bandos, elas se misturam até enganar os olhos do predador, que se torna incapaz de calcular a quantidade de animais e de diferenciar um do outro. Essa qualidade de iludir o julgamento de alguém está por trás da expressão brasileira “dar zebra”, isto é, acontecer uma situação diferente do esperado. Neste caso, é possível que haja ainda uma associação com o que seria um resultado totalmente imprevisível no jogo do bicho, já que a zebra não pertence ao repertório de 25 animais do jogo de azar.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO



DEUS MACACO (HUN BATZ)

Dança dos Macacos
GUATEMALA

Segundo a mitologia maia, celebrada até hoje pelo povo guatemalteco, os gêmeos Hun Batz e Hun Chouen tinham muitos talentos, sobretudo para a arte e a música, mas não para os esportes. Já seus irmãos, também gêmeos, tinham uma habilidade esportiva excepcional, por isso eram chamados de Herói Gêmeos. Essa habilidade suscitou a inveja de Hun Batz e Hun Chouen, que os convocaram a várias disputas, inconformados com as derrotas. Até que os Heróis Gêmeos tramaram um plano: desafiaram os irmãos a buscar pássaros na copa de uma árvore e magicamente fizeram a árvore crescer muito, quase tão alto quanto o sol, de modo que os adversários ficaram presos lá em cima. Para descer, eles resolveram se enrolar nos cintos como se fossem rabos, e neste momento foram misteriosamente transformados em macacos. Adorados como divindades da Arte e da Música, os deuses macacos são associados também ao sol – o que aproxima o mito maia do mito grego de Apolo, deus solar e patrono das artes.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

PODER + SOBRENATURAL





TIGRE

Carnaval de Barranquilha / Dança do Congo
COLÔMBIA

As referências simbólicas ao tigre, felino que fascina por sua elegância, mas aterroriza por seu instinto predador, remontam a civilizações antigas como a Mesopotâmia, chamada “terra entre dois rios” – o Tigre e o Eufrates, que percorrem atualmente os territórios do Iraque, do Kuwait e da Síria. Nos mitos babilônios, o Tigre nasceu dos olhos de Marduk, o criador, assim como o Eufrates. Mas a associação entre o animal, com seus movimentos sinuosos, e o rio, com seu desenho geográfico curvilíneo, não é a única possível. No Carnaval de Barranquilha, a figura do tigre faz parte da fauna de espécies exóticas que brincam a Dança do Congo. A dança presta homenagem aos escravos trazidos da África para trabalhar na Colômbia. Embora seja originário da Ásia, o tigre se inclui entre os dançarinos mascarados, como mais uma representação da figura do estrangeiro trazido de longe, admirável por sua força e beleza.

Coleção particular

PODER



TIGRE (TAK)

Festivais budistas butaneses
BUTÃO

Segundo as crenças religiosas dominantes no Butão, o Guru Rinpoche trouxe o budismo para o país, centenas de anos atrás, montado nas costas de uma tigresa voadora. Com seu modo preciso e silencioso de se movimentar, o tigre (*Tak*) constitui para os butaneses um símbolo de atenção, confiança, disciplina e dignidade. Mas também pode ficar furioso e agir com vigor, quando a situação exige. Ao lado da águia (*Chung*), do dragão (*Druk*) e do leopardo-das-neves (*Seng*), é considerado um dos quatro animais veneráveis, que trazem força, sabedoria e felicidade às pessoas.

Coleção particular

SABEDORIA

LA URSA

Carnaval do Recife
BRASIL

“A La Ursa quer dinheiro, quem não dá é pirangueiro!”, gritam foliões fantasiados de ursos no carnaval de rua do Recife. A brincadeira teve origem no século XIX, por influência de colonos italianos que trouxeram para o Brasil o imaginário de povos ciganos, ligados a um universo circense que incluía a apresentação de ursos amestrados. Na sua versão mais tradicional, o rito carnavalesco envolve um domador, um caçador e, é claro, La Ursa, representada por um mascarado que dança amarrado ao domador por uma corda, mas às vezes ousa escapar e simula ataques ao público. Nessa hora, o caçador recaptura o animal para vendê-lo ao domador, numa encenação acompanhada por um coro de canções irreverentes, algumas com duplo sentido, associando a imagem do urso à figura de um amante.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO



URSO (JUKUMARI)

Diablada, Morenada e carnavais de países andinos
BOLÍVIA

O *Jukumari* é uma figura folclórica inspirada no urso-de-óculos da América do Sul, originalmente negro, mas às vezes representado branco, como um híbrido do urso polar. Seu mito narra a história de uma mulher raptada e engravidada por um urso, que dá à luz ao pequeno Juan, metade besta, metade humano. Para fugir com a mãe da caverna onde o pai os mantém cativos, Juan o mata. Passa a viver só com ela, até se tornar um excelente guerreiro, de força descomunal e inteligência proporcional à sua grande cabeça. O mito se apoia em semelhanças entre ursos e humanos, como o tempo de permanência do filhote com a mãe (que inspira a imagem do ursinho de pelúcia) e a capacidade de ficar em pé, liberando as patas dianteiras para lutar (como um guerreiro no embate corpo a corpo). Sua máscara se faz presente em diversas festividades andinas, como os carnavais, as *Diabladas* (danças em que os bailarinos usam máscaras de demônios) e as *Morenadas* (danças em que os bailarinos se fantasiam como negros).

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

HIBRIDISMO + JUSTIÇA + SEXUALIDADE + PODER



ELEFANTE
Ritos do povo Guro
COSTA DO MARFIM

Máscaras que representam búfalos, macacos e vários tipos de pássaros são encontradas em ritos de diferentes povos da África. É mais raro que se utilizem máscaras de elefantes: com frequência, são considerados animais da realeza, e o uso dessas máscaras se torna um privilégio de certas linhagens. Entre os Guro, o elefante é reverenciado como um animal de trânsito, capaz de transitar entre dois mundos, seja entre o mundo humano e o mundo dos bichos, ou entre o mundo natural e o mundo sobrenatural. As máscaras de elefante guro são usadas apenas por membros da sociedade iniciática Gye, podendo ser utilizadas em funerais ou como máscaras de caça.

Coleção Ivani e Jorge Yunes
PODER + SOBRENATURAL + MORTE



CADELA MARAVILHA (PERRA MARAVILLA)
Dança dos Tlacoleros
MÉXICO

A Dança dos Tlacoleros, apreciada em estados mexicanos como Oaxaca, encena a história de um grupo de camponeses que persegue um tigre, com a ajuda do faro aguçado de sua cadela Maravilha. Representada por um dançarino com máscara de cão, é ela quem encontra e aponta o esconderijo da caça. À medida que os foliões avançam pela rua, a cadela e o tigre se provocam e chegam a se enfrentar, até que os camponeses interrompem seu desfile e formam um círculo ao redor dos dois, para ver quem vai ganhar a briga. Em seus movimentos vivazes e festivos, os mascarados tematizam a discrepância entre o animal domesticado, a serviço do homem, e o animal selvagem, ícone de uma natureza ameaçadora, até que a civilização humana seja capaz de controlá-la.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas
PODER



GANESHA
Ganesha Chaturthi [Festival religioso hinduísta em homenagem ao Deus Ganesha]
TAILÂNDIA

Para não ter filhos, o deus Shiva tinha raros encontros com sua amada deusa Parvati. E quando os tinha, exercia um rigoroso autocontrole tântrico para não ejacular. Desejosa de se tornar mãe, ela decide ter um filho por conta própria, dando à luz um guerreiro bravo e protetor da morada materna. Quando Shiva vai visitar Parvati, Ganesha não permite que ele entre. O rapaz consegue vencer todo o exército do grande deus, mas tem sua cabeça decepada por ele. Desesperada, Parvati ordena que Shiva traga a cabeça do primeiro ser vivo para salvar seu filho. É assim que Ganesha recebe sua cabeça de elefante, sobre o corpo humano e dotado de quatro braços. Um dos deuses mais adorados do panteão hinduísta, ele é cultuado pela inteligência e habilidade de remover os obstáculos, promovendo a fartura e o sucesso. Suas máscaras são usadas em festivais religiosos como o *Ganesha Chaturthi*, nos quais o mascarado costuma apresentar características de fartura: em geral gordo, pode aparecer rodeado de mulheres e servos.

Coleção particular
SOBRENATURAL + SABEDORIA + HIBRIDISMO

ESPÍRITO DOS TRONCOS
Ritos de povos esquimós do Alasca
ESTADOS UNIDOS

No estado norte-americano do Alasca, onde as árvores são mais escassas do que gostariam os povos esquimós, a madeira é considerada um bem precioso para a sobrevivência. Ela é usada para atividades fundamentais como a construção e o aquecimento das casas, além da fabricação de trenós, barcos, remos, arcos, flechas e armadilhas de pesca. Não é por acaso que os esquimós usam um bem tão precioso também na fabricação de máscaras cerimoniais. Eles encenam danças sagradas para pedir que, com o sopro da primavera, o degelo dos rios traga peixes em abundância, além dos troncos que chegam flutuando com a correnteza. Para os esquimós, não só os animais, mas também a madeira é dotada de um espírito e de sentimentos próprios, sendo capaz de atos de gratidão ou retaliação, exigindo tanto respeito quanto qualquer ser vivo.

Coleção particular
PODER + SOBRENATURAL





BALACLAVA

Terrorismo / Estado Islâmico
SÍRIA

Além da proteção contra o frio, a *balaclava* oferece proteção contra o julgamento alheio. A possibilidade de ver o outro, sem ser visto por ele, cria uma relação desigual de poder. Em certos casos, há um efeito de desumanização do mascarado, que se sente livre para cometer transgressões ou até atrocidades. Com o rosto coberto por uma *balaclava*, diante de uma câmera, um membro do grupo terrorista Estado Islâmico, conhecido como Jihadi John, assumiu a ousadia necessária para degolar prisioneiros de diferentes nacionalidades, durante a Guerra da Síria. Em vídeos que correram a internet entre 2014 e 2015, ele vestia a máscara do carrasco contemporâneo, exibindo seus atos aos rostos nus de milhões de espectadores.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER + MORTE

QHAPAQ QOLLA (DE CUSCO)

Festa de Nossa Senhora do Carmo
PERU

Celebrada entre 15 e 19 de julho, a Festa de Nossa Senhora do Carmo, chamada no Peru de *Virgen del Carmen*, é uma ocasião em que proliferam os ritos populares com máscaras. Um dos mais tradicionais é a Dança do Qhpaq Qolla – nome que, no idioma quíchua falado pelos Incas, significa o “poderoso habitante de Qollasuyo”. Os dançarinos mascarados prestam homenagem a comerciantes que viajavam até Cusco com suas lhamas e alpacas para trocar lã, fibras, queijos e outras mercadorias por produtos cultivados pelos agricultores locais, como milho, feijão e folhas de coca. Confeccionada de lã, a máscara do Qhapaq Qolla original é branca, mas a peça aqui exposta sofreu uma releitura: foi adornada com as cores da bandeira de Cusco, remetendo à miscigenação entre os dois grupos de comerciantes na formação de um só país. Frequentemente interpretada como um sinal de apoio à causa LGBT, a bandeira com as cores do arco-íris hoje confunde estrangeiros em busca de turismo gay e suscita debates entre a população da antiga capital do império inca.

Coleção Luiz Filipe Carvalho

PODER + HIBRIDISMO



KU KLUX KLAN

Terrorismo / Supremacia Branca
ESTADOS UNIDOS

Como os fantasmas que aterrorizam a imaginação infantil, cobertos por lençóis brancos com furos nos olhos, os membros da Ku Klux Klan provocam medo com sua presença macabra. Ao se mascarar em grupo, à imagem de um carrasco branco, cada membro se identifica aos demais, enfraquecendo sua individualidade para fortalecer a identidade do clã. Protegidos pelo anonimato, praticaram atos criminosos de violência contra negros, asiáticos, judeus e católicos entre os séculos XIX e XX, e até hoje conquistam simpatizantes que, na contramão da lei e da história, ousam defender ideais de segregação.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



OGUM

Candomblé
BRASIL

No início dos tempos, homens e orixás caçavam e plantavam usando instrumentos de madeira ou pedra. Apesar do grande esforço na caça e no plantio, a fome e a escassez rondavam a Terra. Os orixás se reuniram para decidir como limpar um terreno de mata, tentando aumentar a área de lavoura. Mas seus instrumentos eram frágeis. Um a um, fracassaram na missão. Até que Ogum, que conhecia o segredo da forja, empunhou seu facão de ferro e limpou o terreno. Os orixás se admiraram pelo valor do metal, não só para a agricultura, mas também para a caça e a guerra. Em troca do segredo da forja, ofereceram a Ogum um reinado. Cultuado pelos candomblecistas como orixá guerreiro, Ogum chega nos terreiros movimentando sua espada, para trazer força e coragem a quem precisa lutar. Não por acaso, sua figura se apresenta com um elmo de metal na cabeça, dotado da força simbólica de uma máscara de guerra.

Coleção particular

CRIAÇÃO + PODER + SABEDORIA

CAPUZ DE BONDAGE

Fetichismo sexual
HOLANDA

O *bondage* (“escravidão”, em inglês) é um tipo de fetichismo em que a principal fonte de prazer resulta do ato de amarrar ou imobilizar o parceiro. Em geral, está vinculado à dinâmica de dominação/submissão envolvida em práticas sexuais sado-masoquistas. Um capuz de *bondage*, também chamado de máscara *gimp*, permite que um outro tenha poder sobre os orifícios do rosto do mascarado. Alguns desses orifícios configuram zonas erógenas, como os olhos (que podem ser vendados ou expostos a estímulos visuais excitantes) e a boca (que pode ser tapada ou aberta, num jogo de controle sobre a excitação oral).

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE + PODER



NARIZ DE PALHAÇO

Palhaçaria
ORIGEM DESCONHECIDA

A figura do palhaço remonta a milhares de anos: há indícios de que bufões já divertiam os faraós do Egito por volta de 2.500 a.C. Mas não se conhece ao certo a origem do nariz vermelho, considerado a menor máscara do mundo. Uma hipótese comum é a associação com a figura do bêbado: patético, trôpego, suscitando a alegria e o riso, sobre um fundo de tristeza. Usado no circo, no teatro, em protestos políticos, óperas e carnavais, o nariz de palhaço reduz ao mínimo o gesto transformador de se mascarar, potencializando, num pequeno objeto, a carga simbólica de uma tradição transcultural.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO



V

Anonymous [Legião de internautas anônimos de diversas partes do mundo, que se articulam em atos políticos dentro ou fora da rede]

INGLATERRA

Baseado nos quadrinhos de Alan Moore e David Lloyd, o filme *V de Vingança* (dir.: James McTeigue, EUA / Inglaterra, 2005) popularizou a máscara de V, um libertário que enfrenta o governo opressor de uma Inglaterra distópica. Ele convoca a população de Londres a assistir à explosão do Parlamento britânico usando máscaras com o rosto de Guy Fawkes (soldado católico que tentou explodir o Parlamento em 1605, mas acabou preso e esquartejado). A narrativa inspirou a adoção das mesmas máscaras pelos membros audaciosos do *Anonymous*, em protestos como o Occupy Wall Street e a Primavera Árabe, em 2011, ou as Jornadas de Junho no Brasil, em 2013. Mais do que esconder a identidade de cada membro, a máscara reforça o pertencimento a um cérebro global horizontalizado. Sem líderes definidos, os *Anonymous* lutam contra diferentes tipos de opressão, lançando mão de técnicas criativas de ativismo digital (como o “hacktivismo”) e ação direta (protestos, boicotes, desobediência civil).

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER

DAFT PUNK

Thomas Bangalter [Músico]
FRANÇA

Ambos filhos de famílias de imigrantes, o franco-mexicano Thomas Bangalter e o franco-lusitano Guy-Manuel de Homem Cristo se juntaram nos anos 1990 para formar o duo Daft Punk, conhecido como “os Beatles da música eletrônica”. Desde o início da carreira, faziam apresentações com os rostos cobertos por sacos de lixo e compareciam a sessões de fotos usando máscaras assustadoras, num jogo entre repelir e atrair a atenção do público, ora para as máscaras, ora para a música. Com a ajuda de amigos designers, desenvolveram suas célebres máscaras de robôs, algumas inclusive com ar-condicionado e sistema de comunicação interno, para serem usadas em shows. Com seus traços tecnológicos e futuristas, as máscaras guardam um aspecto quase alienígena, como uma espécie de metáfora para a condição estrangeira dos mascarados.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO



SALVADOR DALÍ (ASSALTANTE DA SÉRIE CASA DE PAPEL)

Crimes urbanos na América Latina
ESPANHA

Lançada pela Netflix em 2017, a série *Casa de Papel* se tornou um sucesso internacional, contando a história de um grupo de mascarados que invade a Casa da Moeda espanhola para praticar o roubo do século. Apesar da intenção de imprimir o dinheiro para si mesmos, os assaltantes foram tomados como heróis, por aplicarem um golpe num ícone do capitalismo financeiro, imune à crise socioeconômica que afeta vários países do mundo. A máscara usada pelos ladrões, representando o rosto e os bigodes irreverentes do pintor espanhol Salvador Dalí, evoca a ousadia de um artista que preferia desafiar a realidade a se submeter a ela. A popularidade da série na América Latina foi comprovada no início de 2018: somente em abril, quadrilhas no Brasil, na Argentina e no Chile foram interceptadas enquanto praticavam crimes de invasão, roubo e tráfico de drogas, trajadas como os assaltantes de Casa de Papel.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER



“PASSAPORTE”

Deslocamentos do povo Dan
COSTA DO MARFIM

Certos povos africanos criaram o hábito de produzir um tipo de máscara chamado de “passaporte”: uma miniatura carregada pelo usuário, como forma de identificação da sua etnia de origem enquanto ele estiver fora da sua terra natal. Alguns objetos também se revestem dessa função: permitem que seus donos atravessem territórios regidos por uma jurisdição diferente da sua. É o caso do *récade* (bastão) para os Fon, ou da *manilha* (dinheiro) para muitos povos da África Central e Ocidental. O exemplar aqui exposto tem as características de uma máscara “passaporte”, só não se sabe ao certo se produzida pelos Dan – embora sejam típicas desse povo as máscaras de metal em miniatura são usadas especialmente por mulheres, como objetos de prestígio.

Coleção Ricardo Azevedo Leitão

PODER



MASQUE REJETÉ

Pascale Marthine Tayou [Artista contemporâneo]
CAMARÕES

Desde os anos 1990, o camaronense Pascale Marthine Tayou ganhou notoriedade por buscar redefinir artisticamente a cultura pós-colonial, levantando questões sobre a globalização. A peça aqui exposta é parte da sua série *Masques Rejetés* (“máscaras rejeitadas”), que associam referências de povos tradicionais africanos a elementos globais e contemporâneos. O artista se inspira num estilo de representação da boca semelhante ao dos *Nkisi*, do Congo, e dos olhos semelhante ao de povos que vivem no Gabão, além de outros grupos que cobrem a linha dos olhos com uma cor branca, remetendo à sabedoria sacerdotal. Mas produz um curioso efeito ao adornar a máscara com um moderno par de óculos escuros, além de acrescentar, ao alto da cabeça, pequenos objetos de plástico, matéria-prima problemática nos debates sobre reciclagem de materiais, que também interessam ao repertório do artista.

Cortesia: Do artista / Galleria Continua, San Gimignano, Pequim, Les Moulins, Havana

HIBRIDISMO + CRIAÇÃO + TRANSGRESSÃO

NKISI

Ritos do povo Bakongo
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Quem se assustou com o vilão Pinhead, que tem o crânio todo coberto por alfinetes no filme de terror *Hellraiser: Renascido do inferno* (dir.: Clive Barker, Inglaterra, 1987), não poderia imaginar que o povo Bakongo, na República Democrática do Congo, concebeu uma figura semelhante, mas com uma função sagrada e sobrenatural. Uma máscara ou estátua com lâminas e pregos fincados na madeira, entre os Bakongo costuma denotar uma promessa feita por uma pessoa ou por um grupo. Uma promessa que precisa ser cumprida: caso seja quebrada, acreditam que o desrespeito resultaria em morte. São peças baseadas nas estatuetas de poder conhecidas como *Nkisi*, objetos mágicos que promovem um intercâmbio contínuo entre o mundo dos vivos (visível) e o mundo dos mortos (invisível).

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL + MORTE





ATSARA

Festivais budistas butaneses
BUTÃO

Com suas máscaras e seus trejeitos irreverentes, os *atsaras* são personagens indispensáveis em qualquer festival religioso no Butão. Eles divertem os monges e o público, ajudam os dançarinos com suas fantasias, fazem piadas lascivas e, quando as cerimônias começam a se tornar tediosas, distraem a multidão com suas travessuras. Caracterizados à imagem dos *acharyas*, mestres religiosos da Índia, são os únicos que têm permissão para zombar da religiosidade, numa sociedade em que os assuntos sagrados são tratados com a maior seriedade e respeito. Nessas ocasiões festivas, eles dão voz a uma liberdade de expressão e movimentos, que é bem-vinda e tolerada pela ordem religiosa vigente. Seu caráter transgressor também se representa pela força do vermelho que salta aos olhos no seu traje e na própria máscara, adornada com uma espécie de adereço fálico no topo da cabeça.

Coleção particular
TRANSGRESSÃO

SIDHA KARYA

Wayang Topeng [Teatro de máscaras tradicional javanês]
INDONÉSIA

A versão balinesa do teatro de máscaras *Wayang Topeng*, originário da ilha de Java, conta com um personagem ao mesmo tempo irreverente e sagrado para a tradição hinduísta local. Sidha Karya (“aquele que pode fazer o trabalho”) é retratado como um senhor de idade avançada, mas engajado numa performance forte e hipnótica, geralmente a última do espetáculo. Sua presença é ansiosamente aguardada pelas crianças, porque ele costuma invadir a plateia para correr atrás delas, às vezes oferecendo brindes aos pequenos. Em seguida, Sidha Karya abençoa o público, afugentando os espíritos malignos e reforçando o caráter religioso da apresentação. Eventualmente, o personagem participa também de outros ritos sagrados balineses, como cerimônias de casamento ou cremação.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
TRANSGRESSÃO + PODER + SOBRENATURAL



BOOGER

Ritos do povo Cherokee
ESTADOS UNIDOS

Numa casa de dança cherokee, ninguém faz mais confusão do que um Booger. Identificado por uma máscara de traços grotescos, ele baila zombando de povos estrangeiros, em especial dos colonos europeus que submeteram os indígenas norte-americanos. À primeira geada do inverno, os mascarados chegam assediando a plateia, que pergunta o que eles querem. “Garotas!”, exclamam, caçoando do ímpeto sexual que os cherokees testemunharam em seus conquistadores. “Lutar!”, exigem em seguida, atestando a violência do processo de colonização. Em vez de contra-atacar, os presentes consentem que os Boogers saciem sua sede de agressividade e luxúria, até se revelarem patéticos, arrancando risadas vingativas dos espectadores.

Coleção particular
TRANSGRESSÃO + PODER + SEXUALIDADE



DROFFACE

Carnaval da Basileia
SUÍÇA

Na segunda-feira que antecede a quarta-feira de cinzas, quando o relógio bate às quatro da madrugada, foliões com máscaras munidas de pequenos faróis começam a percorrer as ruelas do centro antigo da Basileia, tocando músicas de carnaval. Na segunda à tarde, e também na quarta, os blocos desfilam por uma rota planejada, abrindo caminho pela multidão de espectadores. E quando chega a noite, pequenos grupos perambulam de bar em bar, cantando e fazendo encenações espirituosas, com máscaras que exibem caricaturas, muitas vezes cômicas. *Dropface* é um exemplo delas: representa um bêbado alegre – como muitos brincantes carnavalescos, aliás – e um bocado simpático, que bebe tanto que o álcool pinga do seu nariz, como de uma torneira aberta.

Coleção particular
TRANSGRESSÃO



NINJA TOBI

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]

JAPÃO

Seguindo a tradição japonesa do *mangá* (revista em quadrinhos) e do *anime* (desenho animado), a série *Naruto* criou um grande mistério: quem é o rosto por trás da máscara do vilão Tobi, líder de um grupo de ninjas ávidos por conquistar o mundo? A resposta é o guerreiro Obito Uchiha, que durante a Terceira Guerra Mundial Ninja ofereceu seu olho esquerdo ao companheiro Kakashi Hatake, ficando apenas com o olho direito. Dotado de poderes sobrenaturais, o olho que restou ao Ninja Tobi é a única parte de seu rosto visível através da máscara. Com ele, Tobi consegue enxergar objetos por trás de nevoeiros, antever os movimentos do oponente numa luta ou hipnotizar criaturas mágicas. Usada por fãs em eventos *cosplay*, sua máscara remete à força do olhar, para além das funções mais corriqueiras do olho.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



BIÀN LIǎN

Ópera de Sichuan

CHINA

Biàn liǎn (“mudança de rostos”) é uma arte dramática chinesa admirada pelos espectadores da Ópera de Sichuan, espetáculo tradicional que mistura canto, dança, encenação teatral e acrobacias com espadas e fogo. As máscaras usadas na ópera são reverenciadas como tesouros, repletos de mistérios transmitidos pelos artistas de geração a geração. O maior desses mistérios é a habilidade dos mascarados de mudarem de máscaras em cena, alterando a imagem que se sobrepõe ao rosto com um gesto leve, rápido e preciso, como num passe de mágica. Um dos recordistas na arte é o célebre mestre Peng Denghuai, que conseguiu mudar de máscaras 14 vezes em 25 segundos. Cada máscara também carrega sua própria simbologia: suas cores, por exemplo, podem simbolizar o caráter ou o estado emocional de um personagem.

Coleção particular

HIBRIDISMO

LUCHA LIBRE

Wrestling

MÉXICO

Desde o início do século XX, a luta livre é uma paixão nacional no México, onde ganhou um estilo dramático inconfundível, com mascarados voando no ringue em coreografias espetaculares. O uso das máscaras remonta à tradição dos guerreiros astecas, que se mascaravam como águias ou jaguares para entrar no campo de batalha munidos da força e agilidade desses animais. As máscaras dos *wrestlers* contemporâneos também fazem referência a animais, além de deuses e heróis, ou às cores da bandeira mexicana, como na peça aqui exposta. Em geral, os mascarados assumem um *gimmick*: um personagem que pode ser distinguido não só pela máscara, como também por roupas e golpes típicos. El Santo, o maior *luchador* de todos os tempos, guardou até o último ano de sua vida o segredo de sua identidade fora dos ringues. Quando morreu, foi sepultado com sua icônica máscara prateada.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



ENIGMA

?

MÉXICO

Esta máscara é um grande mistério. Além do fato de que foi encontrada em território mexicano no século XX, não se tem mais nenhuma informação sobre ela. O que você enxerga nessa imagem? Quem será que a esculpiu? E com que objetivo?

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas



GUAN YU (DEUS DA GUERRA)

Ópera chinesa
CHINA

Uma das obras mais importantes da literatura chinesa é o *Romance dos três reinos*, escrito por Luo Guanzhong no século XIV, mas ainda vivo em populares adaptações para a ópera. Misturando eventos históricos e fictícios, a trama original tem quase mil personagens, entre eles Guan Yu, um dos maiores guerreiros da Antiga China, que viveu entre os anos 160 e 220. Sua força extraordinária, simbolizada na cor vermelha da máscara, rendeu-lhe o título de Deus da Guerra, cultuado por budistas e taoístas. A máscara exposta não é diretamente usada na ópera: ela serve de modelo para o estilo de maquiagem tradicional de Guan Yu, reproduzido a cada apresentação como uma máscara pintada sobre a pele do artista. O Deus da Guerra é tão adorado que, na cidade de Jingzhou, foi erguida uma estátua de 48 metros e 1320 quilos em sua homenagem, representando a imagem solene e grandiosa do general que se tornou um herói mítico.

Coleção Ai Weiwei

JUSTIÇA + PODER



SKIN TAL (ANA AMARI)

Cosplay [Do inglês *costume + play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
ESTADOS UNIDOS / COREIAS

Ana Amari é uma guerreira destemida, disposta a arriscar a vida para defender aqueles que precisam. Ela é uma das lutadoras do jogo *Overwatch*, um game que pode ser jogado online por várias pessoas ao mesmo tempo, lançado em 2014 pela empresa norte-americana Blizzard Entertainment. No enredo, que se passa num cenário futurista ameaçado por uma guerra mundial, uma equipe de heróis humanos e sobre-humanos é eleita pela ONU para instaurar a paz no planeta. Se escolhida por um jogador para servir como seu avatar, Ana pode lutar vestindo uma máscara bastante curiosa, esculpida no estilo típico de uma dança folclórica coreana chamada *Talchum* (tal: “máscara”, chum: “dança”, em coreano). A máscara funciona para ela como uma segunda “pele” (skin) e remete ao perfil guardião da personagem, pois a tradição de máscaras nas Coreias remonta a ritos sagrados seculares, com dançarinos mascarados clamando por proteção contra doenças e perigos.

Coleção particular

PODER + JUSTIÇA



GUEIXA CIBERNÉTICA

Cosplay [Do inglês *costume + play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
JAPÃO / ESTADOS UNIDOS

No ano de 2029, a tecnologia se faz presente em todos os lugares, inclusive nas táticas criminosas usadas por ciberterroristas. Na luta contra o crime informatizado, a major Motoko Kusanagi teve seu corpo tantas vezes modificado que se tornou quase um robô, tendo restado apenas um fantasma de si mesma. Kusanagi é a heroína do *mangá Ghost in the shell* (“Fantasma no casulo”), desenho animado de ficção científica criado pelo artista japonês Masamune Shirow. A história original de 1989 rendeu várias adaptações, culminando na versão para o cinema de Rupert Sanders (*A vigilante do amanhã*, Estados Unidos, 2017), na qual máscaras de gueixa conferem uma expressão pacífica e harmoniosa a ciborgues ultratecnológicos, num contraste intrigante entre passado e futuro, tradição e inovação. No filme, a figura milenar da gueixa representa a inteligência artificial, que se coloca a serviço do homem. Mas também representa o medo de que a criatura se volte contra o criador, até destruí-lo.

Coleção particular

CRIAÇÃO + PODER

PANJI

Wayang Topeng [Teatro de máscaras tradicional da ilha de Java]
INDONÉSIA

Na véspera de seu casamento com a princesa Candra Kirana, o príncipe Panji descobre que a noiva desapareceu. Outra mulher se apresenta dizendo ser Candra, afirmando estar diferente por ter tido a aparência mudada pela deusa da morte. O feitiço, segundo ela, seria quebrado com o casamento. Exilada na floresta, contudo, a verdadeira princesa é orientada pelos deuses a se disfarçar de homem e voltar ao palácio. Sem conseguir retornar, ela envia uma mensagem ao noivo, avisando que a falsa noiva é um perigoso demônio feminino. Depois de executá-la, o príncipe sai em busca da amada, iniciando uma jornada de grandes aventuras. A façanha culmina numa batalha em que Panji e seu exército lutam contra os soldados de Candra, ainda disfarçada de homem, transformada em rei de Bali. Quando estão prestes a se matar, os amantes se reconhecem, num belo final feliz. Escritos no século XIII, os contos de Panji foram reescritos por vários autores à medida que se espalhavam pela Indonésia e por países próximos, como Vietnã e Tailândia.

Coleção particular

PODER + JUSTIÇA



CH’UTA
Carnaval de La Paz
BOLÍVIA

Personagem típico do povo Aimará, nativo da América Andina, o Ch’uta representa o indígena que se submetia à *mita* – meio de trabalho forçado, imposto pelos colonizadores espanhóis. Nos dias úteis, ele cumpria suas obrigações com o dono das terras e, no fim de semana, podia brincar e festejar. Marcado por um forte sincretismo entre culturas indígenas e europeias, o carnaval boliviano rememora o estado de liberdade gozado pelos Aimarás nos intervalos entre os dias de labor. Fantasiado de patrão, com seu chapéu e seus fartos bigodes, o Ch’uta sai pelas ruas para dançar ou fazer estripulias, como golpear os outros com uma bola.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

TRANSGRESSÃO + PODER



JUANEGRO
Dança de Juanegro
MÉXICO

A Dança de Juanegro (também chamado Juan Negro ou Cuanegro), típica da região mexicana de Huasteca, encena a luta entre um colono espanhol e seu capataz pelo amor de uma moça. Queimado pelo trabalho ao sol, Juan Negro tem a máscara de cor escura, enquanto o *señor* Juan Blanco, que leva uma vida de sombra e água fresca, tem a máscara clara. Por algum motivo misterioso, a donzela disputada pelos rivais é representada por um dançarino do sexo masculino, desmascarado, que usa apenas um vestido. Ao final da disputa, é sempre Juan Blanco quem ganha a garota, denunciando a injustiça reinante entre ricos e pobres ao longo da história da América Latina.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

PODER



QHAPAQ NEGRO
Festa de Nossa Senhora do Carmo
PERU

Entre 15 e 19 de julho, milhares de pessoas se reúnem na província peruana de Paucartambo, para celebrar a Festa de Nossa Senhora do Carmo, ali chamada *Virgen del Carmen*. Uma das atrações típicas da festa é a Dança do Qhapaq Negro, um personagem que mistura elementos africanos, europeus e indígenas. Na língua quíchua, falada por povos pré-colombianos como os Incas, *qhapaq* significa “grande” ou “poderoso”. No contexto da dança, faz referência à figura de um homem negro como um escravo, mas de olhos azuis como um rico colonizador europeu, que canta versos ora em espanhol, ora em quíchua, para prestar homenagem à *Mamacha* – apelido da Virgem Maria popular no Peru. Além de evidenciar o encontro de diferentes referências na formação da cultura peruana, o Qhapaq Negro atesta o esforço dos colonizados em adaptar suas crenças às condições impostas pelos colonizadores, de modo a poderem continuar exercendo sua fé.

Coleção Luiz Filipe Carvalho

HIBRIDISMO + PODER



BWOOM
Ritos do Reino Kuba
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

O Reino Kuba teve seu apogeu entre os séculos XVII e XIX, reunindo cerca de vinte povos sob a autoridade do rei (*Nyim*), pertencente ao clã Bushoong. Até hoje, o rei governa com um conselho de líderes de todos os subgrupos de Kuba, representados em ritos de iniciação como mascarados, como parte dos ensinamentos aos jovens de narrativas históricas e mitológicas do reino. A máscara do *Nyim*, feita de pele de leopardo, simboliza a superioridade do rei frente aos demais líderes, retratados por máscaras de pele de antílope. Outras máscaras fazem parte das encenações, como a do *Bwoom*: um personagem do povo que participa da trama sobre um irmão que tentou usurpar o trono do rei – um tema recorrente na história da humanidade e em diversas mitologias.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER



ROSTO DE MULHER (NGOIN)

Ritos do povo Bamileke
CAMARÕES

Diversos povos habitam o território do atual Camarões, e a maioria deles mantém uma estrutura social rígida, hierarquizada em reinados e chefias. Entre os Bamileke, cada um desses grupos tem seu próprio *Fon* (líder), além de uma sociedade de príncipes relacionados a ele. Essa estrutura social se reflete numa rica produção de estátuas e máscaras, que muitas vezes servem para dignificar os representantes da realeza. Mas em geral, as máscaras bamileke têm intrincadas funções: podem ser usadas em coroações, funerais, eventos rememorativos ou ligados à colheita em períodos de secas. Os padrões de sucessão e ancestralidade bamileke seguem a linhagem masculina, e um só homem pode ter dezenas de mulheres. Até a década de 1960, quando essa lei foi alterada, as mulheres estavam incluídas na herança que se transmitia de um pai falecido ao seu primogênito.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER



PÁSSARO (ANOMANA)

Ritos do povo Baulê
COSTA DO MARFIM

Diz a mitologia baulê que seus ancestrais chegaram à Costa do Marfim liderados pela rainha Abla Poku, que fez com que as águas do rio Comoe se abrissem para seu povo atravessar em segurança (cena que lembra bastante a passagem bíblica sobre Moisés e o Mar Vermelho). Outra versão do mito narra que a rainha contou com a ajuda de hipopótamos e crocodilos na travessia do impetuoso rio. Os animais são referências presentes em várias máscaras baulê. Neste exemplar, um pássaro semelhante a um calau, símbolo de fertilidade e abundância, bica a testa de uma face humana, como se pudesse fecundá-la, daí o aspecto inchado do rosto, que remete à gravidez.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

SEXUALIDADE + SOBRENATURAL

OKUYI

Ritos do povo Punu
CONGO E GABÃO

Nos ritos femininos de passagem da infância à idade adulta, o povo Punu invoca a proteção de espíritos ancestrais das meninas púberes. Com os olhos quase fechados, sugerindo a sabedoria de quem enxerga além das aparências, a máscara Okuyi traz marcas de escarificação, técnica que produz cicatrizes na pele, como signos de força e beleza. Os conjuntos de pontos, reunidos em formas geométricas, carregam ainda uma conotação sexual. Presente nas danças cerimoniais em louvor à lua cheia, a máscara também pode fazer parte de ritos fúnebres, indicando uma proximidade entre a morte real e a morte simbólica envolvida na menstruação (morre a menina para que nasça a mulher). Apesar de representar um ancestral feminino, costuma ser usada por homens, que dançam mascarados sobre pernas de pau com até dois metros de altura.

Coleção Ricardo Azevedo Leitão

SEXUALIDADE + SOBRENATURAL + SABEDORIA + MORTE



CHAQUIRAS

Ritos do povo Kamëntsó
COLÔMBIA

Segundo os Kamëntsó, povo indígena que habita a região sudoeste da Colômbia, todo ser humano é dotado de um espírito que nasce da terra e, após a morte, se converte em semente, para à terra retornar. A semente, símbolo da fertilidade e do cio da terra, é um elemento importante para a cultura kamëntsó, que remete tanto às atividades agrícolas – ricas no cultivo de grãos como milho, feijão e ervilha – quanto ao artesanato – famoso pela confecção de máscaras de madeiras adornadas com belos mosaicos de miangas ou contas (*chaquiras*). A peça em exibição tem relação com a fertilidade: é uma máscara feminina, associada à abundância e à sexualidade. As máscaras são usadas pelos Kamëntsó em diferentes ritos, podendo incluir o consumo de plantas medicinais ou psicoativas, como o *yagé* (também conhecido como *ayahuasca*), que permite ao xamã promover curas e entrar em contato com uma dimensão mágica da experiência.

Coleção particular

SEXUALIDADE + PODER





BWETE

Ritos do povo Kwele
GABÃO

Concebidas como representações de espíritos benevolentes da floresta, as máscaras do povo Kwele retratam pessoas, animais ou combinações entre os dois, em rostos geralmente pintados de branco, simbolizando pureza. Seu uso costuma ocorrer em ritos iniciáticos ou no final de um período de luto. E é regulado pela associação *Bwete*, grupo responsável por manter a ordem social numa aldeia kwele. O exemplar aqui exposto, que exibe uma face contornada por um grande par de chifres, pode ser incluído na série de máscaras kwele que conjugam traços humanos a traços de carneiros, frequentemente usadas com fins de proteção contra má sorte e feitiçaria.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL

KPONYUGO

Ritos do povo Senufo
COSTA DO MARFIM

O povo Senufo usa diferentes tipos de máscaras, de acordo com a ocasião. Em alguns ritos de iniciação, é narrado um mito em que meninos são devorados por Kponyugo (“cabeça de poro”), uma espécie de monstro que depois os vomita na forma de homens adultos. Representação desse violento ser mítico, a máscara aqui exposta pertence à categoria *ponyugo* (“cabeça dos mortos”), classificadas como máscaras funerárias, mas usadas também em ritos de passagem que envolvem uma morte simbólica, para que haja um renascimento transformador.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL + MORTE



ESPÍRITO ANCESTRAL

Ritos de povos do Médio Sepik
PAPUA-NOVA GUINÉ

Segundo a tradição oral de povos que vivem às margens do rio Sepik, no nordeste de Papua-Nova Guiné, suas máscaras tiveram origem quando algumas mulheres escutaram sons produzidos por espíritos embaixo d’água. Tentando encontrar a fonte dos ruídos, os homens vasculharam o fundo do rio com bastões. Um deles decidiu mergulhar profundamente e, quando retornou, disse que havia avistado espíritos subaquáticos usando grandes máscaras. Desde então, eles passaram a criar máscaras semelhantes às dessas entidades. O exemplar aqui exposto representa um ancestral mítico. Assim como outras máscaras sagradas, ela não é usada no rosto, mas permanece exposta sobre um suporte na Casa dos Homens (também chamada de *Haus Tambaran*), local de reunião para membros do sexo masculino que decidem os rumos da aldeia.

Coleção particular

PODER + SOBRENATURAL



ROSTO DE MULHER

Ritos do povo Chokwe
ANGOLA, REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO
E ZÂMBIA

Em tempos míticos e imemoriais, viveu Chibinda Ilunga, um caçador do povo Luba, tão extraordinário que conquistou o coração de Iweji, a poderosa rainha do povo Lunda. Com sua paixão malvista por parte da aristocracia lunda, eles se casaram, fugiram e fundaram vários reinos, cada um liderado por um deus-rei. Criaram assim um novo povo, dotado de armas superiores a todas aquelas até então conhecidas na região. A lança, o machado, o arco e a flecha são dádivas de Chibinda para os seus amados *chokwes*, conhecidos como potentes caçadores, mas também hábeis agricultores e escultores de lindas máscaras ritualísticas. Retratando o rosto de uma mulher, marcado por escarificações que remetem à força e à beleza femininas, o exemplar aqui exposto se assemelha a peças usadas em ritos de iniciação.

Coleção particular

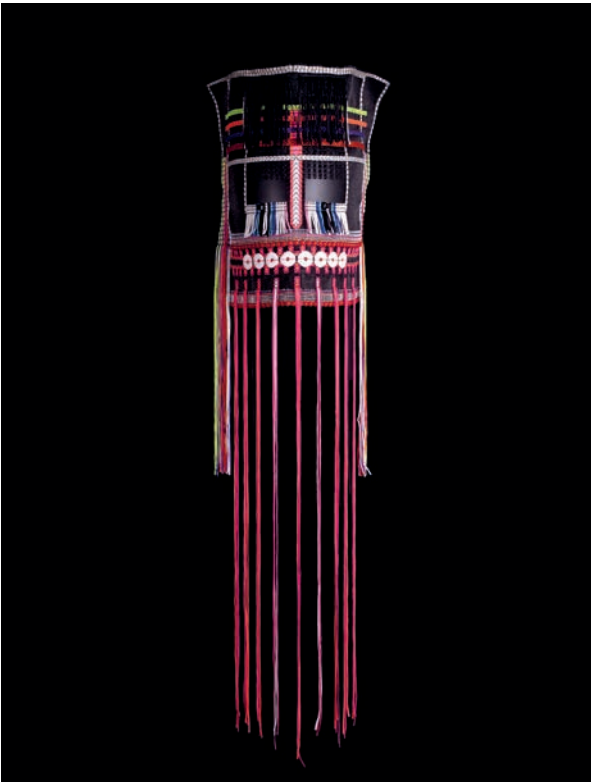
SEXUALIDADE

NIQAB
Indumentária feminina
ARÁBIA SAUDITA

O *niqab* é um véu que cobre o rosto de mulheres muçulmanas, deixando aparentes apenas os olhos (o que o distingue da burca, que também esconde os olhos por trás de uma tela). De acordo com a tradição dos povos que sustentam o seu uso, o véu protege a mulher da agressividade masculina, ao mesmo tempo em que protege a sociedade do desejo feminino, considerado perigoso e ameaçador à ordem pública. O *niqab* é adotado pelas meninas quando menstruam pela primeira vez, simbolizando a entrada num período da vida em que elas se tornam férteis e, portanto, mais cobiçadas. Pivô de debates feministas em culturas avessas ao seu uso, o véu pode representar uma restrição de liberdade para quem se opõe a ele, ou um direito à liberdade cultural e religiosa para quem endossa a sua importância.

Coleção particular

SEXUALIDADE + PODER



TANSSI
Damselfrau [Artista contemporânea]
INGLATERRA

A artista norueguesa Magnhild Kennedy acredita tanto no poder transformador das máscaras, que mascarou o próprio nome: adotou o pseudônimo artístico de Damselfrau (“Senhora Donzela”). Usando o rosto feminino como suporte estético, sua obra discute a dinâmica entre o que uma máscara pode esconder e o que ela pode fazer aparecer. O exemplar aqui exposto, intitulado *Tanssi*, pertence à série em que a artista propõe uma reinterpretação da burca muçulmana. Trabalhando com bordados coloridos sobre tecidos translúcidos, ela tematiza o paradoxo entre o que se vela e o que se revela do mistério e da beleza feminina, com o uso de um véu.

Acervo Damselfrau

SEXUALIDADE + PODER



COELHINHA
Eventos patrocinados pela revista *Playboy*
ESTADOS UNIDOS

Quando o jornalista Hugh Hefner criou a revista masculina *Playboy*, lançada em 1953 com Marilyn Monroe na capa, queria que a publicação refletisse o estilo de vida do homem viril e ao mesmo tempo sofisticado. O mascote escolhido foi o coelho, “o *playboy* do mundo animal”, segundo Hefner. Famoso pela sua alta capacidade reprodutiva, o coelho é associado à sexualidade no imaginário cultural de muitos países. Personagem de protagonismo nas festas de Páscoa, sua figura está ligada à noção de fertilidade, simbolizando a esperança de renovação da vida. No universo da *Playboy*, a imagem do coelho se associa mais diretamente às mulheres do que aos homens: as chamadas Coelhinhinhas são funcionárias que trabalham em eventos patrocinados pela revista, em trajes de apelo erótico que fazem referência ao animal.

Coleção particular

SEXUALIDADE

MULHER DESONESTA
Teatro Lhamo [Estilo clássico de arte dramática tibetana, envolvendo música, teatro e dança]
TIBETE

A figura da mulher adúltera assombra o imaginário de homens das mais diferentes culturas e épocas. Se a infidelidade masculina é historicamente tolerada em diversas partes do mundo, e em algumas delas a poligamia se mantém como um privilégio oficial e exclusivo dos homens, a infidelidade feminina, ao contrário, ainda hoje é castigada com pena de morte em nove países. No Teatro Lhamo tibetano, a Mulher Desonesta se inclui entre os personagens do conhecido repertório de peças, que transmitem ensinamentos morais budistas sem abrir mão de uma linguagem poética e divertida. Seguindo a tradição lhamo de que as cores simbolizam o perfil ou o humor do personagem, a Mulher Desonesta tem a máscara metade branca, metade preta, o que indica a astúcia e a duplicidade de seu caráter.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE



MAHAKALA

Ritos budistas tibetanos

TIBETE

Em sânscrito, *maha* significa “grande”, e *kala*, “morte” ou “tempo” – daí o nome Mahakala: “maior que a morte” ou “maior que o tempo”. Divindade originalmente hinduísta, considerada uma das formas de Shiva, o deus da destruição, Mahakala também é cultuado no budismo praticado na China e no Japão. Nos mitos tibetanos, aparece disfarçado como um corvo, pássaro associado à morte, ou como um homem negro vindo da Índia, que esculpe uma estátua sagrada até se fundir à própria escultura. Pode ser representado com a pele preta, azul ou branca, mas suas feições sempre aparentam fúria, como é típico de um *dharmapala*, bravo defensor do *dharm*a: a “lei” ou os ensinamentos espirituais do Buda. No Tibete, sua máscara pode ser usada em ritos religiosos ou pendurada nas paredes dos mosteiros e lares, para proteção. Assim como Shiva, que ao abrir seu terceiro olho destrói tudo à sua frente, Mahakala remete à ideia de que a destruição é o que precede qualquer possibilidade de construção e renovação.

Coleção particular

MORTE



DURDAG

Dança dos Senhores dos Campos de Cremação

BUTÃO

Ao redor do Monte Meru, montanha mítica e sagrada tanto para o hinduísmo quanto para o budismo, estão situados oito campos de cremação, defendidos pelos Durdag: espíritos que guardam os acessos à Mandala cósmica onde vivem as divindades tântricas. Incluídos entre as figuras assustadoras e protetoras do *dharm*a, a “lei” do Buda, os Durdag são representados por esqueletos. Durante o *Thimphu Tsechu*, o mais importante festival religioso butanês, são encarnados por quatro monges com máscaras de caveiras, que apresentam a *Durdag Cham*: a dança dos Senhores dos Campos de Cremação. Eles agitam as mãos e batem os pés no chão, convocando os espíritos dos mortos, a fim de libertá-los do apego a este mundo e prepará-los para o próximo. Na apresentação, destroem uma efígie que retrata um corpo humano, oferecendo seus restos às divindades tântricas. Este gesto remete ao fato de que, no Butão, quase não há cemitérios: os butaneses preferem cremar seus mortos, lançando as cinzas nas águas vivas de um rio.

Coleção particular

MORTE



KALI

Dança Chhau de Purulia

ÍNDIA

Com uma arma em cada um dos seus dez braços, a deusa guerreira Durga, montada sobre um leão, lutava contra o demônio Mahishasura. No meio da batalha, ela ficou tão enfurecida que a raiva explodiu de sua testa sob a forma de Kali, que já nasceu devorando todos os demônios ao seu redor e amarrando as cabeças num cordão para ostentá-las. Amante de Shiva, deus da destruição que antecede toda criação, Kali também é associada aos ciclos de transformação da vida, embora seja retratada com um aspecto bastante assustador. Deusa da morte e do tempo, que devora todas as coisas, representa a violência e a sexualidade feminina, mas a ela também se atribui um poderoso amor maternal. Sua máscara é uma das mais importantes na Dança Chhau apresentada na cidade indiana de Purulia, uma tradição sagrada que envolve dançarinos mascarados em movimentos acrobáticos, geralmente realizada em cerimônias de forte significado religioso.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

CRIAÇÃO + TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE + PODER + SOBRENATURAL + MORTE



VOLTO

Carnaval de Veneza

ITÁLIA

Há registros de que o povo veneziano gostava de fazer carnavais desde o século XI. Mas as famosas máscaras do Carnaval de Veneza remontam ao século XVI, quando os nobres decidiram se misturar à plebe nas festas, sem ser reconhecidos. A máscara chamada de *Volto*, palavra italiana que significa “vulto” ou “rosto”, é a que melhor traduz essa tradição. De cor branca, como a maquiagem aristocrática, e adornada de dourado, em referência à nobreza, ela oferece um novo rosto ao mascarado, dando a ele a liberdade do anonimato. Parte mais reveladora do corpo humano, o rosto só é diretamente visível para o outro: ninguém é capaz de ver o próprio vulto sem recorrer a espelhos ou retratos. Nas suas muitas variações, a máscara *Volto* também suscita uma associação com a cara de um fantasma: pálida, imóvel e inexpressiva, funciona como índice da presença de uma ausência.

Cortesia Carlos Testa

PODER + SOBRENATURAL



DARTH VADER

Cosplay [Do inglês *costume + play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]

ESTADOS UNIDOS

Quando leu *O herói de mil faces*, do mitólogo Joseph Campbell, o diretor George Lucas encontrou a inspiração que buscava para contar uma história encantadora. Usou elementos destacados por Campbell, por se repetirem em mitos de diferentes épocas e povos, para criar a saga *Star Wars*, uma espécie de narrativa mítica pós-moderna. Na trilogia original da série, a máscara é a parte da armadura que mantém vivo o vilão Darth Vader, com sua voz robótica e respiração ofegante. Metade homem, metade máquina, ele foi seduzido e corrompido pelo lado negro da Força, na sua busca por um poder sem limites. Mas, após ser ferido no duelo contra o filho Luke, pede a ele que retire sua máscara, expondo sua face humana e mortal. O embate final entre eles, cada qual empunhando seu sabre de luz, representa dois temas recorrentes em diversas mitologias: o do oprimido que luta contra o opressor, e o do filho que destrona o pai, fazendo avançar a ordem das gerações.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER

BAUTA

Carnaval de Veneza

ITÁLIA

A *Bauta*, a máscara mais usada do carnaval veneziano, se tornou popular entre os séculos XVII e XVIII. Associada a uma capa e um chapéu preto triangular, ela compõe uma figura aristocrática, reforçada pelo fato de a máscara distorcer a voz do mascarado, tornando-a mais altiva e imponente. Mas a fantasia é adotada por ricos e pobres, representando o próprio espírito do Carnaval de Veneza, em que nobres e plebeus podem brincar lado a lado. Batizada a partir do verbo alemão *behüten*, que significa “proteger” ou “resguardar”, a *Bauta* preserva a identidade de quem a veste, cobrindo todo o rosto, mas deixando a boca livre para beber e comer à vontade. Marcado por jogos e excessos, o Carnaval de Veneza foi proibido em 1797 por Napoleão Bonaparte, quando ele ocupou a cidade. Quase dois séculos depois, em 1979, a tradição foi reavivada, recuperando suas máscaras mais emblemáticas, associadas à indumentária do século XVIII.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



LUZBEL

Fiesta de los Negritos

MÉXICO

Apreciada no estado mexicano de Guanajuato, a *Fiesta de los Negritos* encena uma luta do bem contra o mal de raízes religiosas, mas já miscigenadas pela cultura popular. São Miguel, guardião do menino Jesus, conta com a ajuda de aliados para defendê-lo. Entre esses aliados estão os eremitas, os *caporales* (capatazes) e os *negritos* (escravos). Do lado do mal, estão três diabos negros, chamados Astúcia, Pecado e Luzbel – “luz bela”, ou Lúcifer, o anjo caído do Céu e condenado por Deus a viver no Inferno. Além de ameaçarem o menino Jesus, os diabos promovem a desordem na Terra. Dançam mascarados, afugentando o público que assiste ao espetáculo, até caírem fulminados por São Miguel, que os expulsa da igreja. Daí em diante, os diabos continuam a fazer bagunça pelas ruas, acompanhados por uma banda musical, sendo seguidos pelo povo numa peregrinação de casa em casa, até o anoitecer.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL + TRANSGRESSÃO



USOFUKI

Teatro Kyogen [Estilo de teatro cômico japonês, de origem medieval]

JAPÃO

O tradicional Teatro Kyogen é menos formal do que outros estilos japoneses de arte dramática: usa a comédia para tratar da tragédia da condição humana. Seu repertório de peças inclui cerca de 30 personagens mascarados, entre eles Usofuki (*uso*: “mentira”; *fuki*: “soprar”, “assobiar”). Um velho de olhos surpresos, mas incapaz de gritar para dar voz ao seu espanto, ele se limita a sussurrar covardemente, remetendo à impotência do homem e à falta de sentido da vida. Suas feições exageradas lhe conferem um aspecto caricato e divertido, que também pode ser aplicado à representação de espíritos de plantas, peixes e insetos, e que serve para ridicularizar figuras importantes da sociedade e da natureza, criticando-as por meio do humor.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO





JAUK KERAS

Calonarang [Rito teatral envolvendo música e dança, tradicional na ilha de Bali]

INDONÉSIA

Havia uma feiticeira tão poderosa, que nenhum homem ousava se aproximar de sua filha, temendo que ela fosse ameaçadora como a mãe. Furiosa, a feiticeira recorre à magia negra para amaldiçoar e matar muitas pessoas. O rei, então, precisa travar uma batalha contra ela, que acaba se configurando como uma batalha do bem contra o mal. *Calonarang* é um rito que encena essa história por meio de música, teatro e dança com máscaras. Um dos personagens é Jauk Keras, o rei dos gigantes de aparência demoníaca, que vagueia pelas florestas. Em sua performance, o mascarado que interpreta Jauk Keras costuma movimentar com vigor as mãos, dotadas de garras enormes e assustadoras. Sua apresentação, geralmente solo, se inclui entre o grande número de danças com máscaras tradicionais da pequena ilha de Bali, que até hoje são transmitidas de geração a geração. Muitas são encenadas dentro de templos hinduístas, que configuram a maioria religiosa na ilha, contrastando com a maioria de muçulmanos no restante da Indonésia.

Acervo Eduardo Vaccari

(Maschere: Ateliê de Pesquisa em Máscaras Teatrais)

PODER + SOBRENATURAL

JASON

Halloween [Dia das Bruxas]

ESTADOS UNIDOS

A superstição de que o número 13 traz má sorte, sobretudo numa sexta-feira, inspirou a saga norte-americana *Sexta-feira 13*, que lançou nada menos do que onze filmes entre 1980 e 2003. Ícone *cult* do terror, Jason Vorhees é um *serial killer* desumano, que esconde o rosto deformado com sua inconfundível máscara de hockey. A saga começa quando Jason, ainda criança, é dado como morto ao se afogar no lago do acampamento Crystal Lake. Desde então, o local se torna amaldiçoado, palco de uma série de homicídios brutais. Com um jogo de câmera, o espectador tem a ilusão de que é ele quem está praticando os assassinatos, enquanto as vítimas tentam fugir ou imploram por clemência. Muitas são assassinadas durante o ato sexual, produzindo uma forte associação entre violência e erotismo.

Coleção particular

MORTE + SEXUALIDADE



CAVEIRA

Judea Cora

MÉXICO

A *Judea Cora* é uma comemoração associada à Páscoa cristã, tradicional do último povo a ser conquistado pelos espanhóis no México: o povo Cora, que ainda hoje vive em regiões de difícil acesso na Serra do Nayar. Marcados pelo sincretismo religioso, os festejos se estendem pela Semana Santa, de quarta a sábado. Celebram um rito de raízes pré-hispânicas em que Tayau (o sol) agoniza, morre e ressurge sob a forma do Pai Sol, um enredo que se mistura ao da paixão e ressurreição de Cristo. Durante a encenação ritualística, os “borrados” ou “judeus” (perseguidores de Cristo) pintam o corpo com listras vermelhas e amarelas, ou com borões de lama, e vestem máscaras diversificadas, em geral demoníacas – como o exemplar aqui exposto: o retrato de uma caveira, símbolo máximo da morte, mas que parece sorrir, quiçá sugerindo a aposta na ressurreição. Somente ao final dos festejos, no sábado de manhã, os mascarados mergulham no rio e deixam que as águas purifiquem suas almas, ao mesmo tempo em que a correnteza arrasta e destrói suas máscaras.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL + MORTE



MUERTE

Carnaval de Barranquilla / Dança do Garabato

COLÔMBIA

A Dança do Garabato, de origem espanhola, é uma das mais expressivas homenagens ao carnaval, celebrada todos os anos na Colômbia e em outros países latino-americanos de costa atlântica. Numa encenação emblemática, um folião vestido de preto e branco, que usa a máscara da Morte, confronta dançarinos de trajes multicoloridos, que representam o Espírito Carnavalesco, ou a própria personificação da vida. Em Barranquilla, os brincantes usam bastões com fitas vermelhas, amarelas e verdes, as cores da bandeira da cidade. No final, a vitória da luta é sempre do Espírito Carnavalesco, ícone da alegria e da liberdade típicas dos dias de folia.

Coleção particular

MORTE



IREME

Ritos da sociedade secreta Abacua
CUBA

Em meio à opressão colonial espanhola em Cuba, no século XIX, trabalhadores dos portos e tabacarias, a maioria trazida da Nigéria como escravos, conseguiram fundar uma sociedade secreta: a irmandade Abacua. Unidos em torno da ajuda mútua e de crenças religiosas, seus membros decidiram manter vivos os preceitos da confraria e transmiti-los a seus descendentes. Com a função mitológica de garantir que todos os ritos se realizem corretamente, entra em cena o Ireme, uma espécie de demônio dançante com vestes coloridas. Para que se apresente, ele é convocado por um Morua, que canta no idioma nigeriano *efik*. E vem assegurar a manutenção de uma instituição ducentenária, uma das primeiras a se articular em prol da solidariedade e defesa dos interesses dos trabalhadores em Cuba.

Coleção particular

SOBRENATURAL



MUERTE DIABLO

Dia dos Mortos
MÉXICO

Em diversas regiões do México, os festejos pelo Dia dos Mortos, que coincidem em parte com o Dia de Finados do calendário católico, não são marcados pelo luto e pela tristeza, mas pela alegria. Segundo a tradição de vários povos de origem pré-colombiana, como os Astecas e Maias, é neste dia que os espíritos dos familiares falecidos retornam ao mundo dos vivos e visitam seus descendentes. Para recepcioná-los, cada família prepara um altar com fotos, flores, alimentos e objetos apreciados pelos finados. Em algumas localidades, desfiles, máscaras e danças fazem parte da festa. A máscara aqui exposta é originária de Sierra Gorda, região em que a tradição é cultivada especialmente pelo povo Pame, que vive em condições econômicas precárias, mas não abre mão de vestir suas fantasias de caveiras e zumbis, nos primeiros dias de novembro, para prestar homenagem às almas dos mortos.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL + MORTE

DEMÔNIO DE TASTUÁN

Festa de *Tastuán* ou de *Tastoanes*
MÉXICO

Popular em estados como Jalisco e Zacatecas, a festa de *Tastuán* ou de *Tastoanes* (palavras derivadas do vocábulo asteca *tlatoani*, “senhor”) é celebrada a cada 25 de julho, em homenagem a São Tiago Maior, mais conhecido como Santiago, patrono da empreitada espanhola na conquista do México. A folia encena o embate entre um senhor, de chicote em punho, e uma série de demônios que o provocam, usando máscaras de bestas ou de uma superfície esculpida com répteis em baixo relevo, figuras monstruosas que correspondem à imagem que os colonizadores faziam dos colonizados. Alguns mascarados são fortemente atingidos pelo chicote, mas nem por isso abandonam a brincadeira. Nas entrelinhas, é possível ler uma mensagem subversiva: apesar de os santos do colonizador serem um bocado violentos, os colonizados não se intimidam nos seus atos de enfrentamento e resistência.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL + TRANSGRESSÃO



NAGA RAKSA

Teatro de Demônios Kolam do povo cingalês
SRI LANKA

No Sri Lanka, o povo cingalês, maioria étnica no país, costuma confeccionar e usar máscaras demoníacas em duas ocasiões: nos ritos de exorcismo dos demônios que causam enfermidades (*Sanni Yakuma*) e nas apresentações do chamado Teatro Kolam, uma forma tradicional de arte dramática carregada de forte significação religiosa, ligada à fertilidade e ao nascimento dos bebês. As performances teatrais costumam apresentar enredos míticos e contos morais com facetas humorísticas, envolvendo vários personagens, alguns com máscaras tão pesadas que precisam ser retiradas para que o dançarino descanse enquanto não está à frente das cenas. Naga Raksa, demônio envolvido numa trama tradicional do Kolam, é retratado por uma máscara repleta de serpentes, que representam a natureza perigosa dos animais peçonhentos, inspirando medo na plateia. As apresentações seguem a crença cingalesa de que a dor e a doença são frequentemente provocadas por demônios, de modo que o tratamento indicado, nesses casos, passa pela eficácia simbólica dos ritos sagrados.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

SOBRENATURAL





KOLA

Sanni Yakuma [Rito sagrado de exorcismo do povo cingalês]
SRI LANKA

O povo Cingalês, grupo étnico predominante no Sri Lanka, mantém uma tradição medicinal calcada em forças sobrenaturais: várias doenças que acossam as pessoas são tratadas por meio de um rito de exorcismo, o chamado *Sanni Yakuma* (*sanniya*: “enfermidade”; *yakuma*: “ritual demoníaco”). Isso porque cada demônio é responsabilizado por causar uma doença específica, como no caso de Kola, que domina o corpo do enfermo provocando a pneumonia. O tratamento pode envolver mais de vinte participantes, muitos deles usando máscaras demoníacas. Mas o número mínimo para que a cerimônia aconteça é de quatro pessoas: o percussionista que batuca a música ritualística, o dançarino mascarado que encarna o demônio a ser exorcizado, o exorcista que faz oferendas em nome do doente e convence o demônio a se afastar dele, e o paciente que entra na dança e geralmente entra também num transe, do qual desperta curado.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
PODER + SOBRENATURAL



KAISHAN

Danças de exorcismo Nuo
CHINA

No princípio, nada existia no universo, exceto um caos que se unificou num ovo cósmico por 18 mil anos. De dentro do ovo, equilibrado entre Yin e Yang, nasceu o primeiro dos seres vivos: o gigante Pangu. Com um giro de seu machado, ele separou a terra (*Yin*) e o céu (*Yang*). Precisou usar toda a sua força para mantê-los separados, por mais 18 mil anos. Quando Pangu morreu, sua respiração se transformou no vento e nas nuvens. Seus dois olhos, no sol e na lua. E assim por diante, até que o mundo todo se fez de partículas do deus criador. Uma das formas animais assumidas por seu espírito, *Kaishan* (“quem abre montanhas”) é representado com caninos salientes e se inclui entre os principais deuses invocados nos ritos de exorcismo nuo, cultivados na província chinesa de Hunan. Nos templos onde ocorrem as cerimônias, grandes máscaras representando as divindades são colocadas no altar, na expectativa de que cumpram a tarefa de afastar os maus espíritos.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
CRIAÇÃO + PODER + SOBRENATURAL

CROCODILO

Judea Cora
MÉXICO

Para os antigos Mixtecas, a Terra nasceu de um crocodilo que vivia no mar original. O mito de origem Maia vai numa direção semelhante: conta que o grande crocodilo primordial carregou a Terra como uma concha nas costas. Na mitologia Maia, ele pode ser representado com um U na cabeça (símbolo lunar), onde florescem lírios d’água ou brotos de milho. Ou pode ter duas cabeças, assumindo a função de guardião dos caminhos. Confeccionada por um artesão do povo Cora, a máscara aqui exposta prova que a imagem do crocodilo continua a habitar o imaginário cultural da região. Exemplos como este são frequentes na celebração conhecida como *Judea Cora*: uma Semana Santa sincrética, que mistura referências cristãs e pré-colombianas. Sujos de lama e tinta, os foliões que encarnam os perseguidores de Cristo (ou do Deus Sol Tayau) fazem suas próprias máscaras, em geral animais ou bestiais, e no último dia se lavam no rio, entregando as máscaras para a correnteza levar.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL + CRIAÇÃO



BUSÓ

Busójárás [Carnaval de Mohács]
HUNGRIA

Durante a ocupação otomana na Hungria, entre os séculos XVI e XVII, moradores de Mohács se refugiaram em bosques próximos à cidade. Até o dia em que, reunidos em torno da fogueira, receberam a visita de um ancião, profetizando que um cavaleiro mascarado os ajudaria a voltar para casa. Mas, para isso, eles deveriam esculpir armas e máscaras assustadoras. Numa noite de tempestade, o cavaleiro misterioso apareceu, ordenando a todos que vestissem suas máscaras e retornassem a Mohács fazendo o máximo de barulho possível. Surpreendidos na escuridão, os turcos se apavoraram e fugiram, pensando que estavam sob o ataque de demônios. Esta é a origem mítica dos Busós, protagonistas de um carnaval à parte na Hungria, com seis dias de desfiles, música e dança. Em outra versão da história, os mascarados afugentam não os turcos, mas o inverno, ansiando pela renovação primaveril.

Acervo do Museu da Imigração – Governo do Estado de SP, São Paulo

TRANSGRESSÃO + PODER



TENGU

Festival Tengu
JAPÃO

Personagem mágico do folclore japonês, o Tengu (“cão do paraíso”) é um *goblin* lutador de artes marciais, que usa suas habilidades para provocar a desordem. Prega peças em samurais que se tornam arrogantes, ou em sacerdotes que se tornam orgulhosos, exibindo seu mau comportamento para encorajar o bom comportamento alheio. Seu longo nariz se reveste de uma conotação ora cômica, ora sexual. Tem o poder de mudar de voz ou de forma, de se teletransportar de um lugar ao outro, e até de penetrar nos sonhos das pessoas. Nos Festivais Tengu, o personagem é encarnado por um mascarado que se mistura à plateia e distribui pancadas aleatórias segurando um bastão, provocando risadas e diversão.

Coleção Arte Asiática do Museu Oscar Niemeyer
(Doação: Fausto Martha Godoy), Curitiba

TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE + SOBRENATURAL



MACHO CABRÍO

Jocha [Artista contemporâneo de Puno]
PERU

Ligada às ideias de luxúria e virilidade, a figura do bode faz parte de uma ampla variedade de mitologias. Os antigos mitos gregos narram que, certa vez, Dionísio, deus dos excessos e bacanais, assumiu a forma de um bode, e assim teve início sua preferência por este animal como objeto de sacrifício. Na Bíblia, o bode é associado ao universo dos pecados, e seu sacrifício é o que permite a expiação deles (pelo chamado bode expiatório). Durante a Idade Média, os chifres e o fedor do bode passam a ser atribuídos à imagem do próprio Diabo. E ainda hoje, um híbrido de bode e homem – o chamado Macho Cabrío – é um personagem crucial na mitologia de povos andinos. Para os moradores de Puno, e outras cidades próximas ao Lago Titicaca, ele é um demônio que guarda a entrada das minas onde vive o Diabo Maior. Na Fiesta de La Candelaria, a celebração mais importante da região, dançarinos mascarados encenam, a cada ano, uma luta entre o Arcanjo Miguel e o Macho Cabrío, representantes da eterna batalha entre o bem e o mal.

Coleção particular

SEXUALIDADE + HIBRIDISMO + SOBRENATURAL



DIABO

Folclore de Sierra Gorda de Querétaro
MÉXICO

A região de Sierra Gorda, no estado mexicano de Querétaro, é repleta de montanhas, vales e cavernas. E uma dessas cavernas, à qual só se chega por uma trilha em mata fechada, guarda um mistério intrigante. Quando se entra pela estreita abertura, que só permite passar uma pessoa por vez, o verde da floresta dá lugar a uma coloração acinzentada e o clima quente e úmido dá lugar a uma sensação seca de frio. Na parede do fundo, logo se vê uma estátua da Virgem Maria, com velas ao redor. Mas o bom observador também é capaz de distinguir formas de rostos diabólicos na parede, esculpidos e desenhados pela própria natureza. Alguns moradores da região dizem que a caverna foi habitada por um demônio, outros dizem que pelo próprio Satanás, até que colocaram a estátua da Virgem lá dentro e conseguiram expulsar o intruso. Nas festividades de Natal, os santos e anjos também derrotam um grupo de diabos mascarados, no teatro a céu aberto da *Pastorela*, encenação da luta do bem contra o mal apreciada em Querétaro e em outros estados mexicanos.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL

DEMÔNIO (KONRON)

Teatro Gigaku [Estilo de teatro mudo, de origem medieval, envolvendo mímica, música e máscaras]
JAPÃO

Apesar de divulgarem os preceitos religiosos do Budismo, as performances do Teatro Gigaku se revestem de irreverência, ou até de um erotismo bem-humorado. Entre seus personagens tradicionais, o demônio representado pela máscara exposta provavelmente é Konron. Retratado sempre de boca aberta, ao lado de Rikishi, que mantém a boca fechada, Konron faz com ele um par análogo às duas estátuas de guardiões que protegem a entrada dos templos budistas. Mas na trama gigaku, o lascivo Konron expressa desejo por uma donzela, batendo num adereço fálico chamado *marakata*, até ser contido por seu companheiro Rikishi, numa dança que extrai comédia do duplo sentido.

Coleção Arte Asiática do Museu Oscar Niemeyer
(Doação: Fausto Martha Godoy), Curitiba

SEXUALIDADE



DIABO
Dança dos Diabos
COSTA RICA

Os Boruca, que vivem na região sul da Costa Rica, afirmam ser o único povo da América Central nunca conquistado pelos colonizadores europeus. E celebram essa resistência por meio da Dança dos Diabos, também chamada Jogo dos Diabinhos: um festival de quatro dias, entre 30 de dezembro e 2 de janeiro, que encena a luta entre os espanhóis e os Boruca, sendo os primeiros afugentados pelos segundos. Famosos pelas sofisticadas máscaras que fabricam para o festival, eles representam o colonizador como um grande touro, ávido por atacar a todos, e a si próprios como diabos mascarados que resistem a ele. A figura do diabo, na dança, remete à visão europeia de que as crenças religiosas dos nativos que encontraram na América Latina não passavam de condenáveis superstições. Mais do que uma simples brincadeira, o jogo simboliza a realidade atual de povos indígenas como os Boruca, que ainda hoje precisam lutar contra pressões culturais externas, para manter vivas suas tradições.

Coleção particular
PODER + SOBRENATURAL



SEM TÍTULO
Stephan Doitschinoff [Artista contemporâneo]
BRASIL

Para o artista brasileiro Stephan Doitschinoff, a figura do diabo difundida pelo cristianismo é fruto de uma das ações de “hackeamento simbólico” mais elaboradas da história. Quando os cristãos assumiram o poder religioso no Império Romano, passaram a adulterar as representações sagradas dos povos conquistados, encaixando grande parte delas na categoria de demônios e inimigos de Cristo, ou seja, Anticristos. Como num quebra-cabeças, a imagem reconhecida como diabólica foi agregando peças de diferentes cosmologias e religiões: o tridente de Netuno, os chifres de Baphomet, além de elementos de divindades femininas, como os seios. Neste contexto, o ato de vestir uma máscara de diabo, com olhos que representam a morte sob a forma de caixões, pode adquirir uma simbologia política, o que vai ao encontro do trabalho de Doitschinoff de ressignificar imagens mitológicas para questionar os dogmas impostos por elas, suscitando reflexão e crítica.

Acervo Stephan Doitschinoff
TRANSGRESSÃO + PODER + MORTE



BATE-BOLA (CLÓVIS)
Carnaval do Rio de Janeiro
BRASIL

Herdeiro de personagens de festas trazidas da Europa, os Bate-bolas espalham alegria e terror no carnaval dos subúrbios do Rio de Janeiro. Também chamados de Clóvis, uma distorção da palavra inglesa *clown* (“palhaço”), os foliões saem em grupo, igualados pela mesma máscara e pela mesma fantasia, que dão a eles a sensação de liberdade e a impressão de que tudo é permitido. Mantêm uma tradição iniciada com os escravos, que se mascaravam para expressar sua raiva contida, batendo com força no chão bexigas de boi presas em varas. Nas versões contemporâneas, em que as bolas batidas são de borracha, a agressividade continua fazendo parte da festa. Não é raro que os grupos insuflam o medo soltando fogos e rajadas de tiros, antes de tomar as ruas de um bairro. Também não são raros os relatos de confrontos entre grupos rivais de Bate-bolas, causando ferimentos graves e até mesmo a morte de alguns foliões.

Coleção particular
TRANSGRESSÃO + PODER



CARETA DE ACUPE
Festa da Independência na Bahia
BRASIL

A chegada de julho, mês em que os portugueses deixaram o Brasil em 1823, é celebrada com festa no distrito de Acupe, no Recôncavo Baiano. O tema da independência do país suscita a comemoração da independência dos escravos. Um dos ritos mais tradicionais é o do Nego Fugido, uma dramatização que encena a perseguição, captura e libertação daqueles que ou-savam escapar. Também são célebres as Caretas de Acupe: máscaras assustadoras vestidas por foliões que perseguem as pessoas pelos becos e ruas, tentando açoitá-las com um chicote. Dizem que escravos libertos já usavam máscaras deste tipo para apavorar os senhores, alimentando o imaginário de que demônios sobrenaturais habitavam aquelas matas. Mas a simbologia do açoite parece mais sugerir que as forças demoníacas ali representadas eram os próprios colonizadores.

Coleção particular
TRANSGRESSÃO + PODER

REI IDOSO
Teatro Lhamo [Estilo clássico de arte dramática tibetana, envolvendo música, teatro e dança]
TIBETE

No século XV, o místico tibetano Thangtong Gyalpo, numa passagem pelo porto do rio Lhasa, se sensibilizou ao notar que muitas pessoas desejavam cruzar o rio, mas não tinham dinheiro para a travessia. Inconformado, Gyalpo resolveu se dedicar a construir pontes. A fim de reunir verbas para as obras, recrutou sete irmãs da província de Lhoka, vestidas com belos trajes, e passou a viajar com elas por vilarejos, montando encenações teatrais com números de canto e dança. Fascinadas, as plateias se referiam a elas como “deusas” (*lhamo*), o que teria dado origem ao Teatro Lhamo, estilo secular de arte dramática tibetano. Com um repertório que pouco mudou desde o século XV, as peças se baseiam em lendas budistas e versões romantizadas da história do Tibete, com personagens que se distinguem por suas máscaras coloridas. As máscaras vermelhas, por exemplo, são usadas por reis, homens de certa idade e que exercem cargos de liderança e poder.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

PODER



YANGBAN
Ritos budistas coreanos
COREIAS

Na região sul-coreana de Yangju é mantida a tradição da Dança Sande, um rito de máscaras com influências budistas e pitadas de humor, que pretende não só entreter as plateias, mas também afastar os demônios e pedir aos deuses que promovam a paz e a felicidade. Entre os personagens típicos da dança está Yangban, um dos dois aristocratas metidos a poetas que, acompanhados pelo servo Maltugi, dão vida a um dos enredos mais conhecidos do repertório sande. Depois de escreverem rimas, os aristocratas discutem com um sábio, cada qual insistindo que seu poema é melhor do que os poemas dos outros dois. Quando chega um policial e pede a Maltugi que lhe aponte um ladrão, o servo denuncia o sábio, sob a acusação de larápio do saber alheio. Tratando com ironia a superioridade da inteligência prática sobre o conhecimento erudito, a trama também faz parte do repertório cultural de regiões norte-coreanas como Pongsan, mas sua apresentação atualmente é proibida pelo governo comunista.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

PODER



VELHO MONGE
Ritos budistas sul-coreanos
COREIA DO SUL

Era uma vez um Velho Monge que dedicou a vida ao estudo e à pregação dos ensinamentos de Buda. Um dia, inesperadamente, ele vê duas moças dançando numa aldeia e experimenta um forte sentimento de luxúria. Quanto mais elas dançam, mais o sentimento cresce, até que ele não resiste e decide cortejá-las. A postura do religioso é testemunhada por Prodigal, um pupilo que aceitou se tornar monge porque não tinha talentos na vida, mas se ressentia por ter de renunciar aos prazeres mundanos. Enciumado, Prodigal luta contra o mestre pela atenção de uma das dançarinas. Com a máscara salpicada de manchas brancas, que simbolizam o fato de que ele foi corrompido, o Velho Monge não se dá por vencido: acaba fugindo com a outra moça. Enredos que misturam toques de humor a lições de moral fazem parte do repertório de alguns ritos budistas sul-coreanos, como é o caso desta famosa fábula, encenada na dança de máscaras *Pyolsandae*, típica da cidade de Yangju.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE

PALHAÇO POETA (CIGANINHO)
Folia de Reis
BRASIL

Doze dias depois do nascimento de Jesus Cristo, três reis magos viajaram para visitá-lo, orientados pela estrela de Belém. Gaspar, Baltazar e Melchior presentearam o recém-nascido com ouro, incenso e mirra, o que deu origem à tradição católica da troca de presentes em homenagem à Natividade. Celebrada em janeiro, a Folia de Reis festeja essa passagem bíblica com um cortejo de músicos, dançarinos e foliões. Foi introduzida no Brasil no século XVI, por padres jesuítas, como parte da catequização de indígenas e depois de africanos. Mas acabou agregando elementos pagãos, como a representação de animais assustadores nas máscaras dos palhaços poetas, que recitam versos exaltando a bondade e os valores cristãos. Nos subúrbios do Rio de Janeiro, é comum que os palhaços passem de casa em casa, exibindo suas vestes coloridas e danças frenéticas, saudando os moradores, brincando com as crianças e declamando repentis.

Acervo Departamento Cultural / Universidade do Estado do Rio de Janeiro

TRANSGRESSÃO + HIBRIDISMO



KRISHNA
Dança Chhau de Saraikela
ÍNDIA

Uma das divindades mais cultuadas pelos hindus, Krishna é a oitava e principal forma assumida por Vishnu, deus responsável pela manutenção do universo. Protetor da vida, ora é representado como um jovem brincalhão, ora como um amante ideal, ora como um herói sagrado. Seu corpo azul, totalmente espiritual e incorruptível, não está sujeito à finitude e à morte. Na tradicional Dança Chhau, expressão típica do distrito indiano de Saraikela, que incorpora movimentos de artes marciais e acrobacias, o mascarado que representa Krishna frequentemente dança junto com outro mascarado fantasiado de pavão, animal associado ao deus por sua nobreza e beleza divina. Derivado da palavra *chhaya* em sânscrito, o nome da dança significa “máscaras”, “sombra” ou “imagem”, e suas apresentações narram histórias de grandes épicos da mitologia hinduísta.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
PODER + SOBRENATURAL



SHIVA
Dança Chhau de Saraikela
ÍNDIA

Na trindade sagrada do hinduísmo, o deus Shiva é um dançarino cósmico que dá ritmo à destruição e à recriação da vida. Seu terceiro olho, na testa, é símbolo de sabedoria, mas costuma se manter fechado porque, quando se abre, tem o poder de queimar tudo à sua frente. Ora chamado de *destruidor*, ora de *transformador*, dele dependem os ciclos de renovação do universo, criado por Brahma e preservado por Vishnu. Usada em várias festividades sagradas, em diferentes regiões do mundo onde há comunidades hinduístas, a máscara de Shiva pode assumir feições agressivas ou serenas. Este último é o caso da peça exposta, confeccionada no estilo da tradicional Dança Chhau: um rito praticado em Saraikela, distrito situado no nordeste do território indiano, que envolve a fabricação de instrumentos e máscaras em homenagem aos principais deuses do panteão hinduísta.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
CRIAÇÃO + PODER + SOBRENATURAL + SABEDORIA + MORTE



ARLEQUIM
Halloween [Dia das Bruxas]
ESTADOS UNIDOS

Na Veneza do século XVI, nasceu um dos triângulos amorosos mais famosos do mundo, entre personagens mascarados que se exibiam em espetáculos de rua itinerantes. Nas apresentações da *Commedia dell'Arte*, gênero de teatro popular com fortes elementos de circo e improvisação, os espectadores se encantavam com a história da charmosa Colombina, dividida entre a sedução de Arlequim e o amor platônico de Pierrô. Primeiro ela foge com Arlequim, depois se arrepende e se casa com Pierrô, mas passa a vida sonhando reencontrar sua antiga paixão em algum carnaval. Vestindo um chapéu com guizos nas pontas, Arlequim é um sujeito informal e ousado, com ares de bobo da corte. Seu nome deriva do termo *hellequin*, palavra usada no francês antigo para designar um diabo. Talvez seja essa a inspiração para a peça exposta aqui: sublinhando os traços diabólicos do bufão, o personagem burlesco se torna assustador nessa máscara de *Halloween*.

Coleção Luiz Filipe Carvalho
TRANSGRESSÃO

ALTI DANTE
Carnaval da Basileia
SUIÇA

Encarnação da elegância vulgar, a *Alti Dante* (variação do alemão *Alte Tante*, “Tia Velha”) é a grande dama do Carnaval da Basileia. Caricatura de uma senhora idosa de alta classe, a máscara foi criada no final do século XIX, mas compõe com o vestido, o chapéu e os acessórios uma indumentária típica do período Biedermeier (1815-1848). Daí se deduz que o traje tenha sido montado por pessoas de classes populares, reaproveitando roupas velhas sem uso, já fora de moda. A máscara da Tia Velha permite uma inversão não só de classes sociais, com pobres que se fantasiam de ricos. Ela permite uma inversão de papéis de gênero, já que é usada também por homens, fazendo jus à proposta essencial dos festejos carnavalescos: encenar a subversão de uma ordem estabelecida.

Coleção particular
TRANSGRESSÃO





BATMAN

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
ESTADOS UNIDOS

O magnata Bruce Wayne guarda um segredo de infância: desde que presenciou o assassinato dos pais, jurou se vingar dos criminosos e defender Gotham City de todo tipo de injustiça. Fez do preto o símbolo do seu luto na figura sombria do Cavaleiro das Trevas, que não tem superpoderes, então usa a inteligência para provocar o medo dos oponentes. Como um pai justo e protetor, embora ameaçador, o Homem-Morcego se apresenta no limite entre o herói e o vilão. Inspirado no animal que dorme de dia e se desloca de noite, simboliza as forças ocultas na escuridão das cavernas e subterrâneos.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER



HOMEM-ARANHA

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
ESTADOS UNIDOS

Após ser picado por uma aranha radioativa num laboratório nuclear, o estudante Peter Parker se deslumbrou ao perceber que havia adquirido uma série de poderes aracnídeos, como a capacidade de andar pelas paredes e de produzir resistentes e flexíveis fios de teia. O assassinato de seu tio Ben, que o criou como um filho, levou Peter a assumir a *persona* do Homem-Aranha, na luta contra o crime em Nova York. Artesã por instinto e natureza, tecendo sua teia com a substância do próprio corpo, a aranha é personagem de diversas mitologias. Na lenda grega, é a forma assumida, como castigo, pela tecelã Aracne, que tentou se provar mais habilidosa do que a deusa Atena. Entre alguns povos africanos e micronésios, a aranha é um deus primordial, que criou inclusive o homem. No mundo ocidental contemporâneo, a simbologia da teia, com suas múltiplas conexões, inspirou o nome da rede mundial de computadores, batizada de World Wide Web (www): a teia que tem a amplitude do mundo.

Coleção particular

JUSTIÇA + PODER

HOMEM DE FERRO

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
ESTADOS UNIDOS

Criado para os quadrinhos em 1963, pelo escritor Stan Lee, o Homem de Ferro é a identidade assumida pelo bilionário Tony Stark. Cientista e empresário genial, Stark perdeu os pais num acidente e, aos 21 anos, herdou toda a fortuna deles, que passou a investir em suas pesquisas e invenções. Durante a guerra do Vietnã, ele foi atingido por estilhaços de uma grana-da que se alojaram perto do coração. Ferido e aprisionado, se viu obrigado pelo vilão Wong Chu a inventar uma poderosa máquina de guerra. Mas, às escondidas, inventou uma armadura que devolveu sua saúde e sua liberdade. Desde então, o Homem de Ferro vem aprimorando sua armadura, dotada de uma superforça e capaz de voar e de lançar raios com as mãos. Seus maiores inimigos são líderes ou espiões comunistas, remetendo ao contexto da Guerra Fria que marcou o imaginário cultural de muitos países na segunda metade do século XX.

Coleção particular

JUSTIÇA + PODER



MEDICO DELLA PESTE / DOTTORE

Carnaval de Veneza / *Commedia dell'Arte*
ITÁLIA

Desde o século XIV, há registros de máscaras usadas por médicos durante as epidemias de peste na Europa. Uma das máscaras mais frequentes funcionava como uma espécie de respirador: tinha duas aberturas para os olhos, cobertas por lentes de vidro, dois orifícios para o nariz e um grande bico curvo. Dentro do bico se colocava uma esponja embebida de vinagre ou um punhado de substâncias perfumadas, como lavanda, tomilho, hortelã ou cravo. O objetivo era afastar os odores fétidos exalados pelos doentes (considerados a causa desencadeante das epidemias), preservando o médico das infecções. A imagem de um doutor mascarado como um grotesco pássaro gigante, associada às ideias da doença e da morte, alimentou o imaginário popular. A máscara do *Medico della Peste* foi adotada pelos foliões do Carnaval de Veneza e pelas apresentações da *Commedia dell'Arte*, uma tradição do teatro popular de rua originária do século XVI, em que o personagem era mais conhecido como *Dottore* ou Graziano, um velho rico, avarento e charlatão, metido a intelectual.

Coleção particular

SABEDORIA + MORTE





CARETO STEAMPUNK

Miguel Moreira e Silva [Artista contemporâneo]
PORTUGAL

No português falado em Portugal, “careto” significa “sujeito mascarado”, tema recorrente na obra de Miguel Moreira e Silva, artista residente do Museu Ibérico da Máscara e do Traje, em Bragança. Nesta criação, ele se inspirou no conceito de *steampunk*, uma vertente da ficção científica, conhecida por transpor artefatos altamente tecnológicos para a era vitoriana, no auge da Revolução Industrial britânica. Bem representado pela literatura do francês Júlio Verne, que imaginou aventuras em geringonças que só passaram a existir décadas depois, o estilo *steampunk* foi adotado por fãs de narrativas fantásticas que frequentam eventos de *cosplay*. No contexto da obra de Moreira e Silva, *Careto Steampunk* reúne as principais características do estilo: a referência a uma tecnologia complexa (com válvulas e engrenagens típicas da maquinaria a vapor do século XIX), mas ainda mecânica, conjugando o novo e o antigo, o moderno e o obsoleto, num só objeto.

Acervo Miguel Moreira e Silva

HIBRIDISMO

HANNIBAL LECTER

Halloween [Dia das Bruxas]
ESTADOS UNIDOS

No longa-metragem *O silêncio dos inocentes* (dir.: Jonathan Demme, EUA, 1991), Hannibal Lecter é um brilhante psiquiatra e, ao mesmo tempo, um *serial killer* canibal, que precisa ter a mandíbula contida por uma focinheira sinistra. Sua máscara se destina a frear não apenas o apetite animalesco do assassino, mas o perigo de suas palavras manipuladoras. Mais do que devorar a carne das vítimas, Lecter se delicia ao devorar suas mentes, daí o interesse suscitado por sua máscara, convertida em adereço de festas de *Halloween*.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER + SABEDORIA + MORTE



KORE

Ritos do povo Bamana
MALI

Embora a maioria dos Bamana sejam hoje adeptos do Islã, muitos ainda cultuam seus ancestrais, frequentemente representados por figuras sagradas de animais ou que misturem traços humanos e animais. Esses cultos têm relação com uma sociedade fortemente hierarquizada não só em castas, mas em seis grupos etários: *N’domo*, *Komo*, *Tyi*, *Wara*, *Nama* e *Kore*. O primeiro grupo, *N’domo*, é aberto a crianças antes da circuncisão, que devem aprender sobre a origem do homem e seu status na sociedade. No rito de passagem para o próximo nível, um representante do último grupo, *Kore* (usuário do estilo da máscara exposta aqui), cumpre o papel de julgar quem está apto a se elevar de grau, com a circuncisão. Marcados por cortes, sacrifícios e testes de coragem, tais ritos Bamana deixam clara uma dimensão presente nos ritos de passagem em geral: é preciso que algo morra, para que algo nasça. E esse processo é simbolizado pelo sangue, pela dor e pelas demonstrações públicas de força.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL + MORTE



EPA

Ritos do povo Ekiti-Iorubá
NIGÉRIA

As máscaras *Epa*, do povo que compõe a região Ekiti, no território iorubá da Nigéria, costumam exaltar papéis gloriosos dentro da comunidade, valorizando a autoridade daqueles que os desempenham, assim como os antepassados que já os desempenharam. Guerreiros, caçadores e sacerdotes, ou ainda mães e anciãos podem ser homenageados junto a um espírito ancestral, os primeiros geralmente de olhos abertos, enxergando o mundo físico dos vivos, e o segundo geralmente de olhos fechados, em sinal de sua existência metafísica. Eventualmente são incluídas representações de equestres, em honra à figura do herói conquistador, numa história turbulenta de disputas e invasões. Usadas em diversas cerimônias, de ritos de passagem a ritos de adoração a deuses, as máscaras *Epa* costumam provocar uma presença imponente. Cada uma pode pesar mais de 20 kg, de modo que o seu uso já consiste num teste de força e resistência, até porque alguns ritos chegam a durar três dias, envolvendo danças performáticas e saltos desafiadores.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL



DIAO CHAN
Teatro Dixi [Ópera ritualística da província de Guizhou, que exalta as proezas de figuras históricas, consideradas abençoadas]
CHINA

Dona de beleza inigualável, Diao Chan foi criada como filha pelo ministro Wang Yun. Ele se preocupava com o destino da dinastia Han sob o domínio de Dong Zhuo, tirano praticamente inatingível, por ter como guarda-costas o guerreiro invicto Lü Bu. A fim de ajudar o pai adotivo, Diao Chan participa de um plano para derrubar Dong Zhuo e Lü Bu, voltando um contra o outro. Primeiro, o ministro oferece a mão da filha ao guerreiro, que logo se alegra com a ideia. Em seguida, oferece-a como concubina para o soberano, que também aceita a proposta. Sempre que pode, Diao Chan reclama para um que tem sido cortejada pelo outro. Até que os dois se engajam numa disputa física, em que Lü Bu acaba matando Dong Zhuo. Esta é a trama do clássico *Romance dos três reinos*, escrito por Luo Guanzhong no século XIV e depois adaptado para o Teatro Dixi. Ninguém sabe se Diao Chan de fato existiu, mas sua coragem é exaltada até hoje nas apresentações, que misturam fatos históricos a elementos religiosos e sagrados.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
SEXUALIDADE + PODER + JUSTIÇA



RANRYO
Dança Bugaku [Estilo tradicional de dança de máscaras importado da China no século VIII]
JAPÃO

Era uma vez um jovem príncipe chinês dotado de um rosto tão sedutor que, ao lutar, ele entrava no campo de batalha usando uma máscara que inspirasse terror. Seu intuito não era apenas apavorar os inimigos, mas também evitar que seus próprios aliados se distraíssem com tamanha beleza. Esta é a história do príncipe Lanling (Ranryo, em japonês), datada do século VI, que serve de inspiração para uma das coreografias típicas da Dança Bugaku, cultivada somente pelos nobres nas cortes japonesas por mais de mil anos, antes de ser popularizada na segunda metade do século XX. Com suas máscaras sofisticadas, os dançarinos encarnam pássaros, dragões e outros seres naturais ou sobrenaturais, em movimentos lentos, precisos e elegantes, encenando batalhas lendárias ou encontros entre personagens míticos, muitas vezes influenciados por elementos da cosmologia budista.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
PODER + SOBRENATURAL



PRINCESA
Danças de exorcismo Nuo
CHINA

Para os chineses adeptos da tradição nuo, as doenças e catástrofes podem ser atribuídas à ação de fantasmas, principalmente de pessoas que sofreram uma morte violenta. Para afastar essas e outras presenças inoportunas, os fiéis encenam uma série de ritos sagrados, com destaque para as danças de exorcismo praticadas em províncias como Jiangxi. Durante as danças, mascarados exercem a função de médiuns, cada qual emprestando seu corpo a uma divindade incumbida de afastar os espíritos que não são bem-vindos. Em algumas regiões, as cerimônias são encenadas como verdadeiras batalhas militares, em que um exército de deuses combate um ou mais demônios rebeldes, podendo ser agregados à trama gerais, guerreiros, príncipes e princesas. No final, nem sempre o espírito é morto ou destruído: é comum que ele seja apenas expulso, prometendo retornar, o que simboliza a impossibilidade de se aniquilar o Mal de uma vez por todas.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
PODER



NANÃ
Candomblé
BRASIL

O Deus Supremo Olorum encarregou Oxalá, o orixá Criador, de fazer o mundo e os seres humanos. Oxalá tentou fazer o homem com ar, e o homem desvaneceu. Tentou fazer com fogo, e o homem se consumiu. Tentou madeira, pedra, água, azeite, até vinho de palma, nada funcionou. Até que recebeu a ajuda de Nanã, orixá das chuvas, dos mangues e pântanos. Do fundo de um lago, ela retirou a lama que Oxalá usou para moldar o homem, e que Olorum soprou para lhe dar a alma. Mas Nanã exige de volta a matéria que emprestou ao homem: quando ele morre, seu corpo retorna à terra. Adornada de palhas e conchas, elementos da terra e das águas, a coroa de Nanã presta homenagem à mais velha dos orixás, guardiã dos grãos e do portal de entrada e saída das almas, representada como uma Grande Mãe Terra, semelhante à deusa Gaia na mitologia grega.

Coleção particular
CRIAÇÃO + PODER + SOBRENATURAL + SABEDORIA + MORTE



DIABO

Xantolo [Festa de Todos os Santos, celebrada em Huasteca no Dia dos Mortos]
MÉXICO

Na região mexicana de Huasteca Potosina, o evento mais celebrado do ano é a Festa de Todos os Santos, chamada *Xantolo* por uma distorção do latim *Festum Omnium Sanctorum*. Fruto de uma mescla de raízes cristãs e pré-colombianas, a celebração acontece entre 30 de outubro e 2 de novembro, junto com o Dia dos Mortos. Uma das cerimônias mais importantes da festa é o desfile de *comparsas*: blocos de mascarados que saem pelas ruas cantando e dançando. Numa das danças, um folião com máscara de diabo estala o chicote no chão, abrindo o portal entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, e tentando carregar os vivos para o outro lado, mas sua antagonista, a *Santa Muerte*, está lá para impedir. Ao final, os mascarados se despem de seus papéis, entregando as máscaras a um Patriarca, que faz uma limpeza para “remover o morto” do corpo de cada um deles.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL + MORTE



AYA UMA

Inti Raymi [Festival religioso em homenagem a Inti, o Deus-Sol dos Incas]
EQUADOR

A cada solstício de inverno, a celebração do *Inti Raymi*, a festa mais importante da cultura andina, tem como protagonista a figura de Aya Uma (“cabeça de espírito”, na língua quíchua), que toma a frente das danças de agradecimento a Pachamama, a Mãe Terra inca, por mais um ciclo de colheitas. Erroneamente concebido como um demônio, por influência dos exploradores católicos que o consideravam uma mera superstição, Aya Uma é um guia espiritual que ajuda a manter a ordem cósmica, porque é capaz de concentrar as energias de Pachamama. A máscara de frente e verso simboliza o futuro que está por vir e o passado que ficou para trás, mas sua composição de bordados ou remendos também representa o desmembramento da cultura local após a chegada dos espanhóis. Numa das mãos, Aya Uma segura um chicote, símbolo de cura, poder e autoridade, o que o torna um ícone da resistência indígena à aculturação europeia.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

PODER + SOBRENATURAL



REI KLANA

Wayang Topeng [Teatro de máscaras tradicional javanês]
INDONÉSIA

Era uma vez um príncipe chamado Panji, do reino de Janggala, que precisou percorrer uma longa jornada em busca de sua noiva, a princesa Candra, do reino de Kediri, desaparecida na floresta no dia do casamento. Em suas peripécias, o príncipe tem de superar muitos obstáculos e lutar contra vários rivais. Mas nem mesmo as figuras fantásticas que ele deve enfrentar são tão maliciosas quanto o rei Klana, um orgulhoso líder estrangeiro que ameaçou ocupar parte de Java no século XII e acabou transformado num personagem típico do tradicional teatro de máscaras javanês. O teatro tem como repertório principal as aventuras ficcionais do leal e heroico príncipe Panji, misturadas com eventos históricos ocorridos entre as ilhas de Java e Bali.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

TRANSGRESSÃO + PODER



TAMOKÓ

Ritos do povo Wayana
BRASIL

Os Wayana habitam a região da fronteira do Pará com o Suriname e a Guiana Francesa. Segundo sua mitologia, alguns homens saíram para caçar e, enquanto esperavam a caça escondidos, avistaram um grupo de Tamokós, espíritos sobrenaturais que se parecem com gente, comendo frutinhas do mato. Um dos homens flechou o menor dos Tamokós. Os demais caçadores fugiram, mas foram avistados por outro Tamokó, que os seguiu até a aldeia e, por vingança, devorou um indígena. O espírito avisou que, se fossem provocados novamente, os Tamokós voltariam para destruir todas as malocas. Mas se fossem amansados com cantos e danças, não deixariam nada de mal acontecer à aldeia. Então, um pajé cantou e dançou, selando a amizade entre os Tamokós e os Wayana. Por isso, antes da construção de uma nova maloca, os Wayana realizam uma Festa da Cumeeira, com homens cantando, dançando e usando máscaras de Tamokós.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro

SOBRENATURAL



ROSTO DE MULHER (MFON)

Ritos do povo Anang
NIGÉRIA

As máscaras produzidas pelo povo Anang são propriedade do *Ekpo*, uma associação de homens responsável pelo culto aos ancestrais. Após a colheita de inhame, os Anang dançam para manter a ordem social, evocando os espíritos dos antepassados representados nas máscaras. Assim como os espíritos, as máscaras podem ser de dois tipos. Algumas têm traços grotescos (*Idiok*) e são consideradas perigosas, portanto só podem ser vistas por membros do *Ekpo*. Outras têm traços belos e harmoniosos (*Mfon*), podendo ser admiradas por todos os Anang, como é o caso do Rosto de Mulher exposto aqui.

Coleção particular

SOBRENATURAL



MÁSCARA ANTROPOZOOMORFA

Ritos do povo Dan
COSTA DO MARFIM

Nas aldeias do povo Dan, as sociedades iniciáticas são responsáveis por manter a ordem e as práticas rituais, controlando a confecção e o uso de máscaras de diversos tipos, que servem como intermediárias entre o mundo natural e o sobrenatural. Adornada por um longo bico, marcando um híbrido entre o rosto humano e o de um pássaro, a peça em exposição pode pertencer à categoria *Bagle*, usada por mascarados que dançam acompanhados por um coro musical. Mas também pode pertencer à categoria *Gunyege*, típica de mascarados que disputam corridas, ou à *Zakpege*, de mascarados que atuam em prevenção a incêndios. Possibilidades que denotam a dificuldade de se ter certeza da função de uma máscara dan por sua mera aparência, isolada do contexto ritual.

Coleção particular

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL

ENGLISH TEXTS



We would like to invite you all on an excursion exploring culture on five continents through the exhibition **ETNOS—Faces of Diversity**. The show presents 150 masks that express the multiplicity of facial representation as an instrument for recognizing human identity.

Considering that masks afford us the possibility of speaking a universal language that doesn't depend on idioms, the exhibition invites us to reflect on the existence of non-verbal communication established, primordially, through symbols. The sensation of mystery and enchantment brought about by the evidence of a language capable of dispensing with discourse deconstructs previously-held convictions and conceptions and stimulates us to formulate questions which may have several distinct answers.

An attentive and curious eye on the multiplicity of expressions which humans have enabled themselves to produce from ancient times to the present is what led us to construct this very unique project that we have brought here to Farol Santander in São Paulo.

PATRICIA AUDI

Vice President of Communications, Marketing,
Institutional Relations and Sustainability
Santander

ETNOS

FACES OF DIVERSITY

MARCELLO DANTAS CURATOR

“Myths are public dreams, dreams are private myths.”

Joseph Campbell

What differentiates one ethnicity from another are not bodies, nor a longing for happiness, not even the instinct for life and love. What differentiates one ethnicity from another are visions of the world, their cultures, and there is a shortcut for capturing them. In practically all ethnic groups, we find the use of facial artifacts: masks, adornments or paintings. They reference power, transgression, anonymity, sexuality, knowledge, war, humor, demons, death. Masks carry symbols of who we are and what we want to incorporate by donning them. The first found models date from over 9000 years ago. They are one of mankind's most creative ancestral manifestations, and, curiously, they were manifested all over the world in an autochthonous manner, without any ripple effect of influence. Masks are the oldest evidence of our desire to transcend and connect with a mythical dimension.

The idea of **ETNOS** is to use masks as a means of recognizing the cultural diversity with which we currently coexist on the planet and, at the same time, to identify, amidst such difference, something that is shared in our human essence—a proposal as challenging as it is subtle. One inspiration is the approach taken by mythologist Joseph Campbell, author of *The Power of Myth* and *The Hero with a Thousand Faces*, to the role that these instruments play in the experience of myths (something akin to images in the collective unconscious). Campbell reveals to us that there is a mythical unity in the exterior diversity, as if, through distinct doors, we are able to arrive at the same mythical Olympus. Masks are the passports for boarding these flights.

With this reading on the horizon, we present an extensive collection of pieces that are currently used: from ritualistic African masks to those worn in Japanese Noh Theater, from the artifacts of the Carnival of Venice and Colombia to pieces from Korea, China and Amerindian cultures. Juxtaposed to these remote trajectories in time, we also have fetish masks, those of contemporary out-

siders and several that have origins in popular culture, from movies to cosplay events. The premise is that they participate in living rituals in the contemporary world—in the most ample sense of what today can be recognized as ritual. This diversity exists within contemporary time, which is simultaneous—in the succession of time, it presents no challenge at all.

For various reasons, modern urban life has deprived itself of much of the rituals that once connected individuals to their groups of origin. The presentation of a child to society, initiation into adult life, marriage, death, collective farm work, the cycles of nature: nothing, or very little, is left of the symbolic roles exercised on these occasions. In contrast to this lack of meaning, new rituals have begun to emerge in recent decades, such as different forms of role playing and symbolic uses in the mass media, like superheroes, the resurgence of the rites of Carnival and other pagan festivals, in addition to many modes of group communion at a distance in the digital world—for example, the use of masks on social networks. Ritual masks are proliferating.

The mask also has the fundamental virtue of hiding the face of he or she who wears it. In the digital age, the relationship between mask and identity takes on more complexity. With facial recognition and artificial intelligence, faces are read like sets of data that differentiate each individual, a permanent recognition that abolishes anonymity and revises the meaning of privacy. Behind each one of these objects resides the only private space left for us, the tiny space in between a face and a mask. In this context, the simple act of donning a mask can be subversive – a symbol of revolt and non-conformity. The artifact becomes a weapon, a resource to break imposed control, detached from personal consent. In over 20 countries in Europe, the Americas and Oceania, it is already illegal to wear masks at public demonstrations. Beyond mere anonymity, the symbolism of the mask activate deep fears: a masked individual in an airport today represents a threat as imminent as a bomb. Our imagination is occupied by a number of recent, brutal acts related to the figure of the executioner, members of extremist groups like the Black September Organization, the Ku Klux Klan and Jihadi John of the Islamic State and their broadcasted executions. The mask empowers individuals, liberating them from potential chains and connecting them to ideas that can lead them to commit atrocities.

The world of cinema met the world of masks in 1898—just three years after the Lumière brothers’ invention, with the first ethnographic image in motion—, never again to separate. Alfred Cort Haddon, author of the pioneering recordings, brought a camera to the Torres Strait in Papua New Guinea, and immortalized the act of aborigines bearing masks in a ritual. This movie is one of the gems of the research for this exhibition. This symbol became universal in the media culture and shaped a new shared language, with manifestations produced and consumed around the globe. Movies and masks crossed paths at this moment and have remained together ever since. Heroes, superheroes and villains emerged, preciously masked to characterize the myth that they wished to invoke. The history of cinema in the 20th century updated the narrative of masks, the masked and unmasking.

Masks also incarnate rites in pop music, with such artists as Daft Punk, Björk, Kiss and Gorillaz who have found in them a way to transit between the world of pop and the creation of codes evoked by their music, though not simulated by their faces.

Visual artists like Pascale Marthine Thayou, Miguel Moreira e Silva, Beau Dick and Pierre Huyghe also made use of the mask as creative artifice, conjuring a reinterpretation of myths through contemporary optics, and understanding the mask as an agent that can translate, like few others, the power that a work can have over those drawn to it. Huyghe’s film *Untitled (Human Mask)* shows the transformative power that a Noh Theater mask exerts over a monkey, which, when wearing it, incorporates human gestures and behaviors that challenge our understanding of what a simian is.

But what is there in each piece in the heterogeneous set gathered in **ETNOS** that might be capable of interconnecting any and every culture? The masks show a path toward recognizing the human need to experience another state of consciousness and spirit, of exerting a power validated by their group. They are an artifice that humanity as a whole has found, no matter their origin on the planet or day-to-day reality. While, on the one hand, they allow for the incorporation of codes recognized by their culture of origin, the more diverse and miscegenated we become, the more we learn to react to these codes. This reaction certifies that diversity has become internalized in us.

We have come to understand that masks are omnipresent and they create a universal language among

themselves. A language that does not depend on idioms and which allows is to communicate through symbols that had thus far not been universalized. The beauty of a non-verbal language like that of the masks is that it opens our minds to the formulation of questions to which we have no answers. The physical artifact is the evidence of this language. What exists in the subtle connection between these varied cultural manifestations is something that belongs only to human perception. **ETNOS** intends to show connections that allow us to understand ourselves within this new landscape where diversity unites us more than identity. Where what we do not know empowers us more than that which is familiar to us. Where questions without answers lead us to places that are much more interesting than the shallow knowledge of indexation.

Being human is not enough and the search for another dimension is something that has always manifested, no matter where. But in the present these searches are connected. Never has diversity been so visible to so many, and never before has the challenge and opportunity to coexist in a place so replete with symbols been so evident.

NOTAS

1. CAMPBELL, Joseph. *The Power of Myth*. Cambridge: Anchor, 1991.
2. CAMPBELL, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. California: New World Library, 2003.

MASKS

ANCESTRALITIES IN CONSTRUCTION*

MARIA CATARINA DUNCAN INDEPENDENT CURATOR

Mirrors are filled with people.

The invisible see us.

The forgotten recall us.

When we see ourselves, we see them.

When we turn away, do they?

GALEANO, Eduardo. *Mirrors: Stories of Almost Everyone*. New York, Nation Books, 2010.

Each mask is one, and many; they are all and none at all. Each mask contains an intention, a destiny and a potential that surpass the physical limitations of matter to access symbolic spheres of representation and connection. The mask communicates by itself and also through us, enabling the creation of bridges of access between worlds, between subjectivities, between genders, between species. It is not limited to one character, one archetype or one artistic object; within the culture in which it exists, the mask can be understood as an instrument of learning, recollection and connection with history, cosmology, the political and ancestral characteristics of a certain group. We are talking about active subjects, not passive objects, and as such we will continue to refer to each mask as an instrument, considering its individuality and capacity to communicate.

By facing the lack of living eyes behind these faces, we can easily fall into the trap of objectification. We must remember that what makes it a living thing are not the eyes within it, but instead those outside it. These figures have no age; they might, be six months, or 600 years-old, since they are born again each time someone sees them. Seeing is not the same as looking. In order for us to see, it would be necessary to undergo an operation, being that there is a foreign body within us, a parasitical bacteria rooted in us for hundreds years now through what is known as colonization. As its very name indicates, this colony has infiltrated our thoughts. Our ways of seeing, listening, talking, thinking, making decisions, eating... We need to rid ourselves of colonial thought and uproot it;

it will not be erased from existence, but now we are able to look at it with liberty from a distance. Just like when we fall ill and are later cured, it is not as our illness never existed—the past is not erased, but it should cease. The transformation of the cure takes place through the identification of the illness and, when we are cured, we can finally stop confusing subjects with objects and viewing the other as one.

The invasion of neighboring lands is as old as human history itself; confrontations and encounters that can take place in various manners, emerging out of a quintessentially human impulse. Whether in Asia, Africa, Europe or the Americas, one of the direct consequences of these processes of exchange or war is the destitution of the identities of oppressed peoples. Masks can be found as cultural, religious and political foundations in both ancient and contemporary societies all over the world and, consequently, they had to be removed, sacked and dislocated among the more recent colonizing regimes. Proof of this practice can be seen in the collections of the biggest ethnographic museums in Europe and the United States, which contain sacred masks from peoples all over the world as exotic objects. While some see them as curious objects, subjects are deprived of crucial parts of their essence. We need to view them with care in order to avoid repeating the mistakes that have disempowered peoples of their own cultures, a process of stripping, disinterest and annihilation of memory. The conception of Western conservation is not applicable to the objective of a mask, made to communicate; it is never stopped or separate from that which goes on around it. All the examples present in this exhibition are living, and this encounter of such diverse ancestral forces is necessary at this moment in time. The world seen through a mask is not static: these are active instruments, which belong to a long tradition of mutation. *Etnos* is a radical which confers meaning upon a certain situation. We have a lot to (un)learn.

In its use for resistance, the mask can be utilized as a weapon and a diversion. The Acupe Grimace was utilized by slaves in the region known as the Recôncavo baiano to frighten owners of the mills and farms, enabling escapes and fueling the belief that supernatural demons inhabited those lands. The Guy Fawkes masks, also known as the mask from *V for Vendetta*, was utilized as a symbol of the Gunpowder Plot, a planned revolt in late 18th century England, and is disseminated as anarchist icon that belongs

to a horizontal global brain, with no defined leaders and in constant resistance against oppression, utilized in protests and boycotts of civil disobedience all over the world.

Masks are all the other faces we allow ourselves to be and, to be them, it is also necessary to allow the other to be. An encounter with the mask or the masked is an encounter with alterity, as Achille Mbembe writes in his book *Critique of Black Reason*: “to speak of one is, in reality, to evoke the other.¹” When we speak of light, we evoke shadows, being that nothing could be if there were no otherness. In a “post-colonial” context, the problem of ethnic identity has to pass through politics. We live in a pathological society that diagnoses as foreign everything that can’t be understood by Western thought.

For the Dogon people, who lived in what is now modern day Mali, masks were utilized as instruments of the ancestral connection between the material and the spiritual, origin and finality, in rites of combat and the suspension of mourning. There is a specific language of masks, called *Sigi-So*, taught to all the men in the Dogon territory during their adolescence as a rite of initiation. For this population, the masks span worlds, and to continue with them beyond the rite is to continue on to another world and leave the Earth. Ancestrality is alive, it implies past lineages, but it can only exist in the present. Ancestralities are constantly being produced and can materialize through and based on the use of masks.

The interiority of an entire society is deformed in the eyes of the other, and, in order for us to overcome these contradictions, we must come up with new conditions for co-existence. In the arrangement of the masks in this exhibition, there is no clarifying center that determines the otherness of everything surrounding it: we are talking about many centers, all of them unique, that continue to multiply. Each mask corresponds to its own unity, each one outlines its difference, but they all correspond to one nature. There are differences, it is true, and this is why it is necessary to coexist.

Based on a non-linear perspective of time in which everything is overlapping and interconnected, other dimensions inhabit the present, and perhaps the future is not so distant from the past. An individual transfigures into an animal, a superhero or an ancestor, thus able to cross over into worlds and circulate through other dimensions with the help of chants, words, prayers and rites. In the face of each, it is possible to glimpse distinct

subjectivities, geographies, bodies, colors and scents, belonging to various times, which take place to this day. What songs are sung in order to awaken these beings? Which faces and bodies carry them? Who fears them? Who adores them? Who conquers them? What forces move them? What fictions materialize them?

All it takes to imagine is to be alive. Regardless of the context, the power is inherent and overflowing from bodies in contact with each of these masks. Representatives of their cultures, they communicate from distinct, but strangely familiar worlds and times. Faced with this power, the past becomes present, the future resembles the past and time is suspended so that a new connection is established between those who have passed on, those who are here and those soon to come.

In Brazil, *Cazumba* expresses symbolic references with origins in the Bantu people of West Africa who were enslaved over three centuries and whose resistance remains present in our culture, language and religion. *Cazumba* comes from the Kimbundu word *casumbi*, transformed here in Brazil into a central figure in the *Bumba meu boi* rites in Maranhão. Cazumba is neither human nor animal: it is something between magic and dream. The fusion of the spirits of both, surrounded by magic and responsibilities, this spirit doesn’t belong to anyone, but nothing happens without it.

Almost none of the masks that we know of have an identified author, except for those produced more recently by people who recognize and call themselves artists. The anonymity of their creators makes it so they are recognized only by their homeland. The identification of the craftsmen and inventors of the masks is maintained as a secret, kept only by the creator and the creation. The necessity of imposing a signature on an object removes from it its autonomy, and it becomes the belonging of a single person, losing its individual identity of being in the world.

The variations in nomenclature surrounding an object are evidence of different conceptions of the world regarding what belongs to whom, and who creates what. The masks are not created by those who merely construct them, but an entire community: those who wear them, who manipulate them and who see them. In this sense, we are creators and witnesses, constantly giving birth to those who observe and share. New configurations of thought and knowledge are established and operate in the common imagination.

In almost all cultures and all eras, masks are agents that participate in our relationship with the unknown. Made of plaster, wood, metal fabric, plastic or what have you, their functions occupy a similar social space. They emerge from beliefs and basic necessities to incorporate aspects of praise and worship and as such envision other forms of life. As described by anthropologist Pedro Cesarino in an interview with Beatriz Labate, “it is as if our society, characterized by the hegemony of the sense of sight, sought more and more sensorial otherness in which “not seeing” is able to reveal “other forms of seeing.”² In this section, Cesarino describes the moment in which the actor lies in the hammock and dons the mask to understand, to be able to see more precisely, he is no longer seeing with eyes alone. In this way, he activates his senses to see beyond the physical body, to the soul. Western society promotes a culture in which you can only believe that which you see, giving greater weight to sight than any of the other senses. We need to learn how to see all over again, with the eyes on the inside.

When we mask something we hide, we create a new layer of understanding: we cover to discover. This is a moment in which human beings decide to personify that which they are not, in order to talk about precisely that which they are. Masks act as instruments in the construction of new narratives. In action, these artifacts dance and update the myth and the story, engaging people in an experience of present learning.

Cultural models also can be put into practice in a collective learning process through the use of the mask: this is what happens, for example, in the Greek theater starting in the fifth century BC. Actors utilized masks to create narratives that protect them as individuals and allow their expressions to reach the vastness of the public. Having originated in the cults of Dionysius, in the theater, the masks enter in narrative action in performance and, aided by chants, activate the power of each character. Actors were known as those who possessed two faces—a term used pejoratively nowadays, but which, in certain instances, implies a power of dissimulation. The word “hypocrite” is derived from the Greek *hyporites*, which means actor.

The use of the mask necessarily implies an erasure, partial though it may be, of the person who wears it. This function of veiling and hiding also allows for a kind of protection, provided by anonymity. By preventing rec-

ognition, a form of immunity is guaranteed against that or those seen as evil. In the case of the Chinese dragon masks, their function is to drive away evil spirits.

The *balaclava*, for example, Russian in origin, was crafted in order to almost entirely cover the face during the Crimean War in 1854. It was adopted around the world by firemen to protect against fire, by skiers to protect against the cold and by police and military squads in order to avoid being identified. In Bolivia, boys and girls hide behind these masks, which have become symbols of the city and taken on several variations: there, the *balaclava* is used by shoeshiners in the streets of La Paz, known as “*lustra botas*,” who cover their faces to conceal their identities and protect the dignity of their family, being that their work is considered dirty.

Cultural differences become problematic when they produce judgment regarding masks, with intentions of classification, approval or denial. The conflict of explicit interpretations express the dangers of one single narrative. The mask guarantees protection against outside judgment, in addition to guaranteeing the possibility of seeing others without being seen by them.

Philosopher Jean-Paul Sartre used the metaphor of being able “to see without being seen” in 1948, when amplifying the voices of young black Francophone poets like Aimé Césaire and Léopold Senghor: “What did you expect to hear, when the noise that silenced the voices of black men was removed? [...]. When those heads, that our fathers forced to the ground, raised up, did you expect to find adoration in their eyes? In this anthology, black men are standing, they examine us; and I want you to feel, like me, the sensation of being seen. Considering that white men have, for 3000 years, taken advantage of the privilege of seeing without being seen.³” With this metaphor centered on the power of the eye as colonial representation, Sartre was sending signals about the intolerable situation of colonization. In this text, he introduces the idea of globalization, a new perception about the planet we inhabit: in order for this way of seeing to exist, others must enter into collapse.

Masks are part of diverse social systems and are applied in various functions; their meanings depend on the fantasies, imagination and desire of their wearers. Life without memory or imagination is solitary; together we are one, stronger and more powerful in our songs and chants, between celebration and mourning, beginnings

and ends. Their uses resemble, but are never exactly the same: the difference has to be recognized, accepted and transcended. Nowadays, the polarization of society is constantly advancing and hectoring us the desire for segregation has never been so overwhelming. We are running the risk of losing sight of that which we have in common: difference itself. This is why it is necessary to remember that uniformity is not the natural state of things: difference is probably the most profound structure that makes us human. There is a need to celebrate dissent, incomprehension, the multiplicity of time and cultural diversity. The world cannot be understood through one single language, one single history, one single god, one single myth. We are multitude. The human race has always held on to notions of frontier, physical or mental territorialization; we need to realize the abysses and schisms that allow for union, where it is possible let light in. In the words of Jota Mombaça, we need to “open up cracks in colonialism⁴” to explore what happens when people come together, accepting their differences as points in common. We are heading down paths of contradiction.

We are here, together, understanding, through our bodies, the emergence of other forms of knowledge. This exhibition proposes the expansion of forms of constructing free identities and, as such, it is necessary to deconstruct fixed identities, question authenticities and de-generalize everything. Universal subjects are no longer admissible: identity is always a process and, as such, it cannot be rigid.

* Commissioned essay

NOTAS

1. MBEMBE, Achille. *Critique of Black Reason*. Duke University Press: Durhama and London, 2017, p. 79..

2. CESARINO, Pedro. Mito, Antropologia e Teatro: Entrevista com o antropólogo Pedro Cesarino. *Ponto urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo, v. 7, p. 1-9, 2010.

3. SENGHOR, Léopold. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: PUF, 1976, p. 229.

4. MOMBAÇA, Jota. Episódios do Sul Não Existe o Pós-Colonial. Available at: <www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16117914.htm />. Accessed on: July 28th 2018.

BIBLIOGRAFIA

BUENO, André P. *Cantos de máscaras no Nordeste brasileiro e na África Central e do Oeste: pistas para uma análise comparativa*. Revista MAE-USP 20, 2010.

BORGATTI, Jean M. *Likeness and beyond: Portraits from Africa and the World*: Centre for African Art, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. Cultrix, 1992.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Paz Terra, 2018.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: Pesquisas de antropologia política*. Cosac Naify, 2013.

DONATO, Hernâni. *Dicionário de Mitologia*. Cultrix, 1982.

ESPEJO, Elvira (ed.). *Máscaras: Los diversos rostros del alma*. MUSEF Editores, 2014.

GALEANO, Eduardo. *Espejos*. Siglo Veintiuno editores, 2008.

GALEANO, Eduardo. *Mirrors: Stories of Almost Everyone*. Nation Books, 2010.

GRIAULE, Marcel. *Masques dogon*. Musée de L’Homme. Institut d’Ethnologie, 1963.

LABATE, Beatriz; CESARINO, Pedro. Mito, Antropologia e Teatro: Entrevista com o antropólogo Pedro Cesarino. *Ponto urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo, v. 7, p. 1-9, 2010.

MBEMBE, Achille. *A crítica da razão negra*. Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. Episódios do Sul. *Por que julgamos que a diferença seja um problema?* Goethe Institut, 2017. Available at: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20885952.html/>. Accessed on: July 28th 2018.

MOMBAÇA, Jota. Episódios do Sul. Não Existe o Pós-Colonial, Goethe Institut, 2018. Available at: <www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16117914.htm/>. Accessed on: July 28th 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. *Epistemologias do Sul*. Almedina, 2010.

SARTRE, Jean-Paul (1948). *Orphée Noir*. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française* par Léopold Sédar Senghor. Gallimard, 1976.



WHEEL-HOOD (APAPAATAI)

Rites of the Waurá people

BRAZIL

Natives of the Alto Xingu region of Mato Grosso, the Waurá people show reverence to the *apapaatai*, monstrous spirits capable of producing diseases, as well as providing their cures. When a person falls sick by the action of one of these spirits, a rite is performed with giant masks to transmit to the ill the strong shamanic potency of the *apapaatai*, susceptible to being captured by ritual objects. Once recuperated, the patient becomes a *amunaw* ("owner of the ritual"), obligated to feed and care for the *apapaatai* that made him sick. A considerable part of the Waurá agricultural production is designated for offers to these spirits, which can also assume the forms of non-human beings, like fire, or animals, like frogs and bats. The paradox involved in their mode of action, which encompasses illness and cure in the same principle, harks back to the Greek concept of *phármakon*, at once poison and medicine.

Museum Of The Indian Collection, Rio de Janeiro

SUPERNATURAL

MEDUSA

Costume of pop singer Björk

ICELAND

Holding a degree in classical Greek from Oxford University, the self-taught artist James Merry was inspired by his passion for Greece to create this mask for Icelandic singer Björk. An ancient myth which survives to this day, adapted in comic books, movies and video games, Medusa is the embodiment of the threatening female in the form of a monstrous, fatal woman. One version of the myth says that she was a beautiful priestess in Athena's temple, who was harassed by Poseidon and disrespected her sacred vow by lying with him in the temple. Furious, Athena decided to curse her, transforming Medusa's lovely hair into serpents and her once-beautiful face into a sight so hideous that it was capable of petrifying anyone who looked at her. The only mortal among the three Gorgons, Medusa was decapitated by the hero Perseus, who fought her while looking at her image reflected in his shield.

James Merry Collection

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

KANAGA

Rites of the Dogon people

MALI

According to Dogon mythology, their over 70 masks were created by the spirits of the bushes, given as presents to the ants and later stolen by a bird who brought them to a woman named Sadimbe. With the power she obtained by dancing while masked, Sadimbe terrorized the men of the village, who joined forces to take the masks (and her power) away from her. To this day, only men can wear these such masks, like the Kanaga, which represents a god creator through the form of a mythical bird, with arms and legs stretched out on a double cross, organizing the world into superior and inferior zones. It is used in funeral rites to defend the living and help the dead arrive in the spirit world. And it can also be featured in the great festivals of

agricultural renewal and human fertility, celebrated every 60 years. Wearing red skirts made of hibiscus fibers that refer to menstrual blood, masked people dance touching the tips of their masks on the floor, symbolizing the concrete nature of the encounter between the natural and the supernatural.

Collection Ivani and Jorge Yunes

CREATION + POWER + SUPERNATURAL + DEATH

JERO LUH

Balinese New Year

INDONESIA

Jero Luh and her husband Jero Gede represent the ancestral spirits of the inhabitants of Bali and they fulfill the function of protecting them. As part of their New Year festivities, the Balinese go out from village to village carrying the large masks of the ancient couple, as well as in the processions that precede the cremation ceremonies. Sculpted in the style of *Barong Landung*, known for crafting enormous, mythical pieces, the masks of Jero Luh and Jero Gede have the power of bringing cures and fertility to those who need it. Calm and elegant, Jero Luh is particularly revered as the lady of compassion and adored for defending the faithful from the evil forces that intend to harm them.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

POWER + SUPERNATURAL

BIG FACE (YPÉ)

The Tawa festival of the Tapirapé people

BRAZIL

In 1947, one of the last villages of the Tapirapé people in the Amazon, decimated by epidemics after coming into contact with urban groups, was virtually destroyed by a Kayapó attack. The survivors had no choice but to surrender to the invaders and also to the Karajá, another old rival. The Ypé mask symbolizes this surrender by including references to the two, now-allied peoples. In the Big Face, a red cross around the eyes, made of macaw feathers, depicts the achiote facial painting typical of the Kayapó and Karajá peoples. Meanwhile, the positioning of the feathers in the headdress, around the head, varies according to the people represented. In the festival known as the Tawa, masked people perform a dance in which a Tapirapé resists attacks from enemies and, later, carries them one by one to the village's main hut. More than a fantasy which transmutes defeat into victory, the festival ritualizes the incorporation of enemy cultures. This incorporation is symbolized by the open mouth, filled with fishbone teeth, which references the aggressive relationship between rival peoples, but also the possibility of one culture feeding on others.

Museum of the Indian Collection, Rio de Janeiro

HYBRIDITY + POWER

GRAS-DKAR

Tibetan New Year

TIBET

In Tibet, the arrival of the new year is celebrated with a series of celebrations which span several days. One of them, which takes place on the second day of the year, is called *Gras-Dkar*, a performance

of folk artists that wander the city's streets entertaining the population. In general, they wear masks like the one displayed here, which represents a bard, a kind of poet tasked with orally transmitting stories and legends. According to tradition, the mask-wearers go from home to home improvising chants and dances inspired by the mythical figure of the buddhist master Padmasambhava, who played an important role in spreading buddhism throughout tibet in the 8th century. By observing and participating in the *Gras-Dkar*, tibetans believe that they are attracting blessings of good fortune for the entire coming year.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

KNOWLEDGE

RAVANA

Chhau Dance of Saraikela

INDIA

With ten heads and 20 arms, Ravana is the terrible king of the demons in Hindu mythology, blessed with great powers, including the ability to produce storms and earthquakes. Capable of assuming whatever figure he wishes, from human form to that of a mountain, his original body is covered in scars: marks of the various battles he waged against the gods. A symbol of the very essence of evil, he conquered his throne through violent means, expelling his half-brother Kubera, god of wealth, from the kingdom of Lanka. Ravana also engaged in a series of epic battles against the hero Rama, the seventh avatar of the god Vishnu, who, in the end, succeeds in defeating him. The clash between Rama and Ravana is one of the main themes of the Chhau Dance, the traditional rite of masks in Indian cities like Saraikela, which dramatizes sacred Hindu plots representing the conflicts and the triumph of good over evil.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

TRANSGRESSION + POWER + SUPERNATURAL + HYBRIDITY

MAHAKOLA

Sanni Yakuma [Sacred rite of exorcism for the Sinhalese people]

SRI LANKA

Mahakola is the leader of a group of 18 demons, depicted at the top of the head of a sacred mask, each responsible for producing a kind of symptom or illness: cholera, blindness, pneumonia, boils, plagues and other diseases. Worn in religious ceremonies considered medicinal, the Mahakola mask is part of a rite of exorcism. Known as *Sanni Yakuma* in the Sinhalese language (*sanniya*: "ailment; *yakuma*: "demonic ritual"), the rite usually begins by introducing Mahakola surrounded by snakes and demons, represented by masks of their own. Until the exorcism kicks in to calm the spirits of a specific demon, in the name of a certain patient and his or her family. When the ceremony comes to an end, the area is ritualistically cleansed to impede any negative influence from remaining at the locale.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

POWER + SUPERNATURAL

QUEEN OF THE DEMONS

Lhamo Theater [Classic style of dramatic Tibetan art involving music, theater and dance]

TIBET

The Llamo Theater of Tibet is a kind of dramatic art that serves as popular entertainment, but its fundamentals are deeply rooted in Buddhist religious practices. Before any play, a prologue is staged with the intention of purifying the space and sacralizing the time, transposing the audience to the time and space of the mythical narratives. Only then can the traditional dramatizations take place, some featuring demonic characters generally represented by red-colored masks which denote strength. One of these characters, symbolic of furor and violence, is the Queen of the Demons, with nine heads distributed into three rows and whose canines indicate that they are ogres, evil mythical beings known as Rakshasa. Both during and after the play, the gods' struggle against the demons is a fundamental element in the performances. Before exiting the stage, the actors throw handfuls of flour into the air and let out cries of praise, celebrating the triumph and glory of the gods.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

SUPERNATURAL

ZAKPEI GE

Rites of the Dan people

IVORY COAST AND LIBERIA

Among the wide variety of masks of the Dan people, some have the function of promoting social control, transmitting rules of conduct. During drought periods, the *Zakpei Ge* appear on the scene, a kind of masked fire brigade armed with the knowledge of their ancestors. They inspect the use of fire for cooking and engage in mischievous acts, like knocking down pots and pans and scolding careless cooks. They begin their inspections around noon in order to make sure no fire outbreaks are exacerbated by the dangerous afternoon winds. The white ornamentation on the ocular strip refers to contact with the ancestral world, thus legitimizing the actions of those wearing these masks.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL + KNOWLEDGE

DEVIL

Miguel Moreira e Silva [Contemporary artist]

PORTUGAL

The word "*diabo*" [devil in Portuguese] is derived from the Greek *diábolos*, which means "he who divides, inspires hate or envy." This figure of discord is present in the biblical description of Lucifer, the finest angel in Heaven, who rose up against God and was expelled to Hell. Meanwhile, the figure of the devil in general, as the supernatural incarnation of evil, recurs in different cultural contexts in a multiplicity of forms and names: Satan, Beelzebub, the Antichrist and many others. This multiplicity inspired artist Miguel Moreira e Silva to compose a series of masks, all titled *Devil*. The two selected exemplify well this diversity: one references African imagery, with its use of natural raw materials such as wood, while the other references

Catholic imagery, predominant in the European context from which the artist comes. Marked by the ancient tradition of crafting masks in Trás-os-Montes, the district of Bragança, where Moreira e Silva resides, celebrates the end of Carnival with a procession of devils on Ash Wednesday, heralding the beginning of Lent.

Miguel Moreira e Silva Collection

SUPERNATURAL

SEER

Rites of the Grebo people

LIBERIA

The masks of the Grebo people are famous for the fact that Spanish painter Pablo Picasso owned two of them, which served as inspiration for his work, especially during his Cubist phase. Some have more than just one set of eyes, representing figures of seers, capable of seeing beyond the physical world. The polarity between what we see and what is hidden also marks the structural hierarchy of the Grebo people, ruled by a leader who remains in almost absolute isolation in the forest. Playing a protective role, this sort of mask is associated with rites of preparation for war, evoking spiritual powers necessary for the warriors’ victory.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL

GORILLA (NGIL)

Rites of the Fang people

GABON

Hunters and farmers by tradition, the Fang people became famous for their knowledge of animals, herbs and other plants of the equatorial forests. This proximity with the living things that surround them can be seen the Fang people’s metaphysics. Their reverence for the spirits of the forest is manifested in masks like this one, which depicts a gorilla (Ngil), but with features much more similar to those of humans. Its use is more frequently associated with initiation rites, though it can also serve a judicial function, as a punishment for witchcraft. The white color, which dominates much of the mask, is associated with ancestry, a realm with the power necessary to execute a punishment. During the period of French colonization, the Fang were subjected to Christian influences, assimilated to their culture in syncretism with other beliefs. It is common for some villages to celebrate the Christian holiday of Easter, but the festivities last for four days with music and dancing, and also include the ingestion of psychedelic beverages.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL

AÑA

Arete Guasu / Danza de los Añas [Carnival of Guarani-Chané people]

PARAGUAY

The *Arete Guasu* (“Big Party”) is the occasion when the GuaraniChané people, inhabitants of various regions of Paraguay, Bolivia, Argentina and Brazil, celebrate the abundance of the harvests at the end of the year’s growing season. In this sacred rite, a portal is opened that inaugurates a magical time connecting the living and the dead. The latter are symbolized by the Añas: ancestral spirits incorporated by masked men who are welco-

med by the festive population. With a long white beard, denoting advanced age, and bird feathers shaped like a pair of wings, referencing the act of flying which allows displacement from one location to the other, the mask on display here represents one of the different varieties of Añas. Though they were associated with the devil by Franciscan missionaries during the period of Spanish colonization, they are celebrated by some people in rites that incorporate elements of Christian faith, providing examples of a miscegenation which made the survival of pre-Colombian beliefs possible.

Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

SUPERNATURAL + DEATH + HYBRIDITY

CAPORAL

Morenada

BOLIVIA

A feature of a number of Latin American countries, but Bolivia especially, the *Morenada* is a traditional dance which has the black man as its main character. Present in the Spanish colonization of the Caribbean, but not the Andes, slaves taken from Africa were seen as foreigners viewed with wonder by the Andean peoples. For some researchers, the Morenada is a manifestation of indigenous mockery of the slave trade of African peoples. The tradition is comprised of a series of masked characters, included among them the Caporal, a kind of boss or taskmaster of the *moreno* troops. The thick lips and tongue sticking out symbolize the arduous work done by the slaves.

Collection of the Latin American Memorial Foundation,

São Paulo

TRANSGRESSION + HYBRIDITY

CAZUMBA GRIMACE

The Bumba meu boi festival in Maranhão

BRAZIL

Boi-bumbá or *Bumba meu boi* is a folk tradition celebrated in several Brazilian states. It revolves around the story of a slave who killed his master’s favorite bull because his pregnant wife had an irresistible urge to eat the animal’s tongue. Terrified of the farmer’s ire, the couple were finally relieved to see that the bull had been magically resurrected, an event celebrated at these festivals, generally held around the time of the St. John festivals. In Maranhão, the original performance features additional special masked characters: the Cazumba Grimaces stand out from the other paraders for their irreverence and for their pranks. In addition to entertaining the public, the Cazumbas have the function of initiating the presentation by helping the slave Pai Francisco kill the bull. It is generally comprised of animalistic, beastly features. “The uglier Cazumba is, the more beautiful he is,” says Abel Teixeira, an artisan celebrated for crafting masks, including the piece displayed here.

Collection of the Casa do Pontal Museum

TRANSGRESSION + HYBRIDITY

EAGLE

Alfred Robertson [Contemporary artist of the Kwakwaka’wakw people, native to the Canadian west coast]

CANADA

Featured in the magical scepter of Zeus, Napoleon’s imperial coat of arms and the emblem of Hitler’s Nazi party, the eagle is a symbol of power

that spans a wide variety of cultures. Its extraordinary vision, capable of looking directly at the burning sun, combined with its ability to reach high altitudes in flight, is associated with sublime ideals and the bird’s role as messenger for the gods. Among the indigenous peoples of North America’s Pacific coast, the eagle identifies the most respected chiefs and the most prominent family clans. For the Kwakwaka’wakw people, it embodies a supernatural being capable of transiting between the terrestrial world of humans and the mythical underwater world.

Private collection

POWER + SUPERNATURAL

WAGGIS

Carnival of Basel

SWITZERLAND

Due to its location by the German and French borders, it is not surprising that the third largest city in Switzerland includes a caricature of a foreigner in its carnival festivities. The Waggis represent French peasants who left Alsace in the 19th century to sell their products at the Basel market. In the Alsatian dialect, the name Waggis refers to a joyful, *bon vivant* character who works by day and has fun at night. The large nose, which stands out on the smiling mask, symbolizes a reputation linked to excess (including alcohol). During the 72-hour carnival of Basel, the Waggis behave like jesters and take the liberty to engage in the sort of mischief that would be unacceptable at any other time of year, such as bombarding passersby with confetti showers.

Private collection

TRANSGRESSION

SPIRIT

Moça Nova Festival, the Ticuna people

BRAZIL

The Ticuna people, inhabitants of a border region in the state of Amazonas near Peru and Colombia, maintain a rite of passage from childhood to adult age known as the Moça Nova Festival. When a girl gets her first period, she is kept in isolation for three months, in contact only with her mother and perhaps an aunt. In this period, she is vulnerable to the influences of evil spirits—representing a state of “impurity,” that other cultures also associate with bleeding and female sexuality. In the end, the parents invite the community to the initiation party, offering food and drinks. Trumpets, flutes and drums are prepared for the ceremony, accompanied by the arrival of evil spirits, embodied by masked dancers. They attempt to possess the girl, but are eventually driven away. Also during the rite, the hair of the initiated is pulled out strand by strand, so that in the place of the child, a new woman can be born.

Museum of the Indian Collection, Rio de Janeiro

SEXUALITY + SUPERNATURAL

CHIFRUDO

Cavalhada of Pirenópolis

BRAZIL

In various regions of Brazil, during the Feast of the Divine Holy Spirit (50 days after Easter), the *Cavalhada* is held, a combination of dances and competitions that involve disputes between two armies

of horsemen. Its origins date back to the jousts between Moors and Christians during the Middle Ages in Europe. But in Brazilian cities like Pirenópolis, Goiás, the event has developed religiously profane features. Revelers wearing animal masks, one highlight being the famous *Chifrudo* [literally “Horned”] mask, circulate the city streets on horseback, going door-to-door making a commotion and playing jokes. Haughty figures, the mask-wearers can turn authoritarian and downright invasive, an inheritance from a time of social segregation, when only the rich were able to have horses. In a game of role reversal, humans dress up as animals and common folk dress up as horsemen during the festivities.

Collection of the Latin American Memorial Foundation,

São Paulo

TRANSGRESSION + POWER

MSQRD (MASQUERADE)

Filter application for selfies

USA

Would like to put on a virtual tiger or monkey mask? Or a mask of a popular character like Harry Potter? Or superheroes like Iron Man and villains like the Joker? All this is possible with the free app MSQRD. Now it is your turn. Come play and try on some masks.

Private collection

CREATION + POWER + HYBRIDITY

TECÚN UMÁN

Dance of Conquest

GUATEMALA

The Dance of Conquest is one of the most traditional folklore performances in Guatemala. Embodying masked characters, dancers dramatize the arrival of Spanish conquistador Pedro de Alvarado and the attempted resistance led by the indigenous prince Tecún Umán. Tecún’s crown shows a pair of *quetzales*: a special kind of tropical bird, considered a symbol of Guatemala itself. When the prince loses his life, the bird loses its freedom. Its red chest in the middle of so much green plumage suggests that the *quetzal* has been injured and is bleeding. But many believe that one day the Maya people will retake the lands of Guatemala. And when that day comes, the *quetzal* will fly again, free and regal.

Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

HYBRIDITY + POWER

LION

Chinese New Year

CHINA

For many centuries, a Chinese monk dreamed that there had been a series of atrocities plaguing his people. When he woke up, frightened, he wondered how he could prevent such suffering. Then he had a vision: a sacred beast came down from heaven to protect the Earth, expelling all negative forces from the planet. This legend is usually narrated as the origin of the Dance of the Lion, a symbol of good luck, represented by a large mask manipulated by two dancers, which synchronize their acrobatic, martial arts moves to animate the front and hind paws. Though not native to China, the feline was introduced to the territory over 2000 years ago: leaders from the Middle East used

to send lions as presents to the Chinese emperors to earn the right to negotiate with local merchants. Currently, the Dance of the Lion is celebrated on the first day of the year according to the Chinese calendar, the oldest chronological registry existing today, which counts the present year as 4716.

Collection of the Gaúcho Association of the Dance of the Lion and Dance of the Dragon, Porto Alegre

SUPERNATURAL

MASK OF THE FOOL

Dance of Fools

BRAZIL

An ancient Greek myth narrates the story of primordial beings who lived in united pairs, each pair a complete form, until they were separated due to a decision made by the gods. From that point on, each half goes searching for their complement, a quest that is usually associated with the origin of love. Uniting the faces of a man and a woman in a single form, the mask displayed here suggests an association with the Greek myth, as well as the peaceful coexistence of white and black people. Allowing the mask-wearer to alternately embody one character and also its opposite, the mask was produced for the traditional Dance of Fools, which animates the carnival in the fishing village of Tatuamunha, located in municipal Porto das Pedras in the state of Alagoas. Large, colorful and varied, the masks of the Fools are built with tapioca starch, paper and oil paint, and they are exhibited by revelers in parades and games from the Saturday of carnival until Ash Wednesday.

Celso Brandão Collection

HYBRIDITY + TRANSGRESSION

TWINS

Rites of the Guro people

IVORY COAST

Marked by the visceral experience of being formed together in the same womb, the image of twins is a powerful reference in a number of mythologies. When fraternal, they inspire myths centered on duality: day and night, heaven and earth or the subjective division in the inner conflicts of mankind itself. When identical, the ultimate embodiment of doubles, they incorporate the symbology of the mirror: the ambivalent object that looks and is looked at, taking on airs that evoke persecution by producing otherness in what is familiar. Portraying a pair of twins, the piece exhibited here presents the typical colours of Zaouli, a frenetic Guro dance style that pays tribute to feminine beauty. Adorned with horns or other animalistic elements, zaouli masks refer to a worldview that celebrates the closeness between humans and wild nature.

Private collection

HYBRIDITY

MURASURA

Krishnattam

INDIA

The *Krishnattam* is a sacred art, traditional in the Indian state of Kerala, which blends theater, dance and masks in a presentation about the history of Krishna, the god responsible for the preservation of the universe.

Among the various characters represented by mask-wearers are the *asuras*, considered anti-gods or demons in themselves. Two of them are Narakasura and his assistant Murasura—the latter killed by Krishna, conferring upon the divinity the title *Murāri* (killer of Mura). The scriptures say that, during his battle with Krishna, Murasura jumped out of the water with three mouths open as if ready to swallow three worlds, and attacked Garuda, the mythological eagle ridden by Krishna. After, the demon grew as high the sky, but Krishna was not intimidated: he broke him into seven parts, giving origin to seven children, who counterattacked the god in revenge. At the end of the battle, Krishna managed to send the seven to *Yamaloka*, the equivalent of hell in the Hindu belief system.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + SUPERNATURAL

THE MASK

Cosplay [From the English for “costume + play”]: conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

USA

The protagonist of comic books created by Mike Richardson in the 1980s, the Mask is one of the main symbols of the transformative power that lies in the gesture of disguising oneself. After finding the mysterious mask by chance, the shy Stanley Ipkish decides to try it on. And he’s mortified to realize that it seems to magically stick to his face and alter his personality. Holding the power to suspend all of his inhibitions, the mask turns him into a bold, confident man, making for comedic scenes in the film adaptation (dir.: Chuck Russell, USA, 1994). Like the model worn by Jim Carrey in the movie, the replica exhibited here is inspired by the mask of Loki, the god of trickery and mischief in Viking mythology, capable of assuming any form he wishes. Despite sewing intrigue and confusion, Loki is respected for having granted the gods some of their most precious belongings. He is the one who gave Odin his spear and helped Thor get his hammer back from the giants.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER + SUPERNATURAL

KPLEKPLE

Rites of the Wan and Baule peoples

IVORY COAST

In the early 20th century, the Baule people adopted a ceremony that was already maintained by the Wan people, known as the Goli Dance. During commemorative and agricultural rites, or at the funeral of a respectable, upper echelon individual, the village is swept up in festivities for an entire day, often animated by the consumption of palm wine. One of the mask types that is part of the dance, the *Kplekple* represents a buffalo with slightly human features, like a symbol for the search for balance between the human world and the savage world. It is generally worn by pranksters who, during the festivities, chase women or children, spurred on by songs. The Goli rites are also performed in situations of danger as a way to ask for protection from the supernatural forces that watch over the village.

Ivani and Jorge Yunes Collection

HYBRIDITY + TRANSGRESSION + POWER + SUPERNATURAL

OJIME

Clothing ornament

JAPAN

To a hasty eye, an *ojime* looks like nothing more than a type of bead. But the delicateness involved in its production is closer to the art of *netsuke*, miniatures that emerged in the 17th century, combining beauty with functionality. Part of the kimono’s solemn attire, each *ojime* carries a singular characteristic, providing a mark of identity to the person wearing it. This one in particular references the oscillations between joy and hate that, in the martial arts world, are linked to the fighter’s search for balance and refusal to allow oneself to be inebriated by victory or dejected by defeat.

Private collection

HYBRIDITY

PEASANT (TLACOLORERO)

Dance of the Tlacoleros

MEXICO

Pre-Colombian in origin, the Dance of the Tlacoleros is one of the most important Mexican folk traditions in states like Oaxaca and Guerrero. Related to the agricultural cycle, the dance owes its name to the word *tlacocol*, which in the Aztec language describes the action of preparing the soil for planting. The rite dramatizes the history of the peasants (*tlacoloreros*) whose harvest and livestock is compromised by attacks from a tiger, so they organize themselves to search for, hunt and sell the animal. Symbolically, it represents mankind’s effort to control the forces of nature that threaten its subsistence. In addition to the large *sombreros*, imitating hats worn by rural workers in order to protect from the sun, the revelers costumed as *tlacoloreros* use whips, producing sounds interpreted as thunder. In this way, they plead for a rainy season, so that the harvest will be plentiful.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

POWER

CERAMIC FACE (MARIWIN)

Rites of the Matis people

BRAZIL

Self-appointed *Matses* (“human beings”), the Matis ended up going by the name given to them by non-indigenous individuals, such as Funai employees. Natives of Amazonas, they are recognized by their strong habit of decorating the face with tattoos, ornamental piercings and other adornments. They tell the children stories of the *mariwin*, ancestral spirits embodied by masked men who use branches from palm trees as switches to discipline the little ones. In the rites that evoke the presence of these spirits, the adults take little boys and girls, as young as 2 or 3, to be flogged. The objective is not to mistreat them, but rather to make them more vigorous and capable of withstanding the pain of tattoos, of piercings, of life. The Matis believe that the act of beating makes things grow: during periods between harvests, if there is a scarcity of crops, they don their ceremonial garments and go out and beat the plantations so as to stimulate their growth.

Museum of the Indian Collection, Rio de Janeiro

SUPERNATURAL + POWER

CLOWN

Wayang Topeng

[Traditional Javanese masked theater]

INDONESIA

Though native to the island of Java, the *Wayang Topeng* mask theater is also quite prevalent on the island of Bali, where each presentation follows an order of dances and role-playing. In general, it begins with the performance of two Ministers, filled with vigor and touches of humor, followed by the entrance of the Wise Old Man, who demonstrates dignity, but don’t be fooled by his advanced age. Next, the King enters, and then an enemy threatens him, but soon he is defeated by the Royal Warrior. Then it’s time for a figure present in various cultures, eras and clothing: a clown, or better yet, four of them. The first two have masks with no jaws, so that they can be understood by the audience as they recite important lines for the plot. The other two assume a caricatured, buffoonish style: they draw laughs from the crowd with their twitches and burlesque movements, confirming the transgressive potential of comedy, appreciated in so many countries in the world.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

TRANSGRESSION

MAMUTHONES

Carnival of Mamoiada [Village in the province of Nuoro, inland Sardinia]

ITALY

The carnival celebrations in the village of Mamoiada follow an ancient tradition, marking the end of the winter season and the hope for renewal that comes with spring. The biggest attraction to the festival is the procession of masked Mamuthones and Issohadores who dramatize Sardinia’s archaic, shepherding past. Wearing a vest of black sheep wool and a set of bronze bells that can weigh up to 40 kilos, the Mamuthones don dark wood masks with grotesque, spiky features. A hybrid between man and beast, the character seems to symbolize the destiny of both to wander the island’s mountains and pastures. At the same time, it represents the identity of a people subjected by successive dominations. The Issohadores, with their black hats and red tunics, represent the foreign rulers, who lasso young women in the crowd during the procession. At the same time, the Mamuthones shake their bells, which are heavy like the suffering of prisoner.

Private collection

POWER + HYBRIDITY

LEI GONG

Nuo exorcism dances

CHINA

Lei Gong, the god of thunder in Chinese folklore, was born from an egg that was cracked open by thunder, and he turned immortal after eating two apricots from an enchanted tree. Transformed into a monster with wings and a bird’s beak, he sought spiritual illumination, until becoming the main divinity associated with storms. Alongside his wife Dian Um, the goddess of lightning, he leads his cohorts Yun Tong (who whips up clouds), Yu Zi (who causes the rains) and Feng Bo (who animates the winds). Armed with a hammer and a drum, Lei Gong produces horrifying sounds to punish evildoers who engage in moral crimes. He is among the divinities invoked in the Nuoxi rituals:

exorcism ceremonies in the Nuo folk religion of Chinese tradition which involve dances and performances with masks assembled in order to drive away evil spirits.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER + SUPERNATURAL + HYBRIDITY

RABBIT (DYOMMO)

Rites of the Dogon people

MALI

One Dogon myth tells the story of a hunter and his dog who caught a rabbit. Before killing it and devouring it, the man carved a wooden statue of his prey. Reenacted in rites of passage in which a young boy embodies the rabbit and dances until falling on the ground, this myth illustrates the avidness of the Dogon people in representing the entire world that surrounds them. The more that new changes transform their world, the more they incorporate new masks to their dances. Foreigners, policemen and tourists have been portrayed, but the masks connected to mythical events, characters and animals remain common in funeral rites and *Dama* ceremonies, which mark the end of mourning periods. The colors worn also have a symbolic power. Red, black, white and ochre symbolize the four elements of nature: fire, water, air and earth. In the example displayed here, human features are combined with animal ones, like the beard below the chin, which harken back to an ancestral figure. Also the zigzag drawings on the forehead refer to the border between heaven and earth, or between the world of the living and that of the dead.

Private collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL + DEATH

YANGALEYA

Rites of the Djimini (Senufo) people

IVORY COAST

The Djimini are a subgroup of the Senufo people, who, for generations, cultivated the habit of building their dwellings around baobabs, gigantic trees capable of living for over 1000 years. Many of the Djimini follow a mixture of Christian and pagan religious practices that include animalistic beliefs, that is, the idea that not only the baobab, but also beings of nature and the universe are endowed with spirits. Djimini mythology is rife with sacred animals, like the Yangaleya: a mythical bird of the same species as the hornbill represented with human features and the horns of a wild buffalo or bull. One of the primordial animals of Djimini mythology, the Yangaleya is considered a symbol of fertility and, at the same time, a helper responsible for guiding the souls of the dead.

Ivani and Jorge Yunes Collection

HYBRIDITY + SEXUALITY + SUPERNATURAL + DEATH

KUKER

Rites of Bulgarian winter

BULGARIA

Between New Year’s Day and Lent, many Bulgarian cities uphold the tradition of the kukeri, inherited from the ancient Dionysian festivals in the region of Thrace. Like Dionysus, associated with orgiastic excesses

of wine and carnivals, Kuker is a animalistic divinity who personifies fertility, portrayed with long horns and an enormous phallus, symbolizing the desire that the aridity of winter give way to a fertile spring. To this end, the masked kukeri dance in the streets, costumed in garments comprised of hair and animal fur in an attempt to drive away evil spirits and guarantee plentiful harvests.

Private collection

TRANSGRESSION + HYBRIDITY

HYENA

Rites of the Bamana people

MALI

Among the Bamana people, *N’tomo* is an initiation society for still uncircumcised children, who need to learn to keep quiet and suffer in silence before they can proceed to other associations, like the *Kore*. Every seven years, a group of pubescent boys participate in a *Kore* rite of passage in which they must be symbolically killed in order to leave the world of women and babies. After a period of seclusion in the forest in which they are subjected to challenges and provocations, they are transformed into adult men, as strong and skillful as the animals of the forest. Inspired by these animals, there are different classes of initiated, each with their own masks: monkeys (*Sulaw*), lions (*Jaraw*) and hyenas (*Surukuw*), the last animal exemplified in the piece on display here.

Private collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL + DEATH

MONKEY

Rites of the Baule people

IVORY COAST

For the Baule people, the universe is inhabited by supernatural forces that can influence people’s lives in negative or positive ways. Many of these forces demand the creation of tangible objects so they can be situated in space and channeled through collective rites. Included among these objects are numerous masks and statuettes of monkeys, sacred animals represented by features similar to those of humans. So that a good spirit might inhabit the mask or statuette, they need to be sculpted by artisans with great love and beauty. Of its multiple functions, the Baule monkey mask is worn in fortunetelling activities to determine the causes of possible misfortunes and to placate evil spirits.

Ivani and Jorge Yunes Collection

SUPERNATURAL

GARUDA (CHUNG)

Tshechu Dance

[Buddhist festival held on the tenth day of the Bhutanese lunar calendar]

BHUTAN

A creature that recurs in numerous Asian mythologies, Garuda is the king of the birds, known in Bhutan as *Chung* (eagle) and considered one of the four sacred animals that bring happiness, alongside *Tak* (tiger), *Druk* (dragon) and *Seng* (snow leopard). Pointing upward, its horns symbolize the fact that *Chung* reigns over the heavens, observing and controlling the airspace with its three eyes. This mask is

used as an icon of courage and power, in the religious dances of the Tshechu Festivals.

Private collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL

TORITO

Carnival of Barranquilla / Congo Dance

COLOMBIA

In different cultures, the bull is seen as the embodiment of the unrestrained fury of nature, which man seeks to control through domestication, or vanquish through confrontations symbolized by bullfights in countries like Spain and Portugal, which demonstrate human superiority over wild creatures. In the Carnival of Barranquilla, the figure of Torito displays characteristics of the former case, of the domesticated, even friendly bull. He leads the band of animals participating in the Congo Dance, a street party that pays homage to the African slaves who worked in the Colombian Caribbean. Since the 19th century, the festival has featured warrior tribes of the Congo, represented by revelers wearing turbans and armed with wood machetes, who improvise dance steps accompanied by women and paraders in animal masks.

Private collection

POWER

BOE

Carnival of Ottana

[Village in the province of Nuoro, inland Sardinia]

ITALY

With long horns pointing upwards, the mask of Boe (“bull”) is typical of the carnival of the small village of Ottana, on the island of Sardinia, and also the festivities for the Feast of Saint Anthony (January 17th), when large bonfires are lit in the streets. Covered in white sheep wool and a handful of noisy, bronze bells, the mask-wearers embody the spirit of the animal, parading outside and behaving like actual bovine creatures. Some even throw themselves on the ground, begging for drinks and chocolates. Each bull interacts with a *Merdule*, a shepherd who also wears a mask and makes efforts to lasso and control the rebellious beast, occasionally hitting it with his staff. The dramatization represents the clash between instinct and human reason. In other words, mankind’s effort to dominate and domesticate the forces of nature, an idea present in various cultural rites, such as the bullfights in Spain. By poking fun at their own conditions during the carnival, the rural workers recharge their energies in order to invest in yet another year of work with livestock. Another masked figure in the Carnival of Ottana is Filolanza, an old woman dressed in black, sewing the thread of life, much like the three Moirai of Greek mythology.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

FOX (KITSUNE)

Shinto rites

JAPAN

In the world of Shintoism, an old system of beliefs and spiritual rites that permeate Japanese culture, the fox (*kitsune*) can be manifested

in two forms: the *zenko* form—revered as the sacred messenger of the god Inari, a spirit linked to wealth and abundance, overall the rice harvest—and the *yako* form—represented by the mask displayed here, considered cunning and sneaky, always inclined to utilize its supernatural gifts to trick men. Gifts such as the ability to assume a human appearance (generally that of beautiful women or elders) or the capacity to invade someone’s dreams, and even, in extreme cases, driving a person to madness. The older and wiser the fox is, the more powerful it is, and more tails it has, attaining a maximum of nine.

Collection of the Museum of the History of Japanese Immigration to Brazil, São Paulo

SUPERNATURAL TRANSGRESSION + KNOWLEDGE

MARIMONDA

Carnival of Barranquilla

COLOMBIA

In Colombian folklore, Marimonda is a magical being that defends the forests, not unlike the Curupira in Brazil, the difference being that she is a beautiful woman who first seduces hunters in order to punish them. Legend has it that her spirit inhabits the body of the spider monkey, a playful, jeering animal native to the forests of the Caribbean. The mask of Marimonda was inspired by the primate’s features, with the singular detail of the tail having been dislocated to the nose, suggesting a reference to the sensuality involved in the myth. Initially concocted out of the remnants of an old pillow, the mask demonstrates the impetus of a people without many resources who surrender to free and euphoric play during the carnival festival. In contemporary costumes, the revelers also wear ties, in ridicule of Colombia’s ruling class, whose see their wealth increase without having to work.

Private collection

TRANSGRESSION + SEXUALITY + SUPERNATURAL

HANUMAN

Hanuman Jayanti [Hindu religious festival in honor of the monkey god Hanuman]

THAILAND

One day, the gods Shiva and Parvati turned into monkeys and surrendered to amorous reveling in the forest. Parvati was impregnated as a result. Faithful to his divine responsibilities, Shiva could not have children. So he asked the wind-god Vayu to transpose the baby from Parvati’s womb to that of Añjanā, a female spirit with the form of a monkey who had prayed to receive a child. This is how the monkey god Hanuman was born, a symbol of astuteness, devotion and courage in times of difficulty. After a youth characterized by mischief and disorder, Hanuman proved his bravery and loyalty to Lord Rama, fighting in his name against the demon Ravana. Represented in protective amulets or guardian statues at the temples of the goddess Kali (one of the manifestations of his mother Parvati), the divinity of the white monkey worshipped by the faithful searching for strength to deal with the obstacles of life. His mask is worn in religious dances, especially during the *Hanuman Jayanti*, when the mask-wearer can jump over bonfires, as if overcoming an obstacle.

Private collection

JUSTICE + SUPERNATURAL

ZEBRA

Carnival of Barranquilla

COLOMBIA

Figure and background are confused in the contrast of the stripes of the zebra’s body, a wild and hard to domesticate equine animal, whose kick is so strong it can break a lion’s jaw. At the Carnival of Barranquilla, the zebra mask refers to the figure of the foreigner: it is a native of Africa, the home continent of the slaves who worked in the colonies of the Caribbean, leaving their influence on Colombian culture and festivals. Charged with great symbolic power, the zebra is also linked to the anonymity often involved in the act of masking oneself: when they move in herds, they blend together in such a way that tricks predators’ eyes, rendering them incapable of calculating the quantity of animals and differentiating one from the other. This quality of deceiving one’s judgment is the inspiration for the Brazilian expression “*dar zebra*,” [to do a zebra] which refers to a situation that defies expectations. In this case, it is possible that there is also an association with what would be a totally unexpected result in the *jogo do bicho* [literally “the animal game”], since the zebra is not one of 25 animals featured in the game of chance.

Private Collection

TRANSGRESSION

MONKEY GOD (HUN BATZ)

Dance of the Monkeys

GUATEMALA

According to Maya mythology, celebrated to this day by the Guatemalan people, the twins Hun Batz and Hun Chouen had many talents, especially for art and music, but not for sports. Meanwhile, their brothers, also twins, had exceptional athletic abilities, and, as such, were known as the Hero Twins. This ability provoked the envy of Hun Batz and Hun Chouen, who challenged them to various contests, unable to accept their defeats. Until the day when the Hero Twins came up with a plan: they would dare the brothers to catch birds at the top of a tree, and magically made the tree grow extremely tall, almost as high as the sun, so that their adversaries would get stuck at the top. In order to get down, they decide to roll up their belts and use them like monkey tails, and, at this moment, they were mysteriously transformed into monkeys. Adored as divinities of Art and Music, the monkey gods are also associated with the sun—which likens the Maya myth to the Greek myth of Apollo, god of the sun and patron of the arts.

Collection of the Latin American Memorial Foundation, São Paulo

POWER + SUPERNATURAL

TIGER

Carnival of Barranquilla / Congo Dance

COLOMBIA

Symbolic references to the tiger, a feline that is fascinating for its elegance, but terrifying for its predatory instincts, date back to ancient civilizations like Mesopotamia, known as the “land between two rivers”: the Tigris and the Euphrates, which flow through the territories of modern day Iraq, Kuwait and Syria. In Babylonian myths, the Tigris was born from the eyes of Marduk, the creator, as was the Euphrates. But the association between the animal, with its sinuous movements, and the river, with its

curvy geographical design, is not the only possible connection. In the Carnival of Barranquilla, the figure of the tiger is one of exotic fauna that engages in the Congo Dance. The dance pays homage to the slaves taken from Africa to work in Colombia. Though Asian in origin, the tiger is included among the masked dancers, as yet another representation of a foreign figure brought from afar, admired for its strength and beauty.

Private collection

POWER

LA URSA

Carnival of Recife

BRAZIL

“La Ursa wants cash, if you don’t give some you’re trash!” shout revelers dressed as bears during the street carnival in Recife. The origins of this game date back to the 19th century, and the influence of Italian settlers who brought to Brazil imagery of gypsy peoples, with connections to the circus world that includes trained bears. In its most traditional version, the carnival rite involves a tamer, a hunter and, of course, La Ursa, represented by a masked man who dances while tied to the tamer by rope, but occasionally escapes and simulates attacks on the crowd. At this time, the hunter recaptures the animal in order to sell it to the tamer in a performance accompanied by a chorus of irreverent songs, some with double meanings that associate the image of the bear with the figure of a lover.

Private collection

TRANSGRESSION

TIGER (TAK)

Bhutanese Buddhist Festivals

BHUTAN

According to the dominant religious beliefs in Bhutan, Guru Rinpoche brought Buddhism to the country hundreds of years ago, riding on the back of a flying tigress. With its precise and silent way of moving, the tiger (*Tak*) is for the Bhutanese a symbol of attention, confidence, discipline and dignity. But it can also get angry and take action when the situation requires it. Along with the eagle (*Chung*), the dragon (*Druk*) and the snow leopard (*Seng*), the tiger is considered one of four venerable animals that bring strength, wisdom and happiness to people.

Private collection

WISDOM

BEAR (JUKUMARI)

Diablada, Morenada and the carnivals of Andeanos

BOLIVIA

Jukumari is a folk figure inspired by the spectacled bear of South America, originally black, but sometimes represented as white, like a hybrid with a polar bear. Featuring elements of patricide and incest, which are recurring in various mythologies, the myth narrates the story of a woman kidnapped and impregnated by a bear, and who later gives birth to Juan, half-human, half-beast. In order to escape the cave where his father is holding him and his mother captive, Juan kills him. He goes to live with his mother and becomes a great warrior, with extraordinary strength and intelligence proportional to his large head. The myth is rooted in the similarities between bears and humans, like the length of time the young remains with the mother (which inspired the image of

the teddy bear) and the ability to stand on two feet, freeing the front paws to engage in fighting (like a warrior in a one-on-one battle). The mask is present in various Andean festivals, like the carnivals, *Diabladas* (dances in which participants wear demon masks) and *Morenadas* (dances in which the participants are dressed as black people).

Collection of the Latin American Memorial Foundation, São Paulo

HYBRIDITY + JUSTICE + SEXUALITY + POWER

ELEPHANT

Rites of the Guro people

IVORY COAST

Masks that represent buffaloes, monkeys and various types of birds are found in the rites of different peoples in Africa. The use of elephant masks is rarer. They are often considered animals of royalty, and the use of these masks becomes a privilege of certain lineages. Among the Guro, the elephant is revered as a travel animal, capable of moving back and forth between two worlds, whether between the human world and the animal world, or between the natural world and the supernatural world. The Guro elephant masks are worn only by members of the Gye initiatory society, able to be worn at funerals or as hunting masks.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

GANESHA

Ganesha Chaturthi [Hindu religious festival

in honor of the god Ganesha]

THAILAND

In order to avoid having children, the god Shiva limited himself to rare encounters with his beloved goddess Parvati. And when they were together, he practiced rigorous tantric self-control in order to not ejaculate. Anxious to become a mother, she decides to have a child on her own, giving birth to a brave warrior who protects his mother’s abode. When Shiva comes to visit Parvati, Ganesha does not allow him to enter. The young man is able to defeat the great god’s entire army, but ends up decapitated by him. Desperate, Parvati orders Shiva to bring the head of the first living thing he finds in order to save his son. This is how Ganesha gets his elephant head on a human body and blessed with four arms. One of the most adored gods in the Hindu pantheon, he is praised for his intelligence and ability to remove obstacles, promoting plenitude and success. Riddhi and Siddhi, wealth and knowledge, are his wives. His statues guard the entrances to temples and homes. His masks are used in religious festivals like the *Ganesha Chaturthi*, in which the mask-wearer often presents characteristics of gluttony: generally overweight, he appears surrounded by women and servants.

Private collection

SUPERNATURAL + KNOWLEDGE + HYBRIDITY

PERRA MARAVILLA

Dance of the Tlacoleros

MEXICO

The Dance of the Tlacoleros, popular in Mexican states like Oaxaca, dramatizes the story of a group of peasants who pursue a tiger with

the help of their dog Maravilla’s keen sense of smell. Represented by a dancer in a dog mask, she is the one who discovers and points out the prey’s hiding place. As the revelers proceed down the street, the dog and the tiger provoke one another and eventually there is a confrontation, until the peasants interrupt the parade and form a circle around the two of them to see who is going to win the fight. Through lively, festive movements, the mask-wearers address the discrepancy between the domesticated animal, at the service of man, and the wild animal, an icon of the dangers of nature, until human civilization is capable of controlling it.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

POWER

SPIRIT OF TREE TRUNKS

Rites of the Eskimo peoples of Alaska

USA

In the US state of Alaska, where trees are rarer than the Eskimo people would like, wood is considered a precious asset for survival. It is used for fundamental activities like building and heating houses, as well as the manufacturing of sleighs, boats, paddles, bows, arrows and fish traps. It is no coincidence that the Eskimos also employ such a precious material to craft their ceremonial masks. They perform sacred dances to ask that, with the winds of spring, the thawing rivers bring fish in abundance, as well as trunks that come floating with the currents. For the Eskimos, not only the animals, but wood is also blessed with a spirit and feelings of its own, capable of acts of gratitude or retaliation and deserving of respect like any other living thing.

Private collection

POWER + SUPERNATURAL

BALACLAVA

Terrorism / Islamic State

SYRIA

In addition to protection from the cold, the balaclava provides protection against outside judgment. The possibility of seeing others without being seen by them creates a power imbalance. In certain cases, there is an effect of dehumanization on the mask-wearer, who feels free to commit transgressions and even atrocities. With his face covered by a balaclava, in front of a camera, a member of the terrorist group the Islamic State, known as Jihadi John, assumed the necessary audacity to behead prisoners of different nationalities during the Syrian Civil War. In videos broadcast on the internet in 2014 and 2015, he wears the mask of the contemporary executioner, exhibiting his acts before the naked faces of millions of spectators.

Private collection

TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER + DEATH

QHAPAQ QOLLA (OF CUSCO)

Feast of Our Lady of Mount Carmel

PERU

Celebrated from July 15th to 19th, the Feast of Our Lady of Mount Carmel, known in Peru as the *Virgen del Carmen*, is an occasion when popular rites with masks abound. One of the most traditional is the Dance of Qhpaq Qolla—a name which, in the Quechua language spoken by the

Incas, means “powerful inhabitant of Qollasuyo.” The masked dancers pay homage to the merchants who traveled to Cusco with their llamas and alpacas, to trade wool, fibers, cheeses and other merchandise for produce grown by local farmers, such as corn, beans and coca leaves. Crafted out of wool, the original Qhapaq Qolla mask is white, but the piece on display here was subjected to a re-reading: it was adorned with the colors of the Cusco flag, referencing the miscegenation between the two groups of merchants in the formation of a single country. Often interpreted as a sign of support for the LGBT cause, the rainbow flag often confuses foreigners in search of gay tourism and provokes debates among the population of the old capital of the Inca Empire.

Luiz Filipe Carvalho Collection

POWER + HYBRIDITY

KU KLUX KLAN

Terrorism / White Supremacy

USA

Like the ghosts that terrify children’s imaginations covered in white sheets with eye holes, members of the Ku Klux Klan provoke fear with their macabre presence. By disguising themselves as a group, to the image of a white executioner, each member identifies with the others, weakening their individuality to strengthen the identity of the clan. Protected by anonymity, they practiced criminal acts of violence against black people, Asians, Jews and Catholics in the 19th and 20th centuries, and even today they continue to win over sympathizers who, in contrast to the law and the tide of history, dare to defend segregationist ideas.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

OGUM

Candomblé

BRAZIL

At the beginning of time, men and orishas hunted and planted using instruments of wood or stone. Despite the great efforts made in hunting and planting, hunger and scarcity prowled the Earth. The orishas came together to decide how to clear forest from a land in attempt to increase the plantation area. But their instruments were fragile. One by one, they failed in their mission. Until the day that Ogum, who knew the secret of finery, wielded his iron machete and cleared the land. The orishas admired the value of the metal, not only for farming, but also for hunting and war. In exchange for the secret of finery, they offered Ogum a kingdom. Praised by devotees of Candomblé as an orisha warrior, Ogum arrives at the lands swinging his sword, bringing strength and courage to those who have to fight. It is no coincidence that his figure is presented with a metal helmet on his head, blessed with the symbolic power of a war mask.

Private collection

CREATION + POWER + KNOWLEDGE

BONDAGE HOOD

Sexual fetishism

HOLLAND

Bondage is a type of fetish in which the main source of pleasure stems from the act of tying up or immobilizing one’s partner. In general, it is linked to the domination/submission dynamic involved in sadomaso-

chistic sexual practices. A bondage hood, also known as a gimp mask, permits the other to have power over the orifices of the wearer’s face. Some of these constitute erogenous zones, like the eyes (which can be blindfolded or exposed to arousing visual stimuli) and the mouth (which can be gagged or opened, in a game of control over oral arousal).

Private collection

TRANSGRESSION + SEXUALITY + POWER

V

Anonymous [Legion of anonymous internet users from various parts of the world who engage in political actions on and off the internet]

ENGLAND

Based on the comic books by Alan Moore and David Lloyd, the movie *V for Vendetta* (dir.: James McTeigue, USA / UK, 2005) popularized the mask worn by V, a libertarian who takes on the oppressive government of a dystopian England. He calls on the population of London to watch the explosion of the British Parliament wearing these masks of Guy Fawkes (a Catholic soldier who attempted to blow up Parliament in 1605, but was arrested and subsequently drawn and quartered). The narrative inspired the adoption of the same masks by the audacious members of Anonymous, in protests like those of the Occupy Wall Street movements and the Arab Spring in 2011, and the street protests in Brazil in 2013. Beyond simply hiding the identity of each member, the mask reinforces their belonging to a horizontal global brain. With no defined leaders, *Anonymous* fights against different types of oppression, employing creative techniques of digital activism (such as “*hacktivism*”) and direct action (protests, boycotts and civil disobedience).

Private collection

TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER

CLOWN NOSE

Clown techniques

UNKNOWN ORIGIN

The figure of the clown dates back thousands of years: there is evidence that there were jesters entertaining Egyptian pharaohs around the year 2500 BC. But the origin of the red nose, considered the smallest mask in the world, remains unknown. A common hypothesis is the association with the figure of the drunk: pathetic, clumsy, provoking joy and laughter against a backdrop of sadness. Worn in the circus, the theater, political protests, operas and carnivals, the clown nose reduces the transformative gesture of masking oneself to a minimum, enhancing, through a small object, the symbolic importance of a cross-cultural tradition.

Private collection

TRANSGRESSION

DAFT PUNK

Thomas Bangalter [Musician]

FRANCE

Born to immigrant families, Franco-Mexican Thomas Bangalter and Franco-Portuguese Guy-Manuel de Homem Cristo got together during the 1990s to form the duo Daft Punk, known as “the Beatles of electronic music.” Since the beginning of their career, they have

performed with their faces covered by trash bags and appeared at photo shoots wearing creepy masks, in a game of repelling and attracting the public’s attention, at times through their masks, at others through their music. With help from designer friends, they developed their celebrated robot masks, some of which even have air-conditioning and an internal communication system used during their shows. With their technological and futuristic features, the masks contain an almost alien aspect, like a kind of metaphor for the foreign origins of those wearing them.

Private collection

TRANSGRESSION

SALVADOR DALÍ (THIEF IN THE TV SERIES MONEY HEIST)

Urban crimes in Latin America

SPAIN

Released on Netflix in 2017, the series *Money Heist* has become an international hit, telling the story of a masked group that invades the Royal Mint of Spain to execute the heist of the century. Despite their intention to print money for themselves, the thieves are portrayed as heroes for targeting an icon of financial capitalism immune to the socioeconomic crisis that affects numerous countries around the world. The mask worn by the thieves, representing the face and irreverent mustache of Spanish painter Salvador Dalí, evokes the audacity of an artist who preferred to challenge reality rather than submitting to it. The show’s popularity in Latin America was confirmed in early 2018: in the month of April alone, gangs in Brazil, Argentina and Chile were caught engaging in crimes of burglary, theft and drug trafficking dressed as the characters from *Money Heist*.

Private collection

TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER

“PASSPORT”

Displacements of the Dan people

IVORY COAST

Certain African peoples created the habit of producing a kind of mask known as a “passport”: a miniature carried by users as a way to identify their ethnic origins while they are away from their homeland. Some objects also serve this function: they enable their owners to cross territories ruled by jurisdictions other than their own. This is the case of the *récade* (staff) for the Fon, or the shackle (money) for many peoples of Central and West Africa. The model displayed here has characteristics of a “passport” mask. It is unknown for sure if it was actually produced by the Dan—though it is typical of this people to make smaller masks of metal, worn especially by women as objects of prestige.

Ricardo Leitão Collection

POWER

MASQUE REJETÉ

Pascale Marthine Tayou [Contemporary artist]

CAMEROON

In the 1990s, Cameroonian artist Pascale Marthine Tayou first gained notoriety for his quest to artistically redefine the post-colonial culture, raising questions about globalization. The piece on display here is part of his

series *Masques Rejetés* (“rejected masks”), which associate references to traditional African peoples with global and contemporary elements. The artist takes inspiration from a style of representing mouths similar to that of the Nkisi people of the Congo, and the similar to that of the peoples who live in Gabon, as well as other groups that cover the eyes with red or white lines, in reference to priestly wisdom. But he produces a curious effect by adorning the mask with a modern pair of dark glasses, and also adds small plastic objects on top of the head, problematic materials in the debate about recycling material, also relevant in the artist’s repertoire.

Courtesy of the artist / Galleria Continua Collection,

San Gimignano, Beijing, Les Moulins, Havana

HYBRIDITY + CREATION + TRANSGRESSION

NKISI

Rites of the Bakongo people

DEMOCRATIC REPUBLIC OF THE CONGO

Anyone frightened by the villain from the horror movie *Hellraiser* (directed by Clive Barker, England, 1987), whose whole cranium is covered in pins, probably wouldn’t have imagined that the Bakongo people in the Democratic Republic of the Congo conceived of a similar figure whose function is sacred and supernatural. Among the Bakongo, a mask or statue with razors and nails stuck in the wood usually denotes a promise made by a person or a group. A promise that must be kept: if it happens to be broken, it is believed that this disrespect will result in death. These are pieces based on the statuettes of power known as *Nkisi*, magical objects that promote a continuous exchange between the world of the living (visible) and the world of the dead (invisible).

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

ATSARA

Bhutanese Buddhist festivals

BHUTAN

With their masks and irreverent facial expressions, the *atsaras* are indispensable characters at any religious festival in Bhutan. They entertain the monks and the audience, help the dancers with their costumes, make lascivious jokes and, when the ceremonies start to turn tedious, distract the crowd with their mischief. Based on the image of *acharyas*, religious masters from India, they are the only ones who have permission to mock religiousness in a society where sacred matters are treated with the utmost seriousness and respect. On these festive occasions, they provide a voice for freedom of expression and movement, which is welcomed and tolerated by the ruling religious order. His transgressive character is also represented by the force of the eye-catching red of his outfit and the actual mask, adorned with a phallic attachment at the top of the head.

Private collection

TRANSGRESSION

SIDHA KARYA

Wayang Topeng [Traditional Javanese masked theater]

INDONESIA

The Balinese version of the *Wayang Topeng* mask theater, native to the island of Java, features a character that is at once irreverent and sacred to the local Hindu tradition. Sidha Karya (“he who completes

the ritual work”) is portrayed as a man of advanced age, but engaged in a strong, hypnotic performance, generally the last of the spectacle. His presence is anxiously anticipated by children, because he usually invades the audience to chase after them, sometimes offering gifts to the little ones. Next, Sidha Karya blesses the public, driving away the evil spirits and reinforcing the religious character of the presentation. This character also occasionally participates in other sacred Balinese rites, such as weddings and cremation ceremonies.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + POWER + SUPERNATURAL

BOOGER

Rites of the Cherokee people

USA

In a Cherokee dance house, nobody makes more trouble than a Booger. Identified by a mask with grotesque features, he dances to ridicule foreigners, specifically the European colonists who subjected the indigenous peoples of North America. With the first frost of winter, the masked men arrive accosting the crowds who ask them what they want. “Girls!” they exclaim, making fun of the sexual impetus that the Cherokees witnessed in their white conquerors. “To fight!”they demand next, attesting to the violence of the colonization process. Rather than counter-attacking, those present consent that the Boogers slake their thirst for aggression and lust, until they reveal their true pathetic nature, drawing vindictive laughter from spectators.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER + SEXUALITY

DROFFACE

Carnival of Basel

SWITZERLAND

On the Monday that precedes Ash Wednesday, when the clock strikes 4 AM, masked revelers armed with small flashlights begin circulating the narrow streets of the old town of Basel, playing Carnival songs. On Monday afternoon, and also on Wednesday, the Carnival group march along a planned route, opening up a path for the multitude of spectators. And when night falls, small groups wander from bar to bar, singing and engaging in spiritual play-acting, with masks that often feature comical caricatures. *Dropface* is one example of them: he represents a happy drunk—like many Carnival characters incidentally—who is extremely friendly, and so intoxicated that alcohol drips from his nose like a running faucet.

Private Collection

TRANSGRESSION

NINJA TOBI

Cosplay [From the English for “costume + play”: conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

JAPAN

Following the tradition of Japanese *manga* (comic books) and *anime* (animated films), the *Naruto* series created a great mystery: who is

behind the mask of the villain Tobi, leader of a group of ninjas bent on world domination? The answer is the warrior Obito Uchiha, who, during the Ninja World War 3, offered his left eye to his companion Kakashi Hatake, leaving him with only his right eye. Gifted with supernatural powers, Ninja Tobi’s remaining eye is the only part of his face visible through the mask. With it, Tobi is able to see through fog, anticipate his opponents’ movements when in combat and hypnotize magical creatures. Worn by fans at cosplay events, this mask references the power of the gaze, in addition to the eye’s more ordinary functions.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

LUCHA LIBRE

Wrestling

MEXICO

Since the early 20th century, wrestling has been a national passion in Mexico, where it has taken on an unmistakably dramatic style, with masked individuals flying around the ring in choreographed spectacles. The use of masks dates back to the tradition of Aztec warriors, who used to don eagle and jaguar masks in order to enter the battlefield armed with the strength and agility of these animals. The masks worn by contemporary wrestlers also reference animals, in addition to gods and heroes, or the colors of the Mexican flag, like the piece displayed here. In general, the mask-wearers assume a gimmick: a character distinguished not only by a mask, but also by typical clothing and attack moves. El Santo, the greatest *luchador* of all time, kept his identity outside the ring secret until the last year of his life. After his death, he was buried in his iconic silver mask.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

BIÀN LIǎN

Sichuan opera

CHINA

Biàn liǎn (“face changing”) is a Chinese dramatic art admired by audiences of Sichuan opera, a traditional performance that blends singing, dancing, theater, sword acrobatics and fire breathing. The masks worn in the opera are revered as treasures, charged with mysteries handed down by artists from generation to generation. The greatest of these mysteries is the performers’ ability to change masks onstage, altering the image superimposed on the face with a light, precise gesture, almost like a magic trick. One of the record-holders of the art is the celebrated master Peng Denghuai, who successfully changed masks 14 times in 25 seconds. Each mask also carries its own symbolism: the colors, for instance, can symbolize a character’s personality or emotional state. Manufactured according to the *biàn liǎn* mask-crafting technique, the pieces on display here are quite exemplary of Sichuan opera itself: one features representations of flames, which refer to fire-breathing, and the other features three overlapping faces, a reference to the fascinating secret of face-changing.

Private collection

HYBRIDITY

ENIGMA

?

MEXICO

This mask is a great mystery. Aside from the fact that it was found in Mexican territory in the 20th century, there is no other information about it. What do you see in this image? Who could have been the person to sculpt it? And with what objective?

Collection of the Rafael Coronel Museum

GUAN YU (GOD OF WAR)

Chinese opera

CHINA

Written by Luo Guanzhong in the 14th century and alive to this day in popular opera adaptations, the *Romance of the Three Kingdoms* is one of the most important works of Chinese literature. Combining historical events with fiction, the original plot involves around 1,000 characters, including Guan Yu, one of the greatest warriors in Ancient China, who lived from 160 to 220. His extraordinary strength, symbolized by the red color of his mask, earned him the title of the God of War, worshipped by Buddhists and Taoists. The mask displayed here is not directly used in the opera. It serves as a model for Guan Yu’s traditional style of makeup, reproduced in every presentation as a mask painted directly on the performer’s skin. The God of War is so adored that the city of Jingzhou erected a statue that stands 48 meters tall and weighs 1320 kilos in his honor, representing the solemn and grandiose image of the general who became a mythic hero.

Ai Weiwei Collection

POWER + JUSTICE

CYBERNETIC GEISHA

Cosplay [From the English for “costume + play”: conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

JAPAN / USA

In the year 2029, technology is everywhere, including in the criminal tactics employed by cyberterrorists. In the fight against digital crime, Major Motoko Kusanagi has had her body modified so many times that she has almost become a robot, with just a ghost of her former self remaining. Kusanagi is the protagonist of the science-fiction manga *Ghost in the Shell* created by Japanese artist Masamune Shirow. The original story released in 1989 has given way to a series of adaptations, culminating in the film version directed by Rupert Sanders (*Ghost in the Shell*, USA, 2017), which features geisha masks that confer peaceful, harmonious expressions upon ultra-technological cyborgs in an intriguing contrast between past and future, tradition and innovation. An ancient Japanese figure, the image of the geisha, with her elegance and willingness to place herself at the service of men, is employed in the movie as the very incarnation of artificial intelligence. But it also represents the fear that the creation can potentially revolt, to the point of ultimately destroying the creator.

Private collection

CREATION + POWER

SKIN TAL (ANA AMARI)

Cosplay [From the English for “costume + play”: conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

USA / THE KOREAS

Ana Amari is a fearless warrior, willing to risk her life to defend those in need. She is one of the fighters in the video game *Overwatch*, which can be played online by various people at the same time, released in 2014 the American company Blizzard Entertainment. Set in the future and with the threat of a world war, the plot sees a team of human and superhuman heroes chosen by the UN to establish peace on the planet. If chosen by a player to serve as his or her avatar, Ana can fight wearing a curious mask, sculpted in the typical style of a Korean folk dancer known as *Talchum* (*tal*: “mask,” *chum*: “dance” in Korean). The mask serves as a second skin for Ana, referencing the character’s profile as guardian, since the mask tradition in the Koreas dates back to ancient holy rites with masked dancers crying out for protection against disease and danger.

Private collection

POWER + JUSTICE

PANJI

Wayang Topeng [Traditional masked theater on the island of Java]

INDONESIA

The night before his wedding to the princess Candra Kirana, prince Panji discovers his fiancé has disappeared. Another woman appears, professing to be Candra, claiming that her appearance was altered by the god of death. According to her, the spell would be broken by their marriage. But the real princess has been exiled to the forest and instructed by the gods to disguise herself as a man and return to the palace. Unable to get in, she sends a message to her fiancé, warning him that the false bride is a dangerous female demon. After executing her, the prince goes out in search of his beloved, beginning a journey of great adventures. The journey culminates in a battle in which Panji and his army fight against soldiers commanded by Candra, still disguised as a man, and now the king of Bali. Just as they are about to kill each other, the lovers recognize one another, making for a happy ending. Written in the 13th century, the stories of Panji were rewritten by various authors as they spread across Indonesia and neighboring countries like Vietnam and Thailand. To this day, they are adapted as plays in the traditional Javanese theater *Wayang Topeng*.

Private collection

POWER + JUSTICE

CH’UTA

Carnival of La Paz

BOLIVIA

A typical character of the Aymara people, native to the Andes, Ch’uta represents indigenous subjugation to the *mita*—a system of forced labor imposed by the Spanish colonizers. On work days, they fulfilled their obligations to the landowner and, on weekends, they could play and party. Characterized by a strong syncretism between indigenous and European cultures, Bolivian carnival harkens back to the state of

freedom enjoyed by the Aymara in the intervals between work days. Disguised as a boss, with a hat and plentiful facial hair, Ch’uta takes to the streets to dance and cause mischief, like hitting others with a ball. Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

TRANSGRESSION

JUANEGRO

Dance of Juanegro

MEXICO

The dance of Juanegro (also known as Juan Negro or Cuanegro), typical of the Mexican region of Huasteca, reenacts the fight between a Spanish settler and his taskmaster for the love of a young lady. Sun-burned from working outdoors, Juan Negro has a dark-colored mask while *señor* Juan Blanco, who lives his life in the shade and cool water has a light-toned mask. For some mysterious reason, the maiden disputed by rivals is represented by an unmasked male dancer, who wears only a dress. At the end of their dispute, Juan Blanco is always the one to get the girl, denouncing the widespread injustice in terms of rich and poor that prevails throughout the history of Latin America.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

POWER

QHAPAQ NEGRO

Feast of Our Lady of Mount Carmel

PERU

From July 15th to 19th, thousands of people gather in the town of Paucartambo, in the Peruvian province of the same name to celebrate the Feast of Our Lady of Mount Carmel, known there as *Virgen del Carmen*. The city is famous for the elaborate sophistication of the masks, declared a National Cultural Heritage in 2018. One of the party’s typical attractions is the Dance of the Qhapaq Negro, a character that combines African, European and indigenous elements. In the Quechua language spoken by the pre-Colombian peoples like the Incas, *qhapaq* means “great” or “powerful.” In the context of the dance, it references the figure of a black man as a slave, but with blue eyes like a rich European colonizer, who sings verses that alternate between Quechua and Spanish to pay homage to *Mamacha*—the popular nickname for the Virgin Mary in Peru. In addition to demonstrating the combination of different references in the formation of Peruvian culture, the Qhapaq Negro attests to the efforts made by the colonized to adapt their beliefs to the conditions imposed by the colonizers, so that they would be able to continue practicing their faith.

Luiz Filipe Carvalho Collection

HYBRIDITY

BWOOM

Rites of the Kuba Kingdom

DEMOCRATIC REPUBLIC OF THE CONGO

The Kuba Kingdom reached its peak between the 17th and 19th centuries, uniting around 20 different peoples under the authority of a king (*Nyim*), belonging to the Bushongo clan. To this day, the king governs with a council of leaders from all the Kuba subgroups, represented in initiation rites as masked beings, as part of the teachings of the kingdom’s historical and mythological narratives to young people. The mask of the

Nyim, made of leopard skin, symbolizes the king’s superiority over other leaders portrayed by masks of antelope skin. Other masks have a part in the performances, including the *Bwoom*: a character that participates in the story of a brother who attempts to usurp the king’s throne—a recurring theme in the history of humanity and various mythologies.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER

WOMAN’S FACE (NGOIN)

Rites of the Bamileke people

CAMEROON

Various peoples inhabit the territory of modern-day Cameroon, and the majority of them maintain a rigid social hierarchy, structured into kingdoms and chiefdoms. Among the Bamileke, each one of these groups has their own *fon* (leader), in addition to a society of princes related to him. This social structure is reflected in a rich production of statues and masks, which often serve to dignify representatives of royalty. But in general, the Bamileke masks have intricate functions: they can be used in coronations, funerals and commemorative events, and are sometimes connected to the harvest during drought periods. The standards of Bamileke succession and ancestry follow the male lineage, and an individual man can have dozens of wives. Up until the 1960s when the law was changed, women were included in the inheritances passed from deceased fathers to their firstborn sons.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER

OKUYI

Rites of the Punu people

CONGO AND GABON

In the female rites of passage from childhood to adulthood, the Punu people invoke the protection of ancestors’ spirits of pubescent girls. With the eyes almost closed, suggesting the wisdom of one who looks beyond appearances, this Okuyi mask features marks of scarification, a technique that produces scars on the skin, as signs of strength and beauty. The sets of stitches, combined into geometric shapes, also carry a sexual connotation. Present in the ceremonial dances in worship of the full moon, this mask can also be used in funeral rites, indicating a proximity between actual death and the symbolic death involved in menstruation (a girl dies so that a woman can be born). Though representative of a female ancestor, it is usually worn by men who dance while masked and on stilts up to two meters tall.

Collection Ricardo Leitão

SEXUALITY + SUPERNATURAL + KNOWLEDGE + DEATH

BIRD (ANOMANA)

Rites of the Baule people

IVORY COAST

The mythology of the Baule people states that their ancestors came to Ivory Coast led by Queen Ablá Pokou, who parted the waters of the Comoë River so that her people could safely cross (a scene that bears a strong resemblance to the Bible passage about Moses and the Red Sea). Another version of the myth states that the queen relied on help from hippopotamuses and crocodiles to cross the impetuous river. Animals are references featured in

various Baule masks. In this model, a bird similar to a hornbill, a symbol of fertility and abundance, is pecking the forehead of a human face, as if impregnating it, hence the swollen look of the face, which refers to pregnancy.

Ivani and Jorge Yunes Collection

SEXUALITY + SUPERNATURAL

CHAQUIRAS

Rites of the Kamëntsá people

COLOMBIA

According to the Kamëntsá, an indigenous people that inhabit the southwestern region of Colombia, all human beings are gifted with a spirit that is born from the land and which, after death, transforms into a seed which returns to it. The seed, a symbol of fertility and the germination of the land, is an important element for the Kamëntsá culture, which references both agriculture—as the people are strong in the plantation of such grains as corn, beans and peas—and artisanal activities—famous for crafting masks adorned with beautiful mosaics of beads, or *chaquiras*. The piece displayed here has a connection to fertility: it is a female mask, associated with abundance and sexuality. The masks are worn by the Kamëntsá in different rites, which sometimes include the consumption of medicinal or psychotropic plants such as *yagé* (also known as *ayahuasca*), allowing shamans to promote cures and make contact with a magical dimension of experience.

Private collection

SEXUALITY + POWER

BWETE

Rites of the Kwele people

GABON

Conceived as representations of benevolent spirits of the forest, the masks of the Kwele people portray humans, animals or combinations of the two in faces that are generally painted white, symbolizing purity. They are usually worn in initiation rites or at the end of a mourning period. And it is regulated by the *Bwete* association, the group responsible for maintaining the social order in a Kwele village. The example on display here, which exhibits a face enveloped by a large pair of horns, might be included in the series of Kwele masks that combine human and sheep features, often worn for protection against bad luck and witchcraft.

Ivani and Jorge Yunes Collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL

KPONYUGO

Rites of the Senufo people

IVORY COAST

The Senufo people wear different types of masks depending on the occasion. In some rites of initiation, a myth is narrated in which boys are devoured by Kponyugo (“poro head”), a kind of monster who later vomits them out in the form of adult males. A representation of this violent mythical being, the mask displayed here belongs to the *ponyugo* (“head of the dead”) category, classified as funeral masks, but also worn in rites of passage that involve a symbolic death, for there to be a transformative rebirth.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

ANCESTRAL SPIRIT

Rites of the people of the Middle Sepik

PAPUA NEW GUINEA

According to the oral tradition of the peoples who live by the banks of the Sepik River in northeastern Papua New Guinea, their masks originated when a number of women heard sounds produced by spirits underwater. Attempting to find the source of the noises, the men stirred the bottom of the river with rods, until one of them decided to swim to the bottom. When he came back up to the surface, he told everyone that he had seen underwater spirits wearing large masks. Since then, men came to create masks resembling these entities. The example displayed here represents a mythical ancestor. Like other sacred masks, it is not worn on the face, but remains exposed on a support inside the House of Men (also known as the *Haus Tambaran*), the meeting place for members of the male sex who determine what direction the village will take.

Private collection

POWER + SUPERNATURAL

FACE OF A WOMAN

Rites of the Chokwe people

ANGOLA, DEMOCRATIC REPUBLIC OF THE CONGO

AND ZAMBIA

In ancient, mythical times lived Chibinda Ilunga, a hunter from the Luba people who was so extraordinary that he won the heart of Iweji, the powerful queen of the Lunda people. Since some in the Lunda aristocracy disapproved of their love, they eloped, fled and founded numerous kingdoms, each one led by a god-king. This is how they created a new people, blessed with weapons superior to all others known in the region until then. The spear, the axe and the bow and arrow were gifts from Chibinda to his beloved Chokwes, known as mighty hunters, but also skilled farmers and sculptors of beautiful ritualistic masks. Depicting the face of a woman, marked by cuts that refer to female power and beauty, the mask on display here resembles pieces used in rites of initiation.

Private collection

SEXUALITY

NIQAB

Women’s apparel

SAUDI ARABIA

The *niqab* is a veil that covers Muslim women’s faces, leaving only their eyes visible (which distinguishes it from the *burqa*, which also conceals the eyes behind a cloth grille). According to the tradition of the peoples who maintain its use, the veil protects women from male aggressiveness, while at the same time protecting society from the desire of females, considered dangerous and a threat to public order. The *niqab* is adopted by girls after they begin menstruating, symbolizing their entry into a phase of life in which they become fertile and, as such, more sought-after. A flashpoint for feminist debates in cultures opposed to its use, the veil can represent a restriction on freedom for those who oppose it, or a right to cultural and religious liberty for those who defend its importance.

Private collection

SEXUALITY + POWER

BUNNY

Events sponsored by *Playboy Magazine*

USA

When the journalist Hugh Hefner created the men’s magazine *Playboy*, released in 1953 with Marilyn Monroe on the cover, he wanted for the publication to reflect the lifestyle of a virile yet sophisticated male. The mascot chosen was the bunny: “the playboy of the animal kingdom,” according to Hefner. Famous for its high reproductive capacity, the bunny is associated with sexuality in the cultural imagination of many countries. The central character in the Easter holiday, this figure is connected to the notion of fertility, symbolizing the hope of renewed life. In the world of *Playboy*, the image of the bunny is more directly associated with women than men: the so-called Playboy Bunnies are employees that work at events sponsored by the magazine, wearing erotically-charged outfits that reference the animal.

Private Collection

SEXUALITY

TANSSI

Damselfrau [Contemporary artist]

ENGLAND

Norwegian artist Magnhild Kennedy believes so strongly in the transformative power of masks that she has masked her own name: she adopted the artistic pseudonym Damselfrau (“Madame Maiden”). Using the female face as media, her work discusses the dynamic between that which a mask can hide and that which it can make appear. Both examples displayed here, titled *Simisi*, belong to a series in which the artist proposes a reinterpretation of the Muslim *burqa*. Working with colorful embroidery on translucent fabrics, she addresses the paradox between what the use of the veil conceals and reveals of feminine mystery and beauty.

Damselfrau Collection

SEXUALITY + POWER

DISHONEST WOMAN

Lhamo Theater [Classic style of dramatic Tibetan art involving music, theater and dance]

TIBET

The figure of the adulterous woman haunts the imagination of men from different cultures and eras. While male infidelity is historically tolerated in various parts of the world, and in some of them polygamy remains an official privilege exclusive to men, female infidelity, on the contrary, is currently punishable by death in nine countries. In Tibet’s Lhamo Theater, the Dishonest Woman is included among the characters of the known repertoires of plays, which convey Buddhist moral teachings while maintaining poetic, amusing language. According to the Lhamo tradition that the colors symbolize a character’s profile and mood, the Dishonest Woman wears a mask that is half white, half black, indicative of her cunning, duplicitous character.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + SEXUALITY

MAHAKALA

Tibetan Buddhist rites

TIBET

In Sanskrit, *maha* means “great,” and *kala*, “death” or “time”—hence the name Mahakala: “greater than death” or “greater than time.” Originally a Hindu divinity, considered one of the forms of Shiva, the god of destruction, Mahakala is also praised in the Buddhism practiced in China and Japan. In Tibetan myths, he appears disguised as a crow, a bird associated with death, or as a black man from India and sculpts a sacred statue and eventually merges with the statue of his own making. He can be represented as having black, blue or white skin, but his features always convey fury, as is typical of a *dharmapala*, a valiant defender of the *dharm*a: the Buddha’s “law” or spiritual teachings. In Tibet, his mask can be worn in religious rites or hung on the walls of monasteries and homes for protection. Like Shiva, who destroys everything in his path upon opening his third eye, Mahakala references the idea that destruction must precede any possibility of construction and renovation.

Private Collection

DEATH

KALI

Chhau Dance of Purulia

INDIA

With a weapon in each of his ten hands, the warrior goddess Durga, mounted on a lion, fought against the demon Mahishasura. In the midst of the battle, she became so furious that rage exploded from her forehead in the form of Kali, who was born devouring all the demons around her and tying their heads to a string that she wears around her neck. Lover of Shiva, the god of destruction, which precedes all creation, Kali is also associated with life’s cycles of transformation, though she is portrayed as having a frightening appearance. The goddess of death and time, which devours all things, she represents violence and female sexuality, but powerful maternal love is also attributed to her. Her mask is one of the most important in the Chhau Dance, performed in the Indian city of Purulia, a sacred tradition that involves masked dancers engaged in acrobatic movements, generally realized at ceremonies of strong religious significance.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

CREATION + TRANSGRESSION + SEXUALITY + POWER + SUPERNATURAL + DEATH

DURDAG

Dance of the Masters of the Cremation Grounds

BHUTAN

The area surrounding Mount Meru, which is mythical and sacred in Hinduism as well as Buddhism, are home to the cremation grounds defended by the Durdag: spirits that safeguard access to the cosmic Mandala where the tantric divinities reside. Included among the frightening and protective figures of the *dharm*a, the Buddha’s “law,” the Durdag are represented by skeletons. During *Thimphu Tsechu*, the most important religious festival in Bhutan, they are incarnated

by four monks wearing skull masks who perform the Durdag Cham: the dance of the Masters of the Cremation Grounds. They shake their hands and stomp their feet on the ground, convoking the spirits of the dead in order to free them from attachment to this world and prepare them for the next one. In the performance, they destroy an effigy that depicts a human body, offering its remains to the tantric divinities. This gesture references the fact that, in Bhutan, there are hardly any cemeteries: the Bhutanese prefer to cremate their dead and scatter the ashes in the running water of a river.

Private Collection

DEATH

VOLTO

Carnival of Venice

ITALY

There are registers that prove the Venetian people liked to have carnivals as early as the 11th century. But the famous masks of the Carnival of Venice date back to the 16th century, when the nobles decided to mix with the plebs in the parties, but didn’t want to recognized. The mask called Volto, Italian for “form” or “face”, is the one that best translates this tradition. Colored white, like the makeup of aristocrats, and adorned with gold in reference to nobility, it offers the wearer a new face and the liberty that comes with anonymity. The most revealing part of the human body, the face is only directly visible to others: no one is able to see their own without the use of mirrors or portraits. In its many variations, the Volto mask is also evocative of a ghost mask: pallid, inert and inexpressive, it functions as an indicator of the presence of an absence.

Courtesy of Carlos Testa

POWER + SUPERNATURAL

DARTH VADER

Cosplay [From the English for “costume + play”: conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

USA

When filmmaker George Lucas read *The Hero with a Thousand Faces* by mythologist Joseph Campbell, he found the inspiration he had been looking for to tell an enchanting story. He used elements highlighted by Campbell as having repeated in the myths of different peoples and from different ages to create the *Star Wars* saga, a kind of postmodern mythical narrative. In the series’ original trilogy, the mask is part of the armor that keeps the villain Darth Vader alive, with his robotic voice and wheezy breathing. Half man, half machine, he was seduced and corrupted by the dark side of the Force in his quest for unlimited power. But after he has wounded in a duel with his son Luke, he requests that he remove his mask, exposing his mortal, human face. Their final confrontation, in which each wields a lightsaber, represents two recurring themes in various mythologies: that of the oppressed who fights against the oppressor, and that of the son who dethrones the father, moving the order of the generations forward.

Private collection

TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER

BAUTA

Carnival of Venice

ITALY

Bauta, the mask most commonly worn during the Carnival of Venice, first became popular in the 17th and 18th centuries. Combined with a black cape and triangular hat, it portrays an aristocratic figure, reinforced by the fact that the mask distorts the voice of the person wearing it, turning it haughty and imposing. But the costume is adopted by rich and poor alike, representing the very spirit of the Carnival of Venice, in which nobles and plebs can play side by side. Christened from the German verb *behüten*, which means “to protect” or “shield,” *Bauta* preserves the identity of whoever wears it, covering the entire face, but leaving the mouth free to eat and drink freely. Characterized by games and excess, the Carnival of Venice was prohibited in 1797 by Napoleon Bonaparte when he occupied the city. Nearly two centuries later, in 1979, the tradition was revived, and with it the return of its more emblematic masks, associated with the garments of the 18th century.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

LUZBEL

Fiesta de los Negritos

MEXICO

Popular in the Mexican state of Guanajuato, the *Fiesta de los Negritos* dramatizes a struggle between good and evil with religious roots, but already mixed with popular culture. Saint Michael, guardian of the child Jesus, counts on the help of allies to defend him against evil. Among these allies are the hermits, the *caporales* (taskmasters) and the *negritos* (slaves). On the evil side are three black devils named Astúcia, Pecado and Luzbel—“luz bela,” or Lucifer, the former angel fallen from heaven and condemned to Hell by God. In addition to threatening the child Jesus, the devils promote disorder on Earth. They dance in masks, chasing audience members who watch the show, until they are struck down by Saint Michael, who expels them from the church. From there, the devils continue to make mischief in the streets, accompanied by a musical band, followed by people in a pilgrimage from house to house until night fall.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL + TRANSGRESSION

USOFUKI

Kyogen Theater [Style of comical Japanese theater, medieval in origin]

JAPAN

Traditional Kyogen Theater is less formal than other Japanese styles of dramatic art: it uses comedy to deal with the tragedy of the human condition. Its repertoire of plays includes around 30 masked characters, among them Usofuki (uso: “lie”; fuki: “to blow” or “to whistle”). An old man with a look of surprise in his eyes, but incapable of screaming to give voice to his fright, he limits himself to a cowardly whisper, a reference to the impotence of man and the meaningless of life. His exaggerated features confer upon him an aspect of caricature and amusement, which also can be applied

to the representation of the spirits of plants, fish and insects, and which serves to ridicule important figures in society and nature, criticizing them by using humor.

Private collection

TRANSGRESSION

JAUK KERAS

Calonarang [Dramatic rite involving music and dance, traditional on the island of Bali]

INDONESIA

There once was a witch so powerful that no man dared come near her daughter, fearing she might be as threatening as her mother. Furious, the witch employed black magic to curse and kill many people. The king, then, was forced to wage a battle against her, which ended up positioned as a battle of good against evil. *Calonarang* is a rite which dramatizes this story through music, theater and dancing with masks. One of the characters is Jauk Keras, king of the giants who looks like a demon and wanders the forests. In his performance, the masked man playing Jauk Keras usually makes vigorous movements with his hands, enhanced with enormous, frightening claws. His presentation, generally solo, is included among the large number of traditional masked dances on the small island of Bali, passed down from generation to generation to this day. Many are performed inside Hindu temples, Hinduism being the main religion on the island, unlike the rest of Indonesia which is majority Muslim.

Eduardo Vaccari Collection (Maschere: Research Workshop on Theatrical Masks)

POWER + SUPERNATURAL

JASON

Halloween

USA

The superstition that the number 13 brings bad luck, especially on a Friday, inspired the American horror film saga *Friday the 13th*, producing no less than 11 movies from 1980 to 2003. A horror movie icon, Jason Vorhees is an inhuman serial killer who hides his disfigured face behind his signature hockey mask. The saga begins when, as a child, Jason drowns at Camp Crystal Lake due to negligence on the part of the camp staff. From that point on, the area is cursed, the setting for a series of brutal murders. Employing first-person shots from the killer’s point of view, the film gives the audience the illusion that they are committing the murders, as their victims attempt to flee or plead for mercy. Many are killed while engaging in sexual acts, establishing a strong link between violence and eroticism.

Private collection

DEATH + SEXUALITY

SKULL

Judea Cora

MEXICO

Judea Cora is a celebration associated with the Christian holiday of Easter, a tradition of the last people in Mexico to be conquered by the Spaniards: the Cora people, who to this day live in difficult-to-access regions in the Mesa del Nayar mountains. Characterized by religious

syncretism, the festivities extend throughout Holy Week, from Wednesday to Saturday. They celebrate a rite of pre-Hispanic roots in which Tayau (the sun) agonizes, dies and reemerges in the form of the Father Sun, a plot that resembles that of the passion and resurrection of Jesus. During the ritualistic dramatization, the “smeared ones” or “Jews” (Christ’s persecutors) paint their bodies with red and yellow stripes, or with streaks of mud, and don a variety of masks, in general demon masks—like the example on display here: the portrait of a skull, the utmost symbol of death, but which seems to smile, perhaps suggesting belief in the resurrection. Only at the end of the festivities, on Saturday morning, do the masked individuals jump in the river and let the waters purify their souls, while the currents carry their masks away and destroy them.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL

MUERTE

Carnival of Barranquilla / Garabato Dance

COLOMBIA

Spanish in origin, the Garabato Dance is one of the most expressive homages of the carnival celebrated every year in Colombia and other Latin American countries on the Atlantic Coast. In an emblematic performance, a reveler dressed in black and white who wears the Death mask confronts dancers in multicolored outfits representing the Carnival Spirit, the very personification of life. In Barranquilla, the paraders use staffs with red, yellow and green ribbons, the colors of the city’s flag. In the end, the Carnival Spirit is always victorious, the icon of the happiness and liberty that embody the days of the festival.

Private collection

DEATH

IREME

Rites of the Abakuá secret society

CUBA

Amidst the colonial oppression of the Spanish in 19th century Cuba, workers at the ports and tobacco shops, most of whom were brought over from Nigeria as slaves, managed to found a secret society: the Abakuá brotherhood. United around the concept of mutual assistance and religious beliefs, its members decided to uphold the precepts of fraternity and pass them on to their descendants. With the mythological function of guaranteeing that all rites are practiced correctly, Ireme emerged, a kind of dancing demon dressed in colorful garments. For him to appear, he is first summoned by a Morua, who sings in the *Efik* language of Nigeria. And he comes to ensure the preservation of the 200-year-old institution, one of the first to operate in favor of solidarity

Private collection

SUPERNATURAL

MUERTE DIABLO

Day of the Dead

MEXICO

In various regions of Mexico, the Day of the Dead festivities, which partially coincide, with All Souls’ Day on the Catholic calendar, are not characterized by mourning and sadness, but by joy. According

to the tradition of various peoples of pre-Colombian origins, including the Aztecs and Mayas, it is on this day that the spirits of deceased relatives return to the world of the living and visit their descendants. To welcome them, each family prepares an altar with photos, flowers, food and objects that were appreciated by the dead. In some locales, the parties feature parades, masks and dancing. The mask displayed here comes from Sierra Gorda, a region where the tradition is strongly maintained by the Pame people, who live in precarious economic conditions, but still don their skull and zombie costumes without fail in the first days of November, paying homage to the souls of the dead.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL + DEATH

TASTUÁN DEMON

Tastuán or Tastoanes festival

MEXICO

Popular in states such as Jalisco and Zacatecas, the festival of *Tastuán* or *Tastoanes* (words derived from the Aztec term *tlatoani*, “lord”) is celebrated every July 25th in honor of James the Greater, better known as Santiago, patron saint of the Spanish conquest of Mexico. The festivities dramatize the conflict between a landlord, whip in hand, and a series of demons that taunt him, wearing the masks of beasts or with a surface that features reptiles sculpted in low relief, monstrous figures that correspond to images that colonizers had of the colonized. Some masked figures are struck hard by the whip, but even this isn’t enough to make them abandon the game. Reading between the lines, you’ll spot a subversive message: even though the colonizer’s saints are quite violent, the colonized are not intimidated in their acts of confrontation and resistance.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL

NAGA RAKSA

Kolam Theater of Demons of the Sinhalese people

SRI LANKA

In Sri Lanka, the Sinhalese people, the country’s ethnic majority has the custom of crafting and wearing demon masks on two occasions: in the rites of exorcism for demons that cause illness (*Sanni Yakuma*) and during performances of the so-called Kolam Theater, a traditional dramatic art with strong religious significance linked to fertility and the birth of babies. These folk theater performances often feature mythical plots and morality plays with elements of humor, involving several characters, some with masks so heavy that they need to be removed so the dancers can rest while not onstage. Naga Raksa, a demon featured in a traditional Kolam play, is depicted by a mask covered in serpents, representing the dangerous nature of venomous creatures and instilling fear in the audience. The presentations follow the Sinhalese belief that pain and disease are often caused by demons, such that the recommended treatment in these cases includes the symbolic efficacy of sacred rites.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

SUPERNATURAL

KOLA

Sanni Yakuma [Sacred rite of exorcism for the Sinhalese people]

SRI LANKA

The Sinhalese people, the ethnic majority in the nation of Sri Lanka, maintain a medicinal tradition based on supernatural forces: various diseases that afflict people are treated through a rite of exorcism known as *Sanni Yakuma* (*sanniya*: “ailment; *yakuma*: “demon ritual”). This is so because each demon is deemed responsible for causing a specific disease, as is the case of Kola, who dominates the body of the afflicted, causing pneumonia. The treatment can involve 20 participants, many of them wearing demon masks. But the minimal amount of people for the ceremony to take place is four: the percussionist who plays the ritualistic music, the masked dancer who incarnates the demon to be exorcized, the exorcist who makes offers in the name of the afflicted and convinces the demon to leave him or her, and patients who participate in the dance and generally go into a trance, from which they emerge cured.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER + SUPERNATURAL

CROCODILE

Judea Cora

MEXICO

For the ancient Mixtecas, the Earth was born from a crocodile who lived in the original ocean. The Maya origin myth follows similar lines: it tells of a great primordial crocodile that carried the Earth like a shell on its back. In Maya mythology, it can be represented with a U in its head (lunar symbol), where water lilies and corn sprouts bloom. Or it can have two heads, assuming the function of a guardian of pathways. Crafted by a Cora artisan, the mask on display here proves that the image of the crocodile continues to occupy a place in the region’s cultural imagination. Examples like these are common in the celebration known as *Judea Cora*: a kind of syncretic Holy Week, which blends Christian and pre-Colombian references. Smeared with mud and paint, the revelers who play those persecuting Christ (or the god Sol Tayau) make their own masks, generally animalistic or beastly, and on the last day they bathe in the river, surrendering their masks to the currents.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL + CREATION

KAISHAN

Nuo exorcism dances

CHINA

In the beginning, nothing existed in the universe except for chaos which was unified inside a cosmic egg for 18,000 years. Inside the egg, balanced between Yin and Yang, the first living being was born: the giant Pangu. With a swing of his axe, he separated the Earth (Yin) from the heavens (Yang). He had to use all his strength to keep them separate for another 18,000 years. When Pangu died, his breath was transformed into the wind and the clouds. His two eyes became the sun and the moon. And so on, until the entire world was created from the particles of the creator-god. One of the animalistic forms assumed by his

spirit, *Kaishan* (“he who opens mountains”) is depicted with prominent canines and is included among the main gods invoked in Nuo exorcism rites, practiced in the Chinese province of Hunan. In the temples where these ceremonies are held, large masks representing the divinities are placed on the altar in hopes that they will serve the task of driving away evil spirits.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

CREATION + POWER + SUPERNATURAL

BUSÓ

Busójárás [Carnival of Mohács]

HUNGARY

During the Ottoman occupation of Hungary in the 16th and 17th centuries, residents of Mohács took refuge in the woods near the city. Until the day that, while gathered around a bonfire, they received a visit from an elder, prophesying that a masked horseman would help them return home. But to do this, they had to furnish weapons and frightening masks. On a stormy night, the mysterious man reappeared, ordering everyone to don their masks and return to Mohács making as much noise as possible. Surprised in the dark, the Turks were terrified and fled, thinking they were under attack from demons. This is the mythical origin of the Busós, protagonists of a carnival in part of Hungary, with six days of parades, music and dancing. A different version of the story states that, rather than the Turks, the masked men drive away the winter, yearning for the rejuvenation of Spring.

Collection of the Immigration Museum –State Government of SP, São Paulo

TRANSGRESSION + POWER

TENGU

Tengu Festival

JAPAN

A magical character of Japanese folklore, the Tengu (“heavenly dog”) is a goblin martial arts fighter who uses his abilities to provoke disorder. He is known to play tricks on samurais who have turned arrogant, or priests who have turned haughty, flaunting his bad behavior in order to encourage good behavior in others. His long nose holds a connotation that wavers between the comical and sexual. He has the power to change his voice and his form, to teleport from one place to another, and even to enter people’s dreams. In the Tengu Festivals, the character is incarnated by a masked man who blends into the crowd and distributes random blows with a bat, provoking laughter and amusement.

Asian Art Collection of the Oscar Niemeyer Museum

(Donation: Fausto Martha Godoy), Curitiba

TRANSGRESSION + SEXUALITY + SUPERNATURAL

DEVIL

Folklore of Sierra Gorda de Querétaro

MEXICO

The region of Sierra Gorda in the Mexican state of Querétaro is filled with mountains, valleys and caves. And one of these caves, which can only be reached by a trail through dense woods, holds an intriguing

mystery. When one goes through the narrow opening, which only allows one person to enter at a time, the green of the forest gives way to a grayish color and the hot, humid climate gives way to a cold, dry sensation. Against the back wall, you see a statue of the Virgin Mary surrounded by candles. But a keen observer is also able to distinguish forms of diabolical faces on the walls, sculpted and designed by nature itself. Some residents in the region say that the cave was inhabited by a demon, others say it was Satan himself, until they placed the statue of the Virgin inside and successfully expelled the intruder. During the Christmas season, the saints and angels also battle a group of masked devils, in the outdoor theater of *Pastorela*, a dramatization of the fight of good against evil appreciated in Querétaro and other Mexican states.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL

MACHO CABRÍO

Jocha [Contemporary artist from Puno]

PERU

Associated with concepts of lust and virility, the figure of the goat appears in a wide range of mythologies. Ancient Greek myths state that on one occasion, Dionysus, the god of excess and bacchanalia, took the form of a goat, and thus began the preference for this animal as an object of sacrifice. In the Bible, the goat is associated with the world of sin, and its sacrifice is what allows for atonement (hence, the term “scapegoat”). In the Middle Ages, the horns and stench of the goat were attributed to images of the devil himself. And to this day, a man-goat hybrid — the so-called *Macho Cabrío* — is a key character in the mythology of Andean peoples. For the residents of Puno, and other cities near Lake Titicaca, he’s a demon that guards the entrance to the mines where the Great Devil lives. At the Fiesta de la Candelaria, the most important celebration in the region, every year, masked dancers reenact a fight between the Archangel Michael and *Macho Cabrío*, representing the eternal battle between good and evil.

Private collection

SEXUALITY + HYBRIDITY + SUPERNATURAL

DEMON (KONRON)

Gigaku [Style of silent theater, medieval in origin, involving miming, music and masks]

JAPAN

Though they do promote the religious precepts of Buddhism, the performances of Gigaku Theater are draped in irreverence, and even good-humored eroticism at times. Among its traditional characters, the demon represented by the mask displayed here is probably Konron. Always portrayed with his mouth open, alongside Rikishi, whose mouth is always shut, the two are analogous to the pair of guardian statues that protect the entrance to Buddhist temples. But in the Gigaku plot-line, the lusty Konron expresses desire for a maiden, beating a phallic prop called a marakata, until being contained by his companion Rikishi, in a dance that pokes fun at the double meaning.

Asian Art Collection of the Oscar Niemeyer Museum

(Donation: Fausto Martha Godoy), Curitiba

SEXUALITY

DEVIL

Dance of the Devils

COSTA RICA

The Boruca, who live in the southern region of Costa Rica, claim to be the only people in Central America to never have been conquered by the European colonizers. And they celebrate this resistance through the Dance of the Devils, also known as the Game of the Little Devils: a four-day festival held from December 30th to January 2nd, which dramatizes the fight between the Spanish and the Boruca, the former driven out by the latter. Famous for the sophisticated masks that they craft for the festival, they represent the colonizer as a great bull, keen on attacking others, and themselves as masked devils that resist him. The figure of the devil, in the dance, harks back to the European view that the religious beliefs of the natives that they found in Latin America were no more than contemptible superstitions. More than just simple fun, the game symbolizes the modern-day reality of indigenous peoples like the Boruca, who to this day need to fight against outside pressures to keep their traditions alive.

Private Collection

POWER + SUPERNATURAL

BATE-BOLA (CLÓVIS)

Carnival of Rio de Janeiro

BRAZIL

An heir of the characters of festivals brought over from Europe, the Bate-bolas spread joy and terror in Rio de Janeiro’s outer city limits during carnival. Also known as Clóvis, a distortion of the English word “clown,” revelers go out in groups, dressed identically in the same mask and the same costume, which grants them the sensation of liberty and that all is permitted. They maintain a tradition that began with the slaves, who donned masks to express their contained rage, forcefully beating ox bladders tied to sticks on the ground. In the contemporary version, in which the rubber balls are used instead, the aggressiveness remains a part of the party. It is not uncommon for the groups to intensify fear by setting off firecrackers and bursts of gunshots, before invading the streets of a neighborhood. Also not uncommon are reports of clashes between rival groups of Bate-bolas, resulting in serious injuries and even death for some revelers.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

UNTITLED

Stephan Doitschinoff [Contemporary artist]

BRAZIL

According to Brazilian artist Stephan Doitschinoff, the figure of the devil spread by Christianity is the fruit of one of the most elaborate acts of “symbolic hacking” in history. When Christians came to religious power in the Roman Empire, they began adulterating the sacred representations of conquered peoples, categorizing a large part of them as demons and enemies of Christ, in other words, Antichrists. As if in a puzzle, the image recognized as diabolical gradually accumulated parts of different cosmologies and religions:

Neptune’s trident, Baphomet’s horns, not to mention elements of female divinities, such as breasts. In this context, the act of donning a devil’s mask, with eyes that represent death in the form of coffins, can take on political symbolism in defense of the freedom of worship, which comes from Doitschinoff’s work to reassign meaning to religious images, questioning the dogmas they impose, and thus provoking reflection and criticism.

Stephan Doitschinoff Collection

TRANSGRESSION + POWER + DEATH

ACUPE GRIMACE

Festival of Independence of Bahia

BRAZIL

The arrival of July, the month in which the Portuguese left Brazil in 1823, is celebrated with a party in the in the Acupe district of the Recôncavo Baiano. The theme of the nation’s independence evokes the commemoration of the independence of the slaves. One of the most traditional rites is that of Nego Fugido [literally “Escaped Black”], a dramatization of the pursuit, capture and liberation of those who dared to run away. Also celebrated are the *Caretas de Acupe* [“Acupe Grimace”]: frightening masks worn by revelers who chase people in the alleys and streets, attempting to whip them. They say that freed slaves wore these sorts of masks to terrify slave owners, fueling the imagination that there were supernatural demons inhabiting those forests. However, the symbology of the whip seems to instead suggest that the demonic forces represented were the colonizers themselves.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

ELDERLY KING

Lhamo Theater [Classic style of dramatic Tibetan art involving music, theater and dance]

TIBET

In the 15th century, the mystic Tibetan Thangtong Gyalpo, while passing through the port of the Lhasa River, was moved to notice that many people wanted to cross the river but did not have money to pay to get across. He asked the captain of a watercraft if he would take them across for free. Instead, the captain assaulted him. Refusing to accept the situation, Gyalpo decided to dedicate himself to building bridges. In order to raise funds for their construction, he recruited seven sisters from the province of Lhoka, dressed in fine clothing, and began traveling with them to villages, organizing theatrical performances with musical number and dances. Fascinated, the audiences referred to them as “goddesses” (*lhamo*), which was said to be origin of the Lhamo theater, a style of Tibetan dramatic art that has hundreds of years old. With a repertoire that has changed little since the 15th century, the plays are based on Buddhist legends and romanticized versions of Tibetan history with figures distinguished by their colorful masks. The red masks, for example, are worn by kings, men of a certain age and those who hold positions of leadership and power.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER

OLD MONK

South Korean Buddhist rites

SOUTH KOREA

Once upon a time, an Old Monk dedicated his life to the study and spread of Buddhist teachings. One day, he unexpectedly sees two young women dancing in a village and experiences a strong feeling of lust. The more they dance, the more the feeling grows, until he can no longer resist and decides to court them. The religious man is observed by Prodigal, a pupil who agreed to become a monk because he had no talents in life, but resents having renounced everyday pleasures. Filled with jealousy, Prodigal fights the master to win the attention of one of the dancers. With a mask dotted with white stains, symbolizing the fact that he was corrupted, the Old Monk refuses to give up: he ends up fleeing with the other woman. Plots that blend elements of humor with moral lessons are part of the repertoire of some South Korean Buddhist rites, as is the case in this famous fable, dramatized in the *Pyolsandae* mask dance, typical of the city of Yangju.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + SEXUALITY

YANGBAN

Korean Buddhist rites

THE KOREAS

In the South Korean region of Yangju, the tradition of the Sande dance is practiced, a rite of masks with Buddhist influences and touches of humor that intends not only to entertain audiences, but also to drive away demons and ask the gods to promote peace and happiness. Among the dance’s typical characters is Yangban, one of the two aristocrats and aspiring poets, who, accompanied by the serf Maltugi, give life to one of the best-known plots of the Sande repertoire. After writing rhymes, the aristocrats discuss them with a wise man, each insisting that their poem is better than those written by the other two. When a police offer arrives and asks Maltugi to point out a thief, the serf denounces the wise man, accusing him of stealing the wisdom of others. Offering an ironic treatment of the superiority of practical intelligence over erudite knowledge, the plot is also part of the cultural repertoire in North Korean regions like Pongsan, but its performance is currently outlawed by the communist government.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER

CLOWN POET (LITTLE GYPSY)

Folia de Reis

BRAZIL

Twelve days after the birth of Christ, three kings traveled to visit him, guided by the star of Bethlehem. Caspar, Balthazar and Melchior presented the newborn baby with gold, incense and myrrh, the origin behind the Catholic tradition of exchanging presents in honor of the Nativity. Celebrated in January, the *Folia de Reis* celebrates this bible passage with a parade of musicians, dancers and

revelers. It was introduced to Brazil in the 16th century by Jesuit priests, as part of the catechization of the indigenous peoples and the Africans after them. But it ended up incorporating pagan elements like the representation of frightening animals in the masks of the clown poets, who recite verses exalting kindness and Christian values. In Rio de Janeiro’s outer city limits, it is common for the clowns to go house-to-house exhibiting their colorful clothing, doing frenetic dances, greeting the residents, playing with the children and reciting songs.

Collection of the Cultural Department / University of the State of Rio de Janeiro

TRANSGRESSION

KRISHNA

Chhau Dance of Saraikela

INDIA

One of the most revered deities among the Hindus, Krishna is the eighth and main form assumed by Vishnu, the god responsible for preserving the universe. Protector of life, at times represented as a young prankster, at others as an ideal lover, still others as a sacred hero. His blue body, entirely spiritual and incorruptible, is not subject to finitude and death. In the traditional Chhau Dance, a typical expression in the Indian district of Saraikela that incorporates martial arts movements and acrobatics, the masked man who represents Krishna often dances with another masked man in a peacock costume, the animal associated with god for its nobility and divine beauty. Derived from the word *chhaya* in Sanskrit, the name of the dance means “masks,” “shadow” or “image,” and its performances narrate the stories of the great epics of Hindu mythology.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER + SUPERNATURAL

SHIVA

Chhau Dance of Saraikela

INDIA

In the holy trinity of Hinduism, the god Shiva is a cosmic dancer who gives rhythm to the destruction and re-creation of life. His third eye, located on his forehead, is the symbol of knowledge, but he usually keeps it shut because when opened, it has the power to burn everything in its path. At times called *destroyer*, at others *transformer*, he is the one upon whom the universe’s cycles of renewal, created by Brahma and preserved by Vishnu, depend. Used in numerous sacred festivities in the different regions of the world where Hindu communities live, the mask of Shiva can assume aggressive or serene expressions. The latter is the case of the piece on display here, crafted in the style of the traditional Chhau Dance: a rite practiced in the Saraikela district in northeastern India which involves the manufacturing of instruments and masks as an homage to the main gods of the Hindu pantheon.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

CREATION + POWER + SUPERNATURAL + KNOWLEDGE + DEATH

HARLEQUIN

Halloween

USA

One of the most famous love triangles in the world began in 16th century Venice, with the masked characters that appeared in the traveling street shows. In the performances of *Commedia dell’Arte*, a genre of popular theater with strong elements of circus and improvisation, spectators were enchanted by the story of the charming Colombina, divided between the seduction of Harlequin and the platonic love of Pierrot. First she runs away with Harlequin, then regrets her decision and marries Pierrot, but spends her life dreaming of reencountering her old flame at some carnival. Wearing a hat with bells on the tips, Harlequin is an informal and bold character, with touches of a court jester. His name is derived from the term *hellequin*, an old French word used to designate a devil. Perhaps this is the inspiration for the piece displayed here: highlighting the diabolical features of the fool, the burlesque character turns frightening in this Halloween mask.

Luiz Filipe Carvalho Collection

TRANSGRESSION

ALTI DANTE

Carnival of Basil

SWITZERLAND

The embodiment of vulgar elegance, the *Alti Dante* (a variation on the German *Alte Tante*, “Old Aunt”) is the great dame of the Carnival of Basel. A caricature of an elderly upper class woman, the mask was created in the late 19th century, but when combined with the dress, hat and accessories, it comprises an outfit typical of the Biedermeier period (1815-1848). So it follows that the outfit was assembled by people of the lower classes, utilizing old out-of-fashion clothing that had no use. The mask of the Old Aunt allows an inversion not only of social classes, with poor people dressing up as the rich. It also allows for an inversion of gender roles, since it is also worn by men, representing the essential proposal of the carnival festivities: to dramatize the subversion of an established order.

Private collection

TRANSGRESSION

BATMAN

Cosplay [From the English for “costume + play”: conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

USA

Magnate Bruce Wayne holds a secret from his childhood: after witnessing his parents’ murder, he swore to take vengeance on criminals and defend Gotham City against all forms of injustice. He made the black symbol of his mourning into the figure of the Dark Knight, who has no superpowers and thus uses his intelligence to strike fear into the hearts of his opponents. Like a just, protective but menacing father, Batman stands at the limits between hero and villain. Inspired by the creature that sleeps by day and moves about at night, he symbolizes the forces hidden in the darkness of caves and the underground.

Private collection

TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER

IRON MAN

Cosplay [From the English for “costume + play”: conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

USA

Created by author Stan Lee for a 1963 comic book, Iron Man is the identity assumed by billionaire Tony Stark upon donning the armored suit that gives him his superpowers. An ingenious scientist and businessman, Stark lost his parents in an accident and, at age 21, inherited their entire fortune, which he went on to invest in his research and inventions. During the Vietnam War, he was struck by grenade shrapnel which became lodged near his heart. Wounded and imprisoned, he was coerced to invent a powerful war machine by the villain Wong Chu. But instead, he secretly invented the armor that would save his life. Empowered by the armored suit, he was able to kill Chu and escape back to the US. Since then, Iron Man has been fine-tuning his suit, armed with superhuman strength and capable of flying and shooting repulser beams from his hands. His main enemies are communist leaders and spies, exemplifying the Cold War context that marked the cultural imagination in many countries in the second half of the 20th century.

Private collection

JUSTICE + POWER

SPIDERMAN

Cosplay [From the English for “costume + play”: conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

USA

After getting bitten by a radioactive spider in a nuclear laboratory, student Peter Parker is amazed to see that he has acquired a set of arachnid powers, including the ability to climb walls and produce resistant and flexible strands of web. The murder of his Uncle Ben, who raised him like his own son, led Peter to assume the persona of Spiderman to fight crime in New York City. An artisan by instinct and nature, weaving its web using the substance of its own body, the spider is a character featured in several mythologies. In Greek legend, it is the form assumed, as punishment, by the weaver Aracne, who attempted to prove that she was more skilled than the goddess Athena. Among some of the peoples of Africa and Micronesia, the spider is a primordial god, who actually created man. In the contemporary western world, the symbology of the web with its multiple connections inspired the name of the global network of computers, christened the World Wide Web (www).

Private collection

JUSTICE + POWER

MEDICO DELLA PESTE / DOTTORE

Carnival of Venice / *Commedia dell’Arte*

ITALY

Since the 14th century, there are registers of masks worn by doctors during the plague epidemics in Europe, as part of a wardrobe that included hat, gloves, a long frock and a pair of special shoes. One of the most common masks functioned as a kind of respirator: it had two

openings for the eyes covered by glass lenses, two orifices for the nostrils and a large curved beak. Inside the beak they would place a sponge soaked in vinegar or a handful of perfumed substances such as lavender, thyme, peppermint or cloves. The objective was to avoid the fetid odors exhaled by the sick (considered the cause that of epidemics), protecting the doctor from infections. The image of a masked doctor as a grotesque giant bird, associated with the ideas of disease and death, fed the popular imagination. The mask of the *Medico della Peste* was adopted by the revelers at the Carnival of Venice and by the performances of *Commedia dell’Arte*, a popular street theater tradition that originated in the 16th century in which the character was best known as *Dottore* or *Graziano*, a miserly old rich man and pseudo-intellectual.

Private collection

KNOWLEDGE + DEATH

CARETO STEAMPUNK

Miguel Moreira e Silva [Contemporary artist]

PORTUGAL

In the Portuguese spoken in Portugal, “careto” means “masked individual,” a recurring theme in the work of Miguel Moreira e Silva, the artist in residence at the Iberian Museum of Masks and Garments in Bragança. In this work, he took inspiration from the concept of *steampunk*, an offshoot of science fiction, known for transposing high-tech devices to the Victorian Era, at the height of the Industrial Revolution. Well-represented in the writings of French author Jules Verne, who imagined adventures in contraptions that would only come into existence decades later, the steampunk style was adopted by fans of fantastical narratives who frequent cosplay events. In the context of the work by Moreira e Silva, *Careto Steampunk* combines the main characteristics of the style: references to complex but still mechanical technology (with valves and gears typical of the steam-powered machinery of the 19th century), combining the old with the new, the modern and the obsolete, in a single object.

Miguel Moreira e Silva Collection

HYBRIDITY

HANNIBAL LECTER

Halloween

USA

In the feature film *The Silence of the Lambs* (dir.: Jonathan Demme, USA, 1991), Hannibal Lecter is a brilliant psychiatrist and also a serial killer cannibal, whose jaw had to be restrained by a sinister muzzle. The mask serves not only to curtail the killer’s animal appetite, but also the danger of his manipulative words. Aside from devouring the flesh of his victims, Lecter delights in devouring their minds, hence the interest aroused by his mask, which has become popular prop at Halloween parties.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER + KNOWLEDGE + DEATH

KORE

Rites of the Bamana people

MALI

Though most of the Bamana people today are Muslim, many still worship their ancestors, often represented by sacred figures of animals or ones combining human and animal traits. These ceremonies have

a relationship with a strongly hierarchical society that is ordered not only according to castes, but also by six age groups: N’domo, Komo, Tyi, Wara, Nama and Kore. The first group, the N’domo, is open to children before they are circumcised, who must learn about the origin of mankind and their status in society. In the rite of passage to the next level, a representative of the last group, the Kore (who wear the style of mask on display here), fulfills the role of judging those who are about to move up to the next group, through the rite of circumcision. Characterized by cutting, sacrifices and tests of courage, these Bamana rites clearly demonstrate one aspect of rites of passage as a whole: something must die in order for something else to be born. And this process is symbolized by blood, pain and public demonstrations of power.

Ivani and Jorge Yunes Collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL + DEATH

EPA

Rites of the Ekiti-Yoruba people

NIGERIA

The *Epa* masks of the people who make up the Ekiti region in the Yoruba territory of Nigeria normally exalt glorious roles in the community, validating the authority of those who perform them, like their ancestors who once performed them. Warriors, hunters, priests and even mothers and elders can be honored along with an ancestral spirit. The former are generally depicted with their eyes open, viewing the physical world of the living, and the latter are generally portrayed with their eyes closed, signaling their metaphysical existence. Equestrian representations are also occasionally included in honor of the figure of the conquering hero, in a turbulent history of disputes and invasions. Worn in a variety of ceremonies, rites of passage and rituals of worship of the gods, *Epa* masks customarily provoke an imposing presence. Each one can weigh over 20 kilos, so wearing one is itself a test of strength and resistance, also because some rites can last as long as three days, involving performative dances and challenging jumps.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL

DIAO CHAN

Dixi theater [Ritualistic opera from the province of

Guizhou that exalts the feats of historical figures considered

blessed]

CHINA

Possessing unmatched beauty, Diao Chan was raised by the minister Wang Yun as his daughter. He was concerned about the fate of the Han dynasty under the rule of Dong Zhuo, a tyrannical landlord who was practically untouchable because of his bodyguards, including the undefeated warrior Lü Bu. In order to help her stepfather, Diao Chan participates in a plan to defeat Dong Zhuo and Lü Bu by turning them against each other. First, the minister offers his daughter’s hand to the warrior, who is instantly overjoyed by the idea. Next, he offers her to the lord as a concubine, who also accepts the proposal. Whenever possible, Diao Chan takes the opportunity to complain to one that she is being courted by the another. Soon enough the two men engage in a physical dispute, and Lü Bu kills Dong Zhuo. This is plot of the classic *Romance of the Three Kingdoms*, written by Luo Guanzhong in the 14th century and later adapted for

the Dixi theater. It is unknown whether Diao Chan actually existed, but her courage is exalted to this day in the performances, which combine historical facts and sacred, religious elements.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

SEXUALITY + POWER + JUSTICE

PRINCESS

Nuo exorcism dances

CHINA

For Chinese devotees of the Nuo tradition, disease and catastrophe can be attributed to the actions of ghosts, mainly those of people who suffered violent deaths. In order to drive away these and other inopportune presences, the faithful engage in a series of sacred rites, with an emphasis on the exorcism dances practiced in such provinces as Jiangxi. During the dances, mask-wearers fulfill the function of mediums, each lending their body to a divinity tasked with driving away unwelcome spirits. In some regions, the ceremonies are reenacted as veritable military battles, in which an army of gods battles one or more rebel demons, with generals, warriors, princes and princesses occasionally clustered into the plot. In the end, the spirits are not always killed or vanquished: it is common for them to be merely expelled, promising to return, which symbolizes the impossibility of exterminating evil once and for all.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

POWER

RANRYO

Bugaku dance [Traditional style of masked dance imported

from China in the 8th century]

JAPAN

Once upon a time, a young Chinese prince blessed with a face so seductive that he had to enter the battlefield wearing a mask that inspired fear. His intuition was not only to terrify his enemies, but also to prevent his own allies from being distracted by his beauty. This is the story of Prince Lanling (Ranryo in Japanese), which dates back to the 6th century and serves as the inspiration for one of the typical choreographies of the Bugaku Dance, practiced only by nobles in Japanese courts for over 1000 years, before becoming popularized in the second half of the 20th century. With their sophisticated masks, the dancers incarnate birds, dragons and other natural and supernatural beings, through slow, precise and elegant movements, dramatizing legendary battles or meetings between mythical characters, often influenced by elements of Buddhist cosmology.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

POWER + SUPERNATURAL

NANĀ

Candomblé

BRAZIL

The Supreme God Olorum tasked Oxalá, the Creator orisha, with making the world and human beings. Oxalá tried to make man out of air, and the

man dissolved. He tried to make him out of fire, but the man consumed himself. He tried wood, stone, water, olive oil, even palm wine, and nothing worked. Until he received the help of Nanā, the orisha of the rain, mangroves and swamps. At the bottom of a lake she obtained the mud that Oxalá used to shape man, which Olorum blew on to give him a soul. But Nanā demanded back the material she had loaned to the man: when he dies, his body returns to the earth. Adorned with straw and shells, elements of the land and the waters, Nanā’s crown pays homage to the oldest of the orishas, guardian of the grains and the port of entry and exit for souls, represented as a Great Mother Earth, like the goddess Gaia in Greek mythology.

Private collection

CREATION + POWER + SUPERNATURAL + KNOWLEDGE

+ DEATH

DEVIL

Xantolo [Feast of All Saints, celebrated in Huasteca on the

Day of the Dead]

MEXICO

In the Mexican region of Huasteca Potosina, the most celebrated day of the year is the Feast of All Saints, known as *Xantolo*, a distortion of the Latin *Festum Omnium Sanctorum*. The fruit of a mixture of Christian and pre-Colombian roots, the celebration takes place between October 30th and November 2nd, along with the Day of the Dead. One of the most important ceremonies in the festival is the procession of *comparsas*: masked paraders who take to the streets singing and dancing. In one of the dances, a reveler with a devil’s mask cracks a whip on the floor, opening the gate between the worlds of the living and the dead, and trying to carry the living over to the other side, but his antagonist, *Santa Muerte*, is there to stop him. In the end, the mask-wearers are stripped of their roles, handing their masks over to a Patriarch, who conducts a cleansing to “remove the dead” from each of their bodies.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL + DEATH

AYA UMA

Inti Raymi [Religious festival in honor of Inti, the Sun-God

of the Incas]

ECUADOR

Every winter solstice, the celebration of *Inti Raymi*, the most important Andean cultural festival, centers around the figure of Aya Uma (literally “spirit head” in the Quechua language spoken by the Incas), who leads the dances performed in thanks to Pachamama, the Inca earth mother, for another cycle of harvests. Erroneously conceived of as a demon, thanks to the influence of Catholic explorers who considered him a mere superstition, Aya Uma is a spiritual guide who helps maintain the cosmic order, because he is capable of concentrating the energies of Pachamama. The two-faced mask symbolizes the future that is to come and the past left behind, but its composition of embroidery or patches also represents the dismemberment of the local culture after the arrival of the Spanish. In one of his hands, Aya Uma grips a whip, a symbol for cure, power and authority, which becomes an icon of the indigenous resistance to European cultural

domination. The mask is of such importance that it can only be worn by a responsible worker, respected by the community and considered worthy of this honor.

Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

POWER + SUPERNATURAL

KING KLANA

Wayang Topeng [Traditional Javanese mask theater]

INDONESIA

Once upon a time, there was a prince named Panji, of the Janggala kingdom, who needed to make a long journey in search of his fiancé, Princess Candra of the Kediri kingdom, who disappeared in the forest on their wedding day. Throughout his adventures, the prince has to overcome many obstacles and fight various rivals. But none of the fantastical figures he has to face are as malicious as King Klana, a proud foreign leader who threatened to occupy part of Java in the 12th century and ended up as a typical character in the traditional Javanese mask theater. The theater has as its main repertoire the fictional adventures of the loyal and heroic Prince Panji, combined with historical events that occurred on the islands of Java and Bali.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + POWER

TAMOKÓ

Rites of the Wayana people

BRAZIL

The Wayana inhabit the region of Pará by the border with Suriname and French Guiana. According to their mythology, one day some men went to hunt and, while awaiting their prey in hiding, they saw a group of Tamokós, supernatural spirits that look like people, eating fruits in the forest. One of them hit the smallest Tamokó with an arrow. The other hunters fled, but they were spotted by another Tamokó, who followed them to their village and took revenge by devouring by an indigenous person. The spirit warned that, if provoked again, the Tamokós would return to destroy all the huts. But if they were calmed by songs and dances, they would not allow anything bad to happen to the village. Therefore, the shaman sang and danced, firming a friendship between the Tamokó and the Wayana. This is why, before the construction of a new hut, the Wayana realize a Cumeeira Festival, with men singing, dancing and wearing Tamokó masks.

Museum of the Indian Collection

SUPERNATURAL

WOMAN’S FACE (MFON)

Rites of the Anang people

NIGERIA

The masks produced by the Anang people are the property of Ekpo, an association of men responsible for worshipping ancestors. After the yam harvest, the Anang dance to maintain the social order, evoking the spirits of their ancestors represented in the masks. Much like the spirits, the masks can be of two sorts. Some have grotesque

features (*Idiok*) and are considered dangerous, though they can only be seen by members of the *Ekpo*. Others have beautiful, harmonious features (*Mfon*), able to be admired by all the Anang, as is the case of the Woman’s Face on display here.

Private collection

SUPERNATURAL

ANTHROPO-ZOOMORPHIC MASK

Rites of the Dan people

IVORY COAST

In the villages of the Dan people, initiation societies are responsible for maintaining order and ritual practices, controlling the craft and the use of various sorts of masks that serve as intermediaries between the natural and supernatural worlds. Adorned with a long beak characteristic of a hybrid human/bird face, the piece displayed here could belong to the *Bagle* category, worn by those who dance accompanied by a musical choir. But it might also belong to the *Gunyege* category, typical of those competing in races, or the *Zakpege* category, for those who act to prevent fires. These possibilities denote the difficulty in being certain of the function of a Dan mask based solely on its appearance, isolated from its ritual context.

Private collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL





SANTANDER BRASIL

PRESIDENTE CEO
Sérgio Rial

VICE-PRESIDENTE EXECUTIVA DE COMUNICAÇÃO, MARKETING, RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E SUSTENTABILIDADE EXECUTIVE VICE PRESIDENT OF COMMUNICATIONS, MARKETING, INSTITUTIONAL RELATIONS AND SUSTAINABILITY
Patrícia Audi

SUPERINTENDENTE EXECUTIVA DE EVENTOS, PATROCÍNIOS E CULTURA EXECUTIVE SUPERINTENDENT OF EVENTS, SPONSORSHIP AND CULTURE
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

COORDENADORA GERAL FAROL SANTANDER
GENERAL COORDINATOR FAROL SANTANDER
Karyna Nardelli

COORDENADOR DA COLEÇÃO SANTANDER BRASIL E MEMÓRIA BANCÁRIA COORDINATOR OF THE SANTANDER BRASIL COLLECTION AND BANKING MEMORIAL
Carlos Trevi

ANALISTA CULTURAL CULTURAL ANALYST
Iara Barbosa de Andrade

ANALISTA DE COMERCIALIZAÇÃO DE ESPAÇOS E EVENTOS ANALYST OF SPACE LEASING AND EVENTS
Jonas Villar

ANALISTA DE COMUNICAÇÃO
COMMUNICATIONS ANALYST
Tamiris de Melo Nunes

ANALISTA DE FACILITIES E GESTÃO PREDIAL
FACILITIES AND BUILDING MANAGEMENT ANALYST
Barbara Rema
Simone Alves de Paula Fernandes

GESTÃO PREDIAL BUILDING MANAGEMENT
Felipe Neiman
Vanessa Nogueira Affonso Oliveira
Cushman & Wakefield Ltda.

BILHETERIA, RECEPÇÃO E MONITORES DE OPERAÇÃO
TICKETING, RECEPTION AND OPERATIONAL MONITORS
Gisele Manfio
Rafael Santos
Sympla

EQUIPE DE SEGURANÇA E BOMBEIROS
SECURITY AND FIRE SAFETY STAFF
Edson Costa
Renato Ferreira dos Santos

ETNOS – FACES DA DIVERSIDADE

CURADORIA CURATOR
Marcello Dantas

PRODUÇÃO PRODUCTION
Magnetoscópio

PRODUÇÃO EXECUTIVA EXECUTIVE PRODUCTION
MadaíArt | Angela Magdalena

PESQUISA E COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO
RESEARCH AND CONTENT COORDINATION
Gisèle Bertin

PESQUISA E REDAÇÃO RESEARCH AND COPY EDITING
Fernanda Hamann de Oliveira

ESPECIALISTA EM ARTE AFRICANA E CURADOR DA COLEÇÃO IVANI E JORGE YUNES SPECIALIST IN AFRICAN ART AND CURATOR OF THE IVANI AND JORGE YUNES COLLECTION
Renato Araújo

DESENVOLVIMENTO DE PROJETO
PROJECT DEVELOPMENT
Aline Carrer

COORDENAÇÃO DE PROJETO
PROJECT COORDINATION
Tarsila Riso

ARQUITETURA ARCHITECTURE
Estúdio gru | Jeanine Menezes

ASSISTENTE DE ARQUITETURA
ARCHITECTURE ASSISTANT
Daniel Schauff
Lia Naomi G. Untem

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
PRODUCTION COORDINATION
Lorena Oliveira Vilela

PRODUÇÃO PRODUCTION
Luiza Testa

PRODUÇÃO DE MONTAGEM ASSEMBLE PRODUCTION
Sofia Neves Castilho

COMUNICAÇÃO VISUAL VISUAL DESIGN
19 Design | Heloisa Faria
Ana Carneiro

PESQUISA VIDEOGRÁFICA VIDEO RESEARCH
Luana Dias

EDIÇÃO DE VÍDEOS VIDEO EDITOR
Fernando Stutz

COORDENAÇÃO DE MONTAGEM DE OBRAS
ASSEMBLE COORDINATOR
Primeira Opção | Sérgio Santos

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO DE MONTAGEM
ASSEMBLE COORDINATION ASSISTANT
Thamires Lorusso

MONTAGEM ASSEMBLE
Andrey Feixas
Felipe Soranz
Jeff Lemes
Jorge Garcia

MONTAGEM AUDIOVISUAL
AUDIOVISUAL INSTALLATION
MMV | Mauro César

CONSERVAÇÃO CONSERVATION
Ângela Freitas
Fernanda Coutinho Santiago

ILUMINAÇÃO LIGHTING DESIGN
T19 Projetos
Dalton Camargos e
Caco Tomazzoli

CONCEPÇÃO 3D 3D DESIGN
Archimídia | André Wissenbach

FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY
Joana França
Luccas Villela

REVISÃO E TRADUÇÃO
PROOFREADING
AND TRANSLATION
Cícero Oliveira
Matthew Rinaldi

SEGURO INSURANCE
Affinitè Consultoria e Corretagem
de Seguros

ASSESSORIA JURÍDICA LEGAL ADVICE
Olivieri & Associados

TRANSPORTE TRANSPORTATION
Waiver Arts
Alves Tegam

CENOGRAFIA SCENOGRAPHY
Artos Cenografia
Baldoino

APOIO ADMINISTRATIVO
ADMINISTRATION SUPPORT
Dário Francisco
Rodrigo Marcel

EDUCATIVO EDUCATIONAL SERVICES
Criativa Arte e Psicologia Educacional

COORDENAÇÃO DE EDUCATIVO
EDUCATIONAL SERVICES COORDINATION
José Souza Ferreira da Silva

EDUCADORES EDUCATORS
Bianca Rodrigues
Juliana Saez de Carvalho
Leandro Eucerio Júnior
Mick Hendrix Silva Teixeira

AGRADECIMENTOS ACKNOWLEDGEMENTS
Adriana Beretta
Agni Alós Garcia
Alexandra Dias
Ana Carolina Delgado Vieira
Associação Gaúcha de Dança do Leão e Dança do Dragão
Beatriz Yunes Guarita
Bel Flaksman
Bruna Santos da Silva
Camilo Francisco Ghorayeb
Carla Patrícia de Oliveira Lizaraso
Carlos Testa
Celso Brandão
Coleção Ivani e Jorge Yunes
Dado Amaral
DAMSELFRAU
Departamento Cultural / UERJ
Eduardo Kobayashi
Eduardo Vaccari
Fausto Godoy
Fernando Brandão
Flavio Luiz de Mello
Fundação Memorial da América Latina
Fundação Oriente / Museu do Oriente –
Coleção Kwok On
Galleria Continua
Ione Couto
James Merry
Jens H. Jensen
Jonathan Júnior da Silva Mendes
Jose Chura Apaza
Juan Rafael Coronel Rivera
Júlia Fontes
Karen Duffek
Kinley Wangchuk
Lara Dantas
Leonardo Guimarães de Oliveira –
Grupo Enigma de Marechal Hermes
Luciane Santesso
Luiz Filipe Carvalho
Manuel Júlio Vera del Carpio
Maria Catarina Duncan
Maria Teresa Rojas Duran
Miguel Ángel Díaz Castorena
Miguel Moreira e Silva
Museu Casa do Pontal
Museu da Imigração
Museu do Índio
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
Museu Oscar Niemeyer
Museo Rafael Coronel
Nelma Alves Alós
Pedro Reyes
Regina Medeiros
Ricardo Azevedo Leitão
Rita Maria Erhart de Souza Dias
Rubens Lacerda
Ruth Levy
Susana Carrillo Le Roux
Stephan Doitschinoff
Stephan Winkler
Tabea Buri
Taïs Reganelli
Tshering Choki



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D214e
Dantas, Marcello
Etnos – faces da diversidade / Marcello Dantas; Catarina Duncan.
São Paulo, SP: ArteSam, 2019.
140 p.; 21 x 27 cm.

Edição bilíngue: português/inglês
ISBN 978-85-471-0240-1
1. Arte contemporânea. 2. Antiguidade. I. Duncan, Catarina.
II. Título.

CDD: 708

Ficha catalográfica elaborada por
Débora Soares Vicente de Santana - Bibliotecária CRB-9/1914

Índices para catálogo sistemático:
1. Arte contemporânea 708





Patrocínio

Apoio

Produção

Realização



getnet
Uma empresa Santander

FUNDAÇÃO
ORIENTE
MUSEU

Magnetoscópi©

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

